

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

NATHÁLIA PEREIRA DOS SANTOS COTRIM

**NARRATIVAS SOBRE MANOBRAS E MALABARISMOS DE ESTUDANTES
COTISTAS NA GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA NA UFRJ**

RIO DE JANEIRO

2024

NATHÁLIA PEREIRA DOS SANTOS COTRIM

NARRATIVAS SOBRE MANOBRAS E MALABARISMOS DE ESTUDANTES
COTISTAS NA GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA NA UFRJ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade
de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau
de licenciatura em Pedagogia.

Orientador (a): Prof^a Dr^a Gabriela Honorato

RIO DE JANEIRO

2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

NATHÁLIA PEREIRA DOS SANTOS COTRIM

NARRATIVAS SOBRE MANOBRAS E MALABARISMOS DE ESTUDANTES
COTISTAS NA GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA NA UFRJ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 14 de novembro de 2024.

Profª Drª Gabriela de Souza Honorato (Orientadora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profª Drª Graça Regina Franco da Silva Reis
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Profª Drª Joyce Louback Lourenço
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Eduardo Henrique Narciso Borges
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho àqueles e àqueles que, assim como eu, lutam e se superam a cada dia em prol de ocupar e existir em um espaço que durante muito tempo nos foi negado; e à minha família e amigas que me ajudaram e lutaram junto comigo neste processo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente, em primeiro lugar, aos meus pais, Sheila e Jeser, por terem me educado e guiado por um caminho em que me fez valorizar os estudos e enxergar potência na busca por conhecimento, além de me incentivar, desde criança, e me fazer entender que era possível que eu ingressasse numa universidade pública. Agradeço ao meu pai por todo sacrifício realizado para que eu permanecesse na universidade, como me levar no ponto de ônibus às quatro horas da manhã ou me buscar à meia noite; à minha mãe, pela responsabilização das tarefas domésticas e garantia de que eu tivesse roupas limpas e uma deliciosa comida quando eu chegasse completamente esgotada em casa. Agradeço também à minha irmã, Fernanda, por ter sido um exemplo e muitas vezes meu guia na UFRJ, me dando suporte e conselhos durante essa jornada. Eu definitivamente não teria conseguido dar conta das minhas demandas sem o suporte imensurável dedicado a mim pela minha família. Amo vocês, muito mesmo!!!

Não posso deixar de agradecer às minhas amigas, em especial à Júlia Guedes e Letícia Bomfim, que foram essenciais para que essa trajetória não fosse tão árdua. Com elas compartilhei os momentos felizes e os angustiantes desde a primeira semana de aula em 2019 até o fim da graduação em 2024— contando até mesmo com o período de escrita da monografia. Sou imensamente grata pela vida ter me presenteado com a amizade de vocês, mulheres e professoras incríveis, gigantes!!! Amo vocês demais! Agradeço também à minha *bestie*, Jennifer, por sempre me incentivar e me acompanhar desde o ensino médio. *I love you soooo much!!* Agradeço a todes que fizeram parte dessa minha caminhada e que contribuíram para meu crescimento e evolução de alguma forma, mesmo que não tenhamos chegado juntas ao fim dessa jornada.

Agradeço às minhas colegas de curso Gyanne, Isabela, Daniele e Beatriz por terem se disponibilizado e compartilhado suas experiências comigo e com outras diversas pessoas que lerão este trabalho. Sem vocês esse trabalho nem existiria, literalmente! Sou muito grata por ter compartilhado minha trajetória na UFRJ com mulheres tão potentes como vocês. As maiores!!!

Tenho enorme gratidão à minha orientadora do grupo de pesquisa, Graça Reis, que fez com que eu me encantasse pela pesquisa narrativa e desse vida à essa pesquisa que estou apresentando aqui. Agradeço por ser uma mentora e amiga que enxerga um potencial em mim que muitas vezes eu não vejo (risos). Sou muito grata por todos os conselhos, palavras de força, pelos livros emprestados e por toda confiança no meu trabalho. Você é uma inspiração pra mim!!!

Agradeço igualmente à Gabriela Honorato, orientadora desta monografia, por ter aceitado embarcar comigo nessa “nos quarenta e cinco do segundo tempo” (risos) e por ter sido sempre tão solícita e dedicada a esse trabalho. Muito obrigada, mesmo!!!

Por fim, apesar de tudo, agradeço à UFRJ por ter me proporcionado tantas oportunidades engrandecedoras, amizades que estão eternizadas e todos os momentos incríveis que vivi no aulário, CAPED, campinho, nossa pequena Paris — como chamamos o espaço de convivência que há no *campus*—, no Palácio e em todos os outros espaços ali. Jamais esquecerei essas vivências.

A linguagem como ato é a própria manifestação das existências. Como diriam os jongueiros em sua filosofia da linguagem: “palavra não se volta atrás”. Da mesma forma que um sujeito não se banha igualmente duas vezes em um rio, a palavra é caminho percorrido pelo ser, é estado e condição de sua presença no mundo. (Rufino, 2019, p. 56)

RESUMO

COTRIM, Nathália P. S. **NARRATIVAS SOBRE MANOBRAS E MALABARISMOS DE ESTUDANTES COTISTAS NA GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA NA UFRJ**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

A arte circense do malabarismo caracteriza-se pela habilidade de manipulação, arremesso e equilíbrio de determinado objeto (Santos, 2012, p. 14). Assim como nos espetáculos e apresentações de rua, nós, estudantes cotistas do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, simbolicamente, dominamos a arte do malabarismo ao estar constantemente tentando conciliar as demandas acadêmicas com demandas sociais, financeiras e psicológicas.

Apesar do avanço das políticas de assistência estudantil que buscam contribuir para a permanência e conclusão do ensino superior de pessoas oriundas de grupos étnicos e socioeconômicos comumente minorizados, a universidade ainda não consegue atender todas as demandas dessas/es estudantes (Houry, 2018) e permitir de forma integral “[...] ao estudante ter uma ampla vivência acadêmica e sucesso em seu processo de afiliação” (Oliveira; Magalhães, 2018, p. 191). Dessa forma, nós, estudantes, precisamos encontrar caminhos para equilibrar todas as responsabilidades e necessidades a fim de permanecer na graduação.

Compreendendo a existência de diversos trabalhos acadêmicos que já pesquisam sobre a temática. Intento nesta pesquisa abordar a questão a partir de outra ótica: através das narrativas compartilhadas comigo, daqueles e daquelas que estão imersos nos cotidianos dessa universidade como estudantes cotistas. Assim, por meio do referencial teórico e metodológico da pesquisa narrativa (Reis, 2023), busco conhecer e compreender as experiências e vivências da e na UFRJ e as manobras encontradas para dar conta, por meio do que tenho pensado como malabarismo pedagógico de demandas, pensando a permanência no curso de graduação; além de buscar compreender a importância desses e dessas estudantes para o curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: pesquisa narrativa; formação docente; assistência estudantil.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – PR7 em números	38
---------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAME - Centro Acadêmico Maria Eduarda

CAPED - Centro Acadêmico de Pedagogia (espaço físico)

CEG - Conselho de Ensino de Graduação

Consuni - Conselho Universitário da UFRJ

DAE - Divisão de Assistência ao Estudante

EJA - Educação de Jovens e Adultos

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

GOP - Grupo de Orientação Pedagógica

IES - Instituições de Ensino Superior

MEC - Ministério da Educação

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PMAP - Programa de Monitoria de Apoio Pedagógico

PNAES - Política Nacional de Assistência Estudantil

PR7 - Pró-Reitoria de Políticas Estudantis

PROFAEX - Programa Institucional de Fomento Único de Ações de Extensão da UFRJ

SiSU - Sistema de Seleção Unificada

SuperEst - Superintendência Geral de Políticas Estudantis da UFRJ

UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense

UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UEZO - Fundação Centro Universitário da Zona Oeste

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
METODOLOGIA.....	16
1. A IMPLEMENTAÇÃO DE AÇÕES AFIRMATIVAS NA UFRJ.....	18
2. A ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NA UFRJ.....	21
2.1. POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA E PERMANÊNCIA ESTUDANTIS PARA ALÉM DO ASPECTO SOCIOECONÔMICO.....	23
3. NARRATIVAS DE ISABELA, GYANNE, DANIELE E BEATRIZ: A EXPERIÊNCIA ENQUANTO UM ACONTECIMENTO SINGULARSOCIAL.....	30
3.1. MORAR DISTANTE DO CAMPUS E EM ÁREAS DE RISCO: “EU TÔ ME ESFORÇANDO MUITO PARA ESTAR AQUI, PROFESSOR”	32
3.2. DEMANDAS FINANCEIRAS: A NECESSIDADE DE UM SUPORTE FINANCEIRO.....	36
3.3. DEMANDAS ACADÊMICAS: ESTUDAR E TRABALHAR, SAÚDE MENTAL E SENTIMENTO DE NÃO-PERTENCIMENTO.....	41
3.4. COMO PERSISTIR DIANTE DESSES CENÁRIOS?.....	52
4. QUAL A IMPORTÂNCIA DOS/DAS ESTUDANTES COTISTAS DO CURSO DE PEDAGOGIA NA UFRJ?.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
ANEXO I - TRANSCRIÇÃO DAS NARRATIVAS	64
ANEXO II - TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DAS NARRATIVAS	94

INTRODUÇÃO

Não faço isto por vaidade ou soberba, mas porque considero que essa é a trajetória necessária ao processo das pesquisas nos/dos/com os cotidianos: precisamos nos ver, como pesquisadores, mergulhados em nossos próprios cotidianos, nos quais abraçamos ferrenhamente algumas ideias que devemos, desconcertados, deixar para trás ou criticar com força mais adiante, pois a vida se impõe todas as vezes e assim deve ser, em especial nessas pesquisas. Todo esse processo nos mostra em permanente movimento e nos indica que somos e pensamos diferente daquilo que pensávamos pensar algum tempo antes. (Alves, 2003, p.1)

Quando li este trecho em um dos trabalhos da pesquisadora referência no campo de pesquisa narrativa *nosdoscom* os cotidianos, Nilda Alves, pensei: “é exatamente por isso que escolhi abordar a minha temática”. Por muitas vezes, nós estudantes cotistas, nos martirizamos por não estar sendo, fazendo e tendo o que muitos outros colegas de curso que não são cotistas estão sendo, fazendo e tendo na universidade, uso os verbos assim no gerúndio porque aprendi que o mundo é complexo e não estático, ou seja, o hoje não solidifica o amanhã, ou como diria o mestre Paulo Freire (2000) “o mundo não é, o mundo está sendo”.

Falando por mim, confesso ter certa dificuldade para me colocar junto ao grupo que as políticas de assistência estudantil não alcançam de forma suficiente, porque sei que ainda venho e falo de um contexto muito privilegiado em comparação a outros e outras colegas, por ter mãe e pai presentes e casados e de não necessitar contribuir diretamente para o sustento da minha família. As dificuldades se apresentam para mim enquanto “cria” da educação pública carioca defasada, moradora da extrema zona oeste — como costume chamar— da cidade do Rio de Janeiro, em Santa Cruz, que não consegue custear a passagem cara do trem, pois o benefício oferecido pela prefeitura do Rio de Janeiro, o Passe Livre Universitário, não funciona em transportes públicos intermunicipais, por exemplo (Rio de Janeiro, Decreto Nº 38.280/2014). E ainda que exista uma política estudantil a conceder um valor para custeio de passagens intermunicipais, só quem tem direito ao benefício são estudantes que residam em outros municípios, claro (UFRJ, Edital Nº 3581/2023, Art. 1º). Além dessa política, existe a assistência à moradia, para estudantes que moram distante. Mas não distante como eu, que mora a três horas da universidade, porque eu não cumpro o requisito de distância em quilometragem (UFRJ, Edital Nº 351/2023, § 9º), além de morar no mesmo município do meu *campus*. Sendo assim, perco seis horas do meu dia em transportes públicos para poder obter um diploma numa

instituição de qualidade e socialmente referenciada como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Sei que, *a priori*, quando refletimos sobre a minha situação, não parece impactar tanto na minha vivência da/na universidade, mas o simples fato de eu morar longe e precisar de um suporte financeiro a mais para custear minha passagem, influenciou e influencia na minha graduação e aproveitamento das oportunidades oferecidas pela universidade, a começar pelo cumprimento da carga horária obrigatória em participação em projetos e cursos de extensão. No início da minha trajetória na universidade, tive dificuldade de encontrar projetos que fossem interessantes para o que eu queria me aprofundar e em horários que fossem possíveis para mim. Dessa forma, durante o período em que estudamos remotamente devido ao *lockdown* em razão da pandemia da Covid-19¹, aproveitei para cumprir todas as horas necessárias. Além disso, diversas vezes houve palestras e atividades realizadas na universidade no turno da noite, e eu não pude estar presente por morar muito longe e ser um percurso perigoso para ser realizado tarde da noite, especialmente sendo mulher e, portanto, um grande alvo de violências que vão para além de um assalto, por exemplo — o que já seria péssimo.

Apesar de ter tentado não me colocar nesta situação de risco, no final da graduação, foi necessário que eu cursasse disciplinas no período noturno. A fim de evitar riscos, precisei muitas vezes que meu pai me buscasse na estação ou ponto de ônibus em que eu descia. No entanto, novamente enfatizo, que isso é um privilégio que nem todos têm.

Quanto ao custeio da minha passagem, passei a graduação toda em busca de oportunidades que me proporcionassem uma bolsa-auxílio. No primeiro ano de graduação, em 2019, eu recebi a Bolsa de Auxílio Permanência Temporária, ou seja, de duração de apenas um ano. Existe a Bolsa de Auxílio Permanência para a graduação toda, mas eu não cumpri o requisito de renda. Dessa forma, quando acabou a duração da bolsa Temporária, já me preparei para conseguir alguma outra bolsa na universidade. Durante o *lockdown* da pandemia do Covid-19, tive a grandiosa oportunidade de participar como bolsista do PIBID 2020-2022 (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) com ênfase nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Com a situação financeira em casa apertando ainda mais durante este período, já quase na reabertura das escolas e fim do confinamento da pandemia, consegui estágios remunerados. Dessa forma, quando as aulas presenciais voltaram, não precisei buscar

¹ O Lockdown da pandemia do Coronavírus foi um protocolo de emergência aderido entre 2020 e 2022 com a intenção de evitar que as pessoas saiam de suas casas para atividades consideradas não essenciais, buscando reduzir o número de pessoas circulando e consequentemente controlar a disseminação do vírus.

bolsas na universidade. No entanto, fui desligada do estágio, e foi necessário, novamente, encontrar alguma coisa na universidade que pudesse me proporcionar uma bolsa.

Foi assim que entrei para o grupo de pesquisa e extensão ConPAS (Conversas com Professores: Alteridades e Singularidades) como bolsista de extensão no segundo semestre de 2022. A partir de 2023, passei a ser bolsista de iniciação científica e assim fui pelo restante da graduação. No início, a motivação para participar do grupo estava mais relacionada à bolsa oferecida do que por interesse pelos assuntos estudados, no caso, as pesquisas narrativas *nos/dos* com os cotidianos — apesar de haver interesse pelas discussões e vertente de pesquisa do grupo. No entanto, com o passar do tempo, fui percebendo o quanto gostava dessa linha de pesquisa e quão ricas e importantes eram as produções e discussões suscitadas nos encontros dos grupos. Fui percebendo que, desde que entrei na faculdade, refletia sobre diversas questões que o grupo também refletia: a não valorização existente, especialmente no mundo acadêmico, dos diferentes saberes; a não valorização das narrativas daqueles que vivem o chão da escola e da universidade; e, a invalidação das narrativas de nós, estudantes, muitas vezes por parte de professores e professoras na universidade, através de discursos elitistas², buscando justificar e naturalizar desigualdades sociais e educacionais, não compreendendo que o perfil dos estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro está mais democratizado e diverso, com mais alunos oriundos de classes sociais mais populares e de grupos sociais minorizados (Heringer *et al.*, 2022, p. 264-279)

Além desses enfrentamentos, cumprir a carga horária dos estágios de 500 horas no total, em apenas escolas selecionadas pelas professoras de prática de estágio que, em sua maioria se localizam na zona sul da cidade— até mesmo a do estágio de Educação de Jovens e Adultos, em que a maioria funciona no turno da noite—, foi um processo cansativo e difícil de conciliar. Sem custeio de passagem para isso, muitas vezes tive que pagar a passagem para ir até a escola de estágio, visto que o Passe Livre Universitário só disponibiliza quatro passagens por dia e apenas para ônibus, BRT e VLT (Rio de Janeiro, Decreto Nº 38.280/2014). Nós, estudantes, tentamos diversas vezes, e ainda estamos tentando, que as políticas de estágio obrigatório sejam revistas pela Universidade, pois elas acabam excluindo e atrasando a graduação de diversos graduandos, em sua maioria, cotistas. Em uma das Sessões da Congregação da Faculdade de Educação da UFRJ, realizada com a Coordenação de Estágios, as diversas falas elitistas que foram proferidas pelas professoras, me motivaram ainda mais a pesquisar e compartilhar as narrativas de estudantes cotistas de Pedagogia da UFRJ, acerca dos malabarismos que

² Para maior compreensão, ver *Elitismo e democracia: uma exposição teórica*, por Fernanda Schmökel, Caroline Rodrigues Miranda e Ronaldo Bernardino Colvero.

realizamos para permanecer e resistir na universidade. Esse movimento nos esgota mentalmente e fisicamente, mais do que deveria; nos faz cogitar desistir do direito de viver e ocupar esse espaço acadêmico e que realmente faz algumas outras desistirem.

Dessa forma, considerando a minha experiência e a de outros e outras estudantes cotistas de Pedagogia da UFRJ, intento em minha monografia abordar a questão a partir de outra ótica: através das narrativas, daqueles e daquelas que estão imersos nos cotidianos dessa universidade como estudantes cotistas. Através da pesquisa narrativa como aporte *epistemopolíticometodológico* (Reis, 2023), busco conhecer e compreender as experiências e vivências da e na UFRJ, e as manobras encontradas, por meio do que intento pensar como *malabarismo pedagógico*, para dar conta de inúmeras demandas e permanecer no curso de graduação; além de buscar compreender a importância desses e dessas estudantes para o curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Estabelecendo esse objetivo, no Capítulo 1 irei explicitar brevemente como a Universidade Federal do Rio de Janeiro incorporou as ações afirmativas no processo seletivo para seu ingresso. Em seguida, no Capítulo 2, irei abordar a história da assistência estudantil na UFRJ, suas diferentes concepções e valorização ao longo do tempo, nos levando ao item 2.1, que irei abordar as políticas de assistência estudantil na UFRJ que vão além da questão socioeconômica. Já no Capítulo 3, irei *recompartilhar* as narrativas divididas comigo pelas colegas cotistas do curso de Pedagogia em que, considerando as semelhanças entre nossas experiências da e na universidade, irei organizá-las a partir dos atravessamentos relatados por nós durante as nossas conversas. Assim, no item 3.1 irei abordarei a dificuldade de morar distante do *campus*; no item 3.2 abordarei as demandas financeiras; no item 3.3 abordarei as demandas acadêmicas e seus desdobramentos; e, no item 3.4, contarei o que motiva as estudantes a persistirem diante desses cenários. Em seguida, suscitarei a reflexão acerca da importância dos/das estudantes cotistas do curso de Pedagogia para a UFRJ a fim de entender suas possíveis contribuições à universidade. Por fim, apresentarei as conclusões que cheguei a partir da tessitura das narrativas compartilhadas com as literaturas as quais me debrucei durante a pesquisa.

METODOLOGIA

A minha experiência com e no campo de pesquisa narrativa na perspectiva *epistemopolíticometodológica* (Reis, 2023), tem me mostrado o quão difícil é a sua compreensão por parte daqueles e daquelas que pesquisam de outras formas, que partem das epistemologias da ciência moderna (Santos, 2008). Sendo comumente deslegitimada e inconcebível em diversos espaços acadêmicos, a pesquisa narrativa *nosdoscom* os cotidianos (Oliveira; Alves, 2008; Oliveira, 2008, p. 164), compreendendo a narrativa enquanto experiência (Berti; Carvalho, 2022), entende que ao evidenciar, acolher e escrever essas experiências encontramos novas possibilidades de dar sentido e inteligibilidade ao mundo e à abertura de novos mundos e realidades invisibilizadas e invalidadas (Yedaide; Porta, 2022; Berti; Carvalho, 2022). Além disso, compreendendo a experiência como um acontecimento *singularsocial* (Reis, 2022), que é individual ao mesmo tempo que se dá em um *espaçotempo* (Alves, 2001, p. 2) coletivo, pesquisar narrativamente *nosdoscom* os cotidianos se mostra um exercício de tessitura de conhecimentos, onde expõe os conhecimentos, crenças, saberes, valores e culturas que emergem desses cotidianos a partir dos sujeitos que vivem e convivem neles; e expõe os novos caminhos que surgem desses entrecruzamentos (Reis, 2023).

A partir desse entendimento, proponho nesta pesquisa refletir sobre a permanência no curso de graduação de Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro a partir do compartilhamento da minha experiência e de outras colegas de curso enquanto estudantes cotistas.

[...] como forma de estar presente no que se escreve, como criação de um mundo que não seja falso para quem narra, evitando criar outro risco, como o de explorar a realização de outros/as. Pesquisar pela e com narrativas não para dominar, mas para fazer-se na relação com o que estuda e com outras experiências (Berti; Carvalho, 2022, p. 194).

Não tenho como intenção analisar essas narrativas compartilhadas de forma a validá-las a partir das narrativas dominantes — como inscrevem os critérios da ciência moderna, tentando “[...] ensinar à realidade o que ela deveria ser” (Oliveira, 2008, p. 165). Ao pesquisar com essas narrativas, busco compreender de que forma as contribuições da implementação das políticas de ações afirmativas e das políticas de assistência e permanência estudantil atravessam essas experiências, e como a partir desses entrecruzamentos e suas brechas nascem possibilidades diversas de se pensar as demandas de permanência no ensino superior; como exercício de “[...] expor o realizado, para nós mesmos, enquanto sujeitos históricos” (Berti; Carvalho, 2022, p. 193) e compreendendo a possibilidade de “[...] reconstrução da vida enquanto possibilidade

produzida nas frestas, em meio à escassez [...]” (Rufino, 2019, p. 15). Logo, tendo como escolha *epistemopoliticometodológica* a pesquisa narrativa e bibliográfica, busco tecer esse diálogo das narrativas de estudantes cotistas do curso de Pedagogia na UFRJ com as narrativas dominantes dos teóricos acadêmicos de forma horizontal, compreendendo essas estudantes também como produtoras de conhecimento *nosdoscom* os cotidianos da UFRJ. Os estudos que irão ajudar a tecer essa rede de conhecimentos foram realizados, sobretudo, pelas teóricas pesquisadoras do campo de estudos em ensino superior da Faculdade de Educação da UFRJ, Gabriela Honorato e Rosana Heringer; além das teóricas do campo de estudo em pesquisa narrativa *nosdoscom* os cotidianos como Graça Reis, Andreza Berti, Rosa Carvalho, Inês Barbosa de Oliveira e Nilda Alves.

As narrativas das quatro estudantes que se disponibilizaram a colaborar com este estudo foram compartilhadas comigo por meio de conversas realizadas individualmente de forma *online* via plataforma *GoogleMeet*, sendo apenas uma das conversas sido realizada via *WhatsApp*. Todas as colegas permitiram a gravação dessas conversas para que eu pudesse transcrevê-las para a monografia, além de permitir o compartilhamento de seus nomes. Durante essas conversas, que ocorreram em março de 2024, trocamos nossas narrativas enquanto estudantes cotistas da Pedagogia, narrando nossas trajetórias na universidade, como vivemos e experienciamos esse *espaçotempo* (Alves, 2001, p. 2) a partir das políticas de assistência e permanência estudantil da UFRJ e refletindo de que forma essas experiências atravessam nossas formações e se essas vivências irão impactar nossas práticas enquanto educadoras.

1. A IMPLEMENTAÇÃO DE AÇÕES AFIRMATIVAS NA UFRJ

A Lei de Cotas ou Lei de Ações Afirmativas foi implementada, podemos dizer, recentemente. No ano de 2022, completaram-se dez anos de sua implementação e obrigatoriedade no seu cumprimento entre as universidades federais, com o intuito de promover o acesso democratizado de grupos sociais historicamente cerceados do direito ao ensino superior em razão das desigualdades sociais e, por sua vez, educacionais.

A Lei 12.711/2012 é uma grande conquista para os estudantes pertencentes a esses grupos minorizados — pretos, pardos, indígenas, de baixa renda, oriundos de escola pública e/ou com alguma deficiência— e fruto “[...] da luta do movimento negro somada à luta de militantes, de pesquisadores, de intelectuais, de parlamentares que, desde o final do século XX, vêm discutindo sobre as ações afirmativas nas universidades públicas, particularmente sobre as cotas para o acesso das pessoas negras” (Heringer *et al.*, 2022, p. 267).

A Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, foi uma instituição que se demonstrou demasiadamente resistente à implementação de políticas de ações afirmativas, visto que, anterior à promulgação da Lei de Cotas e após a Lei Estadual Nº 3.708/2001, que instituiu cotas de até 40% para negros e pardos para o acesso à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e Fundação Centro Universitário da Zona Oeste (UEZO) (Santos; Macedo, 2022 *apud* Heringer et al, 2022, p.267) durante o início dos anos 2000, existiam pouquíssimos debates acerca do assunto e não contavam com a participação dos estudantes da graduação e pós-graduação, servidores e técnicos (Heringer *et al.*, 2022, p. 267). Para além disso, nesses debates era defendida uma política de cotas sociais, não sendo compreendido a necessidade das cotas raciais e nem as relações étnico-raciais numa sociedade onde o racismo é institucional (Sodré, 2023), ou seja, um racismo que apesar de não ser reconhecido e formalmente fomentado pelo Estado e pelas esferas legislativas e jurídicas, é um racismo sistematizado nas instituições da sociedade brasileira, que vai além das injúrias, segregando e impedindo o acesso de pessoas pretas, pardas e indígenas a espaços histórico, social e politicamente ocupados por pessoas brancas em sua maioria, como a Academia. Mesmo com os protestos dos movimentos negros presentes na Universidade na época, em 2004 o Conselho Universitário (Consuni) declarou que “a mudança só seria feita caso o governo determinasse que as universidades federais reservassem cotas para negros” (Folha de S. Paulo, 2004, *apud* Heringer *et al.*, 2022, p.269). Foi apenas em 2010 que o debate acerca das cotas raciais ressurgiu no Consuni e foi estabelecida a Resolução 16/2010, com novos critérios para o ingresso na UFRJ no ano de 2011, sendo eles a destinação de 40%

das vagas para acesso por meio do vestibular próprio da UFRJ; 40% das vagas para acesso através do processo de seleção do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); e 20% das vagas para acesso de candidatos que cursaram integralmente o ensino médio em instituições públicas municipais, estaduais, e da Fundação de Apoio à Escola Técnica, do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ, 2010 apud Heringer *et al.*, 2022, p. 270). Com a aplicação de novas normas por parte do Conselho de Ensino de Graduação (CEG), o processo seletivo para o ano de 2011 passou a organizar as vagas dos cursos de graduação da seguinte forma: 40% destinadas ao acesso por meio de vestibular próprio da UFRJ; e 60% ao acesso por meio do processo de seleção do SiSU/ENEM, ainda considerando a ação afirmativa que diz respeito ao acesso de candidatos que cursaram integralmente o Ensino Médio em instituições públicas municipais, estaduais, e da Fundação de Apoio à Escola Técnica, do Estado do Rio de Janeiro.

Como podemos observar, até o ano indicado anteriormente, as vagas destinadas a candidatos oriundos de um ensino médio em instituição pública não abrangiam todo o território nacional, o que mudou a partir de pressão de movimentos sociais, o que é verificado pela Liminar Ação Civil Pública n. 2010.51.01.022203, da Justiça Federal do Rio de Janeiro (Heringer, 2022, p. 272). Além disso, mesmo diante das críticas e pressão do movimento negro, A UFRJ não incluiu em sua resolução acerca do processo seletivo de 2011 o recorte racial. A Universidade tão bem prestigiada incluiu a destinação de vagas para pessoas autodeclaradas pretas, pardas ou indígenas somente em 2012, para o ingresso em 2013, a fim de cumprir a obrigatoriedade da Lei de Cotas.

Apesar desses impasses para implementação das ações afirmativas na UFRJ, após mais de dez anos desde a implementação da Lei de Cotas, é constatado por meio das pesquisas sobre o ensino superior, que o acesso à universidade pública, especialmente à UFRJ, por parte desses grupos minorizados foi ampliado (Silva, 2019, p. 94). Atualmente, as contribuições das ações afirmativas para o acesso à universidade pública mais democratizado são visíveis quando olhamos, principalmente, para o perfil dos estudantes do curso de Pedagogia (Heringer *et al.*, 2022, p. 278-279).

Compreendendo essa mudança de público estudantil como parte de um processo de democratização do acesso ao ensino superior, fez-se necessário a elaboração e implementação de políticas que pudessem assistir esses estudantes e promover a garantia de sua permanência e conclusão da graduação (Heringer, 2022, p. 57), culminando na organização e criação de normas e órgãos responsáveis pela assistência e permanência dos discentes da UFRJ, principalmente daqueles e daquelas que acessaram a universidade por meio das ações

afirmativas. No capítulo seguinte, intento apresentar um pouco sobre como uma das mais bem conceituadas universidades do Brasil lidou e tem lidado com a demanda de assistir seus estudantes e garantir sua permanência.

2. A ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NA UFRJ

Como explicitado anteriormente, o processo de implementação das ações afirmativas na UFRJ foi bastante custoso e com a implementação de ações e programas para a assistência estudantil não foi diferente. O histórico da universidade quanto ao assunto é nebuloso, visto que não há muitos registros sobre como exatamente esse processo ocorreu, dificultando estabelecer uma linearidade temporal dos acontecimentos, além de mostrar que foi um processo lento (Dias, 2019, p. 15 a 18). Durante a década de 1970 já eram observados programas de assistência estudantil na UFRJ, sendo importante destacar que em 1979 há registros de que foi proposto à Universidade a organização de um grupo de trabalho que pudesse proporcionar serviços de assistência e orientação ao seu alunado, conforme estabelecido no artigo 26º do Regimento da Reitoria, como aponta o estudo de Dias (2019, p. 14). No entanto, a autora observa que esses serviços acabaram suprimindo mais a orientação educacional do que a de assistência estudantil em si. As ações de assistência estudantil nessa época eram implementadas pela Divisão de Assistência ao Estudante (DAE), vinculada à Pró-Reitoria de Graduação. Ao órgão lhe foi delegada a responsabilidade de assistir financeira e socialmente os discentes da UFRJ.

Considerando as janelas desse processo de estruturação e implementação de serviços para a assistência estudantil, em 1990 a DAE criou um projeto buscando articular as dimensões ensino e extensão ao constatar por meio de análise dos anos anteriores que se fazia necessário que a assistência estudantil fosse integrada a projetos acadêmicos e não ser tratada como um programa de assistência social (Dias, 2019, p. 16).

Em 2011, após o Decreto Nº 7.234, elaborado pelo Ministério de Educação (MEC) que estabelece o Programa Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes) objetivando a ampliação das condições de permanência estudantil de estudantes do ensino superior e público federal (Brasil, 2010), a UFRJ ainda através da Pró-Reitoria de Graduação criou a Superintendência Geral de Políticas Estudantis (SuperEst) a fim de

[...] de desenvolver uma estrutura burocrática/administrativa que dê conta de planejar, coordenar, acompanhar e avaliar programas e ações direcionadas à permanência e à assistência de seus alunos, particularmente dos “novos estudantes” (Honorato, 2015, p. 103).

A institucionalização da SuperEst foi bastante benéfica para a assistência estudantil da UFRJ, visto que, junto com o Pnaes, houve um aumento orçamentário, assim como marcou uma mudança de perspectiva ao eleger, no mesmo ano, uma gestão para a Reitoria focalizada em

assistência estudantil e “[...] nas propostas de criação de um órgão gestor específico para as políticas direcionadas aos estudantes, mobilizando o movimento estudantil” (Dias, 2019, p. 18).

Atualmente a universidade conta com a Pró-Reitoria de Políticas Estudantis (PR7), criada em 2018 por meio resolução Consuni Nº 01/2018, ficando responsável pela instituição de políticas estudantis voltadas para a garantia da permanência de seus estudantes, igualmente responsável da fiscalização e implementação do Pnaes.

2.1. POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA E PERMANÊNCIA ESTUDANTIS: PARA ALÉM DO ASPECTO SOCIOECONÔMICO

Além dos impasses apresentados anteriormente, o debate em políticas de assistência e permanência estudantis foi, durante muito tempo, caracterizado por discussões restritas à ideia de que essas assistências deveriam ser focadas apenas em um suporte socioeconômico ao alunado universitário mais vulnerável nesse aspecto (Heringer, 2022, p. 60). Ainda sob administração da DAE, o Programa de Auxílio ao Estudante aprovado em sessão do Conselho de Ensino de Graduação (CEG) no ano de 2000, teve alterações de suas normas em 2008, segundo a Resolução CEG 01/2008, que tinha como sua principal finalidade “[...] a garantia de apoio aos discentes em suas obrigações acadêmicas e à promoção de melhores condições socioeconômicas que garantiriam a permanência destes” (Dias, 2019, p. 41), determinando apenas aos estudantes da graduação dois tipos de auxílio: o moradia, que beneficiava estudantes com vagas no alojamento de Residência Estudantil da Universidade e uma bolsa manutenção; e bolsa de auxílio à permanência.

Diante da lentidão da UFRJ em se atualizar durante esse processo, mesmo com o Pnaes já implementado, a Resolução 01/2008 (CEG, 2008), esteve em voga até o ano de 2019, quando o Conselho Universitário da UFRJ aprovou uma nova Resolução (02/2019), só então compreendendo a necessidade da ampliação de auxílios que beneficiassem os estudantes em outros aspectos que também possam impactar sua permanência (Consuni, 2019, p.1). Nesta nova Resolução, levando em consideração o Decreto Nº 7234, ficaram estabelecidos novos meios de assistir esses discentes, compreendendo como possíveis influências na questão da permanência aspectos acadêmicos — como esses estudantes lidam com as demandas de disciplinas, estágios, pesquisa e extensão—, aspectos de sociabilidade na universidade — integração com aqueles e aquelas que frequentam o espaço; sentir-se pertencente e bem-vindo/a na universidade—, além de aspectos culturais e pessoais (Heringer, 2022, p.6). Dessa forma, a Resolução 02/2019 estabelecida pelo Consuni e vigente atualmente, institui novas ações, como o Programa de Acolhimento em Saúde (I), Programa de Alimentação (II), Programa de Apoio a Estudantes Mães e Pais (III), Programa de Apoio Pedagógico (IV), Programa de Inclusão e Combate a Opressão e Violência (V), Programa de Esporte e Lazer (VI), Programa de Incentivo à Cultura (VII), Programa de Moradia Estudantil (VIII), Programa de Transporte (IX), e o Programa de Atendimento a Situações Emergenciais (X) (Consuni, 2019, Art. 7º). Dentre esses programas, são alcançados pela educação básica — estudantes do Colégio de Aplicação da UFRJ—, graduação e pós-graduação os dos incisos I, II, III, IV, V, VI, VII, IX e X, visto que

o Programa de Moradia Estudantil (VIII) é destinado apenas aos discentes que já alcançaram a maioria e que façam parte da graduação ou pós-graduação (Consuni, 2019, Art. 7º, § 1º e 2º).

Além disso, a nova Política de Assistência Estudantil define também como auxílios para além dos já existentes de moradia e permanência, os auxílios transporte, alimentação, creche entre outros, destinados, sobretudo, a estudantes cotistas por renda familiar *per capita* até um salário-mínimo e meio (Honorato, 2015, p. 104), como orientado pelo Decreto Nº 7234. Atualmente, o Pnaes não é mais um programa e sim uma política, como instituído pela Lei nº 14.914/2024 (Brasil, 2024), abrangendo agora os seguintes programas e ações:

- I - Programa de Assistência Estudantil (PAE);
- II - Programa de Bolsa Permanência (PBP);
- III - Programa de Alimentação Saudável na Educação Superior (Pases);
- IV - Programa Estudantil de Moradia (PEM);
- V - Programa de Apoio ao Transporte do Estudante (Pate);
- VI - Programa Incluir de Acessibilidade na Educação (Incluir);
- VII - Programa de Permanência Parental na Educação (Propepe);
- VIII - Programa de Acolhimento nas Bibliotecas (PAB);
- IX - Programa de Atenção à Saúde Mental dos Estudantes (PAS);
- X - Programa Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior (Promisaes);
- XI - Benefício Permanência na Educação Superior; (Brasil, 2024, Art. 4º).

Além dessas modificações, caso haja disponibilidade de recursos orçamentários, a Pnaes estenderá programas e ações a estudantes de programas presenciais de mestrado e doutorado; e estudantes do ensino superior público estadual, distrital e municipal por meio de convênios. Ocorreram também algumas outras mudanças, como a abrangência de estudantes estrangeiros em vulnerabilidade socioeconômica ou refugiados (Brasil, 2024, Art. 1º, § 2º); e de requisitos que os estudantes devem cumprir para serem beneficiados pela política, como obter renda familiar *per capita* que não ultrapasse um salário-mínimo (Brasil, 2024, Art. 6º, IX). Considerando que o poder de compra brasileiro diminuiu quase pela metade na última década (Brasileiros, 2024), a mudança da regra da renda *per capita* familiar, sendo reduzida a um salário mínimo para os estudantes, pode não ser tão contributiva para a garantia da democratização do acesso e permanência dos estudantes, além da diminuição de retenção e evasão, como a política se propõe a fazer (Art. 2º, I e III), visto que, anteriormente, quando considerava-se o requisito de estudantes que sua renda familiar *per capita* não ultrapassasse um salário mínimo e meio, já não supria as demandas financeiras necessárias para a permanência de vários estudantes, como veremos mais adiante em algumas das narrativas compartilhadas pelas colegas.

Observando o desenvolvimento do debate e ampliação das políticas públicas voltadas para a assistência e para a permanência estudantil na UFRJ e em outras instituições públicas de ensino superior, podemos perceber que houve, de fato, uma mudança de perspectiva sobre o assunto, demonstrando que a universidade passou a considerar ações que fossem além de bolsas de auxílio permanência e compreendendo a necessidade de elaborar ações para garantir que esses e essas estudantes possam se alimentar na universidade, possam ter condições de frequentar/acessar o espaço físico a universidade plenamente, entre outras ações que buscam proporcionar aos estudantes a sua integração na/com a universidade de forma digna e plena. A fim de compreendermos melhor a importância da integração dos estudantes na/com a universidade e com aqueles e aquelas que compartilham desse ambiente, irei partir das contribuições de Vincent Tinto — por meio dos estudos de Honorato e Borges (2023) —, referência nas pesquisas acerca das ações que as instituições de ensino superior (IES) brasileiras realizaram e realizam para garantir a permanência dos e das estudantes visando seu aprendizado pleno. Ao concluir que o “fracasso” — evasão — e o “sucesso” — conclusão do curso e aprendizado pleno — acadêmicos não são responsabilidade apenas dos/das estudantes, Tinto busca compreender de quais formas as instituições podem contribuir para a permanência dessas pessoas. Além dessa perspectiva, o pesquisador entende que a permanência vai além de simplesmente estar frequentando a universidade, entendendo que se trata de um movimento de persistência nos estudos por parte desses e dessas estudantes ao vencer as dificuldades que se apresentam em suas trajetórias acadêmicas. Ao longo de suas pesquisas, Tinto alegou que “[...] a evasão poderia ser explicada pela insuficiência de integração do estudante à instituição de ensino” (Honorato; Borges, 2023, p. 5). Dessa forma, as IES devem estudar estratégias e ações formais e/ou informais que promovam e contribuam para o desenvolvimento acadêmico do corpo discente e para seu entrosamento com os sujeitos que vivenciam a universidade: professores, estudantes e funcionários.

Considerando que a questão da permanência estudantil se estende por todo o curso, as instituições devem acompanhar as demandas que se apresentam em cada período da trajetória acadêmica de seus estudantes, de forma a contribuir para que estes persistam no curso. Tinto alega que as IES ao promoverem

[...] acolhimento e suporte acadêmico, social e financeiro; nas atividades educacionais e sociais de integração e/ou de engajamento na sala de aula; e ao desenvolverem um senso de pertencimento e de identidade institucional e profissional, atuariam como um contexto mais abrangente de bem-estar social e intelectual para que os estudantes decidissem pela permanência, “persistindo” diante de dificuldades. Expectativas, metas institucionais e atividades administrativas seriam importantes para o estabelecimento

de um clima favorável ao engajamento estudantil e ao desenvolvimento de programas diferenciados para estudantes com interesses e motivações diferentes. (Honorato; Borges, 2023, p. 6)

Nessa perspectiva, é verdade que a UFRJ possui ações que buscam propiciar aos estudantes recém matriculados um acolhimento e direção sobre a estrutura e funcionamento da instituição, como o Grupo de Orientação Pedagógica (GOP) da Faculdade de Educação, voltado apenas para estudantes de licenciaturas; e suporte pedagógico a fim de auxiliar os estudantes a lidarem com as demandas acadêmicas no que tange disciplinas, atividades de pesquisa e extensão, como o Programa de Monitoria de Apoio Pedagógico (PMAP), que abrange todos os estudantes de graduação da UFRJ. A primeira ação, o GOP, tem como finalidade acolher e orientar licenciandos na sua trajetória acadêmica, desde o início da graduação, no que diz respeito às disciplinas, atividades de pesquisa e extensão, atividades complementares e às práticas de ensino como componente curricular. Como uma ação voltada para “[...] evitar os principais dilemas que levam os egressos a desistirem da docência” (Garcia, 2022, p. 20), ela em nenhum momento foi citada pelas colegas que conversaram comigo como uma ação que tenha sido importante para elas nesse sentido. Como estudante que já participou de um GOP, confesso me lembrar vagamente das reuniões, ficando guardado na memória momentos em que eu e as outras estudantes conversávamos junto à professora que coordenava nosso grupo sobre as dificuldades que passávamos para estar ali e recebíamos algumas sugestões para superá-las. Particularmente, não sinto que possuíram forte impacto na minha trajetória na universidade, especialmente enquanto aluna cotista.

No que concerne ao PMAP, trata-se de um programa que busca oferecer suporte nos conteúdos de disciplinas básicas aos ingressantes, visando redução na evasão e na reprovação no início dos cursos, programa este que Daniele — uma das colegas que compartilhou sua narrativa comigo — e eu participamos. Tratava-se de encontros com estudantes concluintes — quase como uma aula — onde, a partir das nossas dúvidas, eram ministradas pequenas aulas buscando saná-las, como por exemplo, como desenvolver e organizar nossa escrita acadêmica e dicas de métodos de estudo. Diferente do GOP, o PMAP foi mais proveitoso para mim, pois para nós que moramos longe da universidade e trabalhamos/estagiamos, pensar em métodos de estudo que otimizem nosso tempo e sejam eficazes é de suma importância. Para Daniele, mesmo tendo participado de poucos encontros e de forma remota, também foi proveitoso para compreender melhor o funcionamento da Faculdade de Educação e da UFRJ como um todo.

Além disso, o autor constata, a partir das pesquisas sobre evasão e permanência estudantil, que as indicações para ações institucionais é que essas sejam mais gerais em sua

implementação, compreendendo a atuação dessas ações de forma indireta no sucesso — persistência— do seu alunado, já que serviriam para influenciar o corpo docente e outros funcionários das instituições para então incentivar os estudantes a persistirem em suas graduações. Visto o impacto direto da postura de professores e professoras e outros funcionários em relação aos discentes, o movimento de escuta ativa das demandas dos/das estudantes proporciona melhores ações institucionais e estimula o desejo por persistir na universidade (Honorato; Borges, 2023, p. 6). O compartilhamento dessas informações pelos alunos e alunas proporciona às instituições de ensino superior (IES) maior respaldo para a elaboração e melhoria de novas ações que busquem solucionar a problemática da evasão de estudantes. No entanto, como compartilhado na minha narrativa quando cito uma das Sessões da Congregação da Faculdade de Educação da UFRJ, realizada com a Coordenação de Estágios, o movimento de escuta ativa ainda é uma questão não tão bem atendida, pelo menos pela Faculdade de Educação. Apenas disponibilizar um momento e espaço de escuta, não é suficiente e infrutífero. No artigo *A arte de escutar: nuances de um campo de práticas e de conhecimento*, as autoras Maria Suzana de Souza Moura e Valeria Giannella pontuam acerca da escuta ativa que

O propósito não é apenas ouvir para registrar uma opinião, é compreender o que está por trás, para além da aparência, uma porta para o diálogo e revisão das próprias certezas, uma chance de enxergar outras possibilidades e modos de ser das coisas. (Moura; Giannella, 2016, p. 1)

Para isso, encaro como importante a prática da escutatória — a de Rubem Alves, mas também a de Deise Conceição e de Silena Ribeiro (2022, p. 179-187). Para tal movimento é necessário estar disposto a acolher, refletir e respeitar os sentimentos e memórias daqueles e daquelas que estão partilhando suas narrativas, compreendendo que se trata de um processo movido e construído pela empatia (Conceição; Ribeiro, 2022, p. 181). Quando se abre um espaço para um diálogo, uma conversa, especialmente com finalidade de escutar os estudantes, é muito grave escutar discursos que invalidam as experiências insatisfatórias compartilhadas ali e nos desestimulam e desencorajam ainda mais a permanecer naquele espaço.

Dentre outras questões levantadas nos estudos de Tinto analisados por Honorato e Borges (2023), está o impasse de propor políticas que abrangem também aqueles e aquelas estudantes que não conseguem estar presentes no *campus* por muito tempo, muitas vezes por precisarem trabalhar ou realizar estágios remunerados. Dessa forma, ele considera fundamental que a instituição promova ações que possam servir como uma espécie de guia social, acadêmico e geográfico da instituição (Honorato; Borges, 2023, p. 8). Quando ingressei em 2019.1,

recordo-me de receber fisicamente um guia de calouro elaborado por organizações estudantis, não lembro qual exatamente. No entanto, é visível que, com o passar dos anos, a Universidade Federal do Rio de Janeiro vem se empenhando em criar materiais como o “Guia da PR7 para o calouro” (UFRJ, 2023) contendo informações acerca das políticas de assistência estudantil e sobre o funcionamento da universidade como um todo — quais órgãos universitários se dirigir em diferentes contextos e como realizar o contato com esses departamentos e divisões, por exemplo. No portal da Pró-Reitoria de Graduação (PR1), durante a pandemia do Covid-19, foram disponibilizados materiais pedagógicos com dicas de como estudar na quarentena e como lidar com os estudos no período remoto. Além desses materiais, também foram publicados materiais com o objetivo de orientar estudantes concluintes no processo de escrita do Trabalho de Conclusão de Curso e como lidar com esse encerramento de ciclo e, para alguns, a entrada no mercado de trabalho.

Apesar da Universidade possuir esses materiais, em nenhum momento as colegas que compartilharam suas narrativas comigo ou outros/outras colegas de curso citaram ter ciência da existência deles. Desse modo, um enfoque maior na divulgação desses materiais se mostra de suma importância para que eles de fato alcancem sua finalidade.

Em razão de haver alunos e alunas que carecem de suporte financeiro, Tinto também compreende que as IES promovam oportunidades de trabalho dentro da universidade, oferecendo bolsas de auxílio financeiro para que esses estudantes realizem alguma atividade dentro da instituição.

Outras propostas de ações que as IES podem promover são as de avaliação do impacto das políticas de permanência e assistência estudantil para taxa de conclusão do curso, ao invés de somente prestar conta desses programas. A UFRJ dispõe do portal da Pró-Reitoria de Políticas Estudantis (PR7), com informações acerca dos programas de assistência estudantil, disponibilizando na seção “PR7 em números”, dados atualizados das matrículas ativas de ampla concorrência e dos ingressos por ação afirmativa.

Assim, quando refletimos sobre o que a UFRJ tem feito para promover e garantir a permanência de seu alunado para além dos auxílios financeiros a partir das sugestões de Vincent Tinto, a Universidade mostra que, apesar de apresentar relutância e demora ao implementar políticas de assistência estudantil que considerem os diferentes fatores que afetam a permanência dos discentes, ela tem buscado se movimentar para criar programas, materiais e meios em geral para poder alcançar ao máximo seus/suas estudantes. No entanto, o que intento nesta pesquisa é conhecer um pouco sobre como essas ações têm sido recebidas pelo alunado

cotista da Pedagogia e se há contribuições e quais seriam elas para a permanência dessas pessoas.

Visto isto, no capítulo seguinte iremos conhecer as experiências de quatro alunas cotistas do curso de Pedagogia da UFRJ, enquanto estudantes que precisam lidar com as diversas demandas e atravessamentos, como a distância entre suas residências e o *campus* da Praia Vermelha, mais as demandas acadêmicas e as demandas financeiras que as tornam na maior parte das vezes, para além de estudantes, trabalhadoras.

3. NARRATIVAS DE ISABELA, GYANNE, DANIELE E BEATRIZ: A EXPERIÊNCIA ENQUANTO UM ACONTECIMENTO SINGULARSOCIAL

Quando iniciei o processo de me reunir — mesmo que virtualmente— com as colegas de curso Isabela, Gyanne, Daniele e Beatriz, pensei que a melhor forma de compartilhar suas narrativas neste estudo seria separadamente. No entanto, conforme as conversas iam acontecendo, percebi como as nossas experiências se entrecruzam e se assemelham, ainda que sejam experiências carregadas de singularidades. Essas experiências, para que sejam relatadas, faz-se necessário acessá-las em nossas memórias e que, enquanto memórias, são constituídas a partir das nossas singularidades, mas também a partir das experiências daqueles e daquelas as quais compartilhamos do mesmo *espaçotempo*. Estar e vivenciar o espaço da UFRJ enquanto estudantes cotistas do curso de Pedagogia, durante um mesmo período histórico, político, econômico e social—, nos mostrando que as experiências são acontecimentos *singularessociais*. Isabela é uma estudante cotista na modalidade de estudantes oriundos de escolas públicas e de baixa renda; é moradora da Baixada Fluminense, mais especificamente no município de São João de Meriti. Além dela, Daniele e Beatriz também são oriundas do mesmo lugar, mas Daniele é cotista apenas por ter estudado em escola pública — apesar de ter os requisitos para as modalidades de cota racial e de renda, o que comentarei melhor daqui a algumas páginas. Beatriz é cotista pela modalidade que abarca pretos, pardos e indígenas, oriundos de escolas públicas e de baixa renda, assim como eu. Já Gyanne, é cotista na modalidade de estudantes oriundos de escolas públicas e de baixa renda e cria da cidade do Rio de Janeiro, moradora do Complexo da Maré, na zona norte da cidade. Ainda que tenhamos acessado a universidade por meio de diferentes modalidades das ações afirmativas, Isabela, Gyanne, Daniele, Beatriz e eu compartilhamos da árdua vivência da luta por permanecer em uma das mais conceituadas universidades do país, ao passo que tentamos dar conta das demandas acadêmicas, financeiras e pessoais, como em um verdadeiro show de malabarismo, enfrentando todos os atravessamentos presentes em nossas trajetórias como os problemas da violência e péssima mobilidade urbana; insuficiência do aporte financeiro ofertado pelas políticas de assistência e permanência da UFRJ; desgaste psicoemocional; sensação de não pertencimento ao espaço da universidade entre outras questões que impactaram e/ou impactam a nossa permanência na graduação. Para que chegássemos aonde estamos, como concluintes da graduação, mesmo tendo “passado” do tempo previsto de nove períodos, criamos manobras de “[...] múltiplas formas de invenção da vida cotidiana em meio a batalhas, jogos, dribles, rasuras, sucateios, ressignificações e estripulias praticadas nas frestas” (Rufino, 2019, p. 42).

Considerando o contexto aqui relatado, irei *recompartilhar* as narrativas que foram divididas comigo a partir dos atravessamentos que eu e as colegas vivenciamos.

3.1 MORAR DISTANTE DO CAMPUS E EM ÁREAS DE RISCO: “EU TÔ ME ESFORÇANDO MUITO PARA ESTAR AQUI, PROFESSOR!”

Como discutido nos capítulos anteriores, acessar a universidade e permanecer nela são duas coisas diferentes. O acesso à universidade pública como sinônimo de ingresso realmente foi ampliado após a Lei de Cotas. No entanto, quando falamos de acesso à universidade pública querendo significar chegar ao seu espaço físico, vemos que para nós, estudantes que advêm das áreas periféricas da cidade e do estado do Rio de Janeiro, o simples ato de frequentar esse espaço já é um desafio diário. Devido aos serviços de transportes públicos ofertados e o aporte insuficiente do Bilhete Único Universitário, fazer o trajeto de nossas casas até o campus da Praia Vermelha da UFRJ se apresenta como um verdadeiro malabarismo para nós. Sair de casa horas antes do horário da aula e chegar tarde da noite é o dia a dia de Isabela, Daniele, Beatriz e diversas outras.

Uma das maiores dificuldades, também, que eu senti, foi essa questão da distância porque ou eu saio de casa quatro e meia da manhã ou eu chego em casa onze e quarenta, onze e cinquenta da noite. Quando eu pego matéria de manhã é isso: sair quatro e vinte, quatro e meia [da manhã]. E quando eu pego matéria à noite, *pra* tentar conciliar de alguma forma os estágios e as disciplinas, eu chego em casa onze e quarenta, e se alguma coisa der errado no transporte público, eu chego em casa mais de meia noite. (Narrativa de Isabela, 2024).

Acordo às 4h para sair de casa às 4h40 para pegar o primeiro ônibus, acredito que esse horário é quase um padrão para quem mora mais distante, já ouvi de outros colegas que acordam no mesmo horário. (Narrativa de Beatriz, 2024)

Morando em São João de Meriti, Isabela compartilhou comigo que essa rotina que é exaustiva fisicamente, também nos leva a exaustão mental e emocional ao precisarmos nos preocupar com os gastos de passagem no fim do mês e com a nossa própria segurança, especialmente enquanto mulheres, ao percorrer mais de 40km em horários que nos deixam ainda mais vulneráveis à violência urbana.

Mas essa questão de morar longe, é muito difícil, porque eu *tô* sempre saindo em horários extremos: ou muito cedo de manhã, ou muito tarde, à noite; e é sempre uma preocupação: quando eu chego tarde eu penso “caraca, será que tá tranquilo? Será que alguém vai poder me buscar na esquina?” e o transporte já começa a ser precário, porque o último ônibus que passa mais próximo da minha casa, sai da Central às dez e meia da noite. (Narrativa de Isabela, 2024)

Para além dos perigos no trajeto à faculdade, as estudantes Isabela e Gyanne moram em locais dominados por poderes paralelos e relataram já terem passado por situações de extremo

risco e sua preocupação diária com elas. Mesmo que a distância que Gyanne percorra de sua casa até o campus UFRJ/Praia Vermelha seja a metade do percurso de Isabela, a estudante também enfrenta a problemática de estar sempre suscetível a enfrentar um tiroteio repentino por morar no Complexo da Maré. Além dessa preocupação, Gyanne conta apenas com uma linha de ônibus que pode levá-la à Universidade sem precisar fazer baldeações e de modo mais rápido. No entanto, com uma linha precária que circula em horário reduzido, além do corpo cansado de uma estudante que trabalha e nem sempre consegue chegar nos horários estabelecidos nas aulas, muitas vezes perdendo até mesmo provas e outros tipos de avaliações.

O ônibus que eu tenho *pra* ir para a faculdade é o 483, só tenho esse ônibus [linha Penha x General Osório]. Se eu perder esse ônibus, eu tenho que fazer baldeação e aí eu levo duas horas. Esse ônibus, se eu não me engano, *pra* sair daqui onde eu moro, é de cinco da manhã e o último é oito da manhã. É só nesse período, que é realmente nesse período *onde* as empregadas domésticas, o pessoal da manutenção [de serviços] estão indo para [trabalhar na] zona sul. Esse é o horário que esse ônibus está disponível, da passarela dez [da Av. Brasil] em diante, de cinco às oito [da manhã]. Perdeu esse horário, já era. Então eu tinha que sair de casa seis e quinze, seis e vinte [da manhã] *pra* poder chegar [na faculdade] no horário de sete e meia [da manhã]. Só que é isso, né?! Eu trabalho e o corpo cansa. Quando o corpo cansa, você perde a hora! Então várias vezes, ao invés de acordar às cinco [horas da manhã], acordei quinze [minutos] *pras* seis, e agora? É aquela correria. Aí você mora dentro da favela, até você andar até a Av. Brasil, já dá quase uns 10 minutos, e aí algumas vezes eu chegava atrasada. Tinha professor que não queria, que não gostava que chegasse atrasada. Mas é isso. Eu nem falava a hora que eu acordava, mas falava “você sabe qual ônibus que eu pego? Eu pego o 483, ele vem lotado!”, às vezes o motorista nem parava. às vezes eles nem sabem que ônibus é esse, que corta a cidade *pra* chegar na zona sul. Eu tenho RioCard da faculdade [bilhete único universitário]. Ele me dá possibilidade de 4 passagens. Aí eu pego 1 ônibus socada, apertadíssima [...]. (Narrativa de Gyanne, 2024)

Isabela e Beatriz também precisam superar todos os dias o entrave de morar em uma área de risco. Em sua narrativa, Beatriz compartilhou evitar cursar disciplinas e realizar outras atividades acadêmicas no horário da noite, em razão de residir numa área de baixa segurança, onde frequentemente ocorrem confrontos armados. Isabela, por sua vez, relata que já foi assaltada duas vezes a caminho da universidade, sendo uma delas por volta de quatro horas da manhã, tendo uma arma apontada para sua cabeça na porta de casa. Mesmo assim, precisou seguir com seu dia e ir à faculdade; precisou deixar para processar o que aconteceu depois. Tal evento traumático lhe trouxe o medo de sair de casa e acontecer algo do tipo de novo. Mas novamente vem o sentimento de não poder parar, muito relatado pelas colegas durante nossas conversas. Esse sentimento se deve bastante por nosso ponto de partida na universidade ser diferente de outros, ao passo que consideramos os privilégios e limitações que cada estudante possui, o que nos coloca numa posição de “eterno corredor”, desde o momento que descobrimos que conseguimos ingressar na universidade. Na conversa com Daniele, por exemplo, ela nos

conta sobre as dificuldades de utilizar o Sisu ou até mesmo obter um benefício oferecido pela universidade.

Aqui da minha família eu fui a primeira a passar *pra* uma universidade pública, então eu acho que assim, foi um pouco difícil de entender melhor o processo de chegar numa universidade, até o Enem... as estratégias de você usar o Sisu, essas coisas mais “básicas”, entre aspas.

[...] depois que eu entrei, que eu passei, que comecei a entrar naqueles grupos, né, de calouros com veteranos e tal, que eu fui me inteirando do processo [de como obter o Bilhete Único Universitário]. (Narrativa de Daniele, 2024)

Quando Daniele menciona receber orientação a partir de colegas do curso, compreendo ser importante ressaltar a importância do trabalho que os/as estudantes de Pedagogia realizam para acolher e receber os novos alunos. A partir do Centro Acadêmico Maria Eduarda (CAME), centro acadêmico da Pedagogia na UFRJ, esses e essas estudantes se movimentam em prol de reivindicar direitos e demandas dos discentes do curso. Questões como essa para mim, que fui a segunda pessoa da família a entrar numa universidade pública — sendo minha irmã a primeira, na UFRJ também—, não foram tão complicadas, visto que já tinha informações acerca de como navegar o Sisu e como funcionam determinadas coisas na UFRJ.

No entanto, essa não é a realidade de grande parte dos meus amigos e amigas com os quais compartilhei minha vivência na graduação e da maioria das colegas com as quais eu conversei para dar vida a esta monografia.

Ainda conversando com as colegas sobre morar distante do *campus* e as implicações na nossa permanência na universidade, Isabela compartilhou comigo sobre sua dificuldade de participar de eventos, projetos de extensão e outras atividades promovidas pela UFRJ e como sente diante dessa situação de impotência.

Cara, eu tenho certeza que eu não vivi a UFRJ plenamente. Por ser longe [...] porque, assim: a bolsa de extensão você tem que se dedicar, sei lá, vinte horas semanais *pra* você tá lá trabalhando e *pra* você ser extensionista bolsista. Então eu sinto que muita coisa eu não vivi. Nunca fui a muitos congressos... tinham coisas que eu assistia, porque eu preciso de hora complementar, mas nunca pelo prazer de vivenciar a universidade. Tipo, saída de campo: nunca vivi; visitar não sei o que lá: nunca vivi. Na viagem de Educação Popular e Movimentos Sociais [visita à escola do Movimento dos Sem Terra em São Paulo] eu não pude ir, porque, pô, eu ia chegar muito tarde, eu ia chegar em casa uma hora da manhã. Como eu ia chegar uma hora da manhã em casa? [devido à falta de transporte público *pra* casa dela, em São João de Meriti] (Narrativa de Isabela, 2024).

As situações vividas por Gyanne, Isabela, Daniele, Beatriz e por mim aqui expostas relacionadas ao fato de sermos estudantes periféricas demonstra que os desafios de estudar na melhor universidade federal do país enquanto cotistas já se apresentam no acesso ao nosso local

de estudos. Em seguida, irei apresentar as outras diversas demandas que, interseccionadas, fazem das nossas trajetórias mais árduas e, conseqüentemente, requerendo malabarismos para darmos conta e persistirmos na graduação.

3.2. DEMANDAS FINANCEIRAS: A NECESSIDADE DE UM SUPORTE FINANCEIRO

A necessidade de um suporte financeiro por parte das colegas cotistas se apresenta recorrentemente atravessada a todas as outras demandas, parte de suas manobras e malabarismos para permanecerem na universidade. As narrativas novamente se interseccionam quando as colegas contam de que forma a carência financeira do contexto social do qual elas se originam ou a insuficiência do suporte financeiro oferecido pela UFRJ afetam as experiências de ser e estar na universidade. Algumas delas, assim como eu, precisam ou precisaram trabalhar ou ingressar em um estágio remunerado durante a graduação, mesmo recebendo bolsas — seja a de auxílio permanência, auxílio transporte ou por participar de algum projeto de pesquisa e extensão.

[...] nessa mesma época [início da graduação], fiz apenas duas disciplinas por conta da falta de dinheiro. Moro com meus pais, e eles não trabalham, meu pai é pedreiro, mas é informal, então o trabalho é esporádico. Estou no 7º período, hoje recebo auxílio permanência, auxílio transporte, alimentação e digital... mesmo com essa ajuda ainda sim tive de complementar com estágio não obrigatório desde o terceiro período, para conseguir ajudar em casa.... só que por fazer esse estágio escolhi não puxar nos períodos anteriores a disciplina de estágio obrigatório [...] (Narrativa de Beatriz, 2024)

Eu sou uma estudante que *pra* me manter na faculdade eu preciso de bolsas, do auxílio permanência, que eu ganho como cotista; e eu sou bolsista de um projeto de extensão também. Essa é a maneira que eu encontrei de me manter na faculdade sem estar trabalhando fora dela. Só que durante um tempo, do final de 2021 até metade de 2023 eu trabalhei numa escola privada e aí inclusive foi o motivo da minha graduação ter se estendido mais do que o tempo previsto, porque apesar da bolsa ser de grande ajuda, essa política de assistência estudantil dá uma assistência, mas as vezes não dá, a gente precisa de trabalhar. Eu passei quase 2 anos trabalhando numa escola privada e aí eu tive que atrasar porque era tudo muito longe: eu moro em São João de Meriti, a escola era no Camorim, perto da Curicica, em Jacarepaguá e o nosso campus é na Praia Vermelha. Então tudo muito longe um do outro e eu passava alguns dias na casa do meu tio, daí eu ia *pra* faculdade e depois ia pra casa e ficava nisso de... foi uma época muito cansativa e eu sinto que afetou meu rendimento na faculdade. (Narrativa de Isabela, 2024)

Considerando que até o final do governo Bolsonaro (2019-2022) as bolsas não haviam sofrido reajustes. Desde 2013 (G1, 2023) estas se mantinham com o mesmo valor: a bolsa de auxílio permanência era de R\$460 e a de iniciação à pesquisa (PIBIC) e extensão (PROFAEX) era de R\$400 e, às vezes, caso fosse fornecida pela FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), no valor de R\$525 (FAPERJ, 2022), é nítido que para quem precisa contribuir financeiramente em seu âmbito familiar, esses valores não dão conta de suprir demandas domésticas e as demandas financeiras para frequentar a universidade ao mesmo

tempo, urgindo a necessidade de buscar outras formas de garantir um aporte suficiente para sua sobrevivência — de vida e acadêmica.

Diante desses levantamentos, compreendendo o caráter singular da experiência, mesmo que tecida coletivamente, a perspectiva sobre as estudantes acerca do suporte financeiro oferecido pela universidade ser suficiente ou não está referenciada na experiência singular de cada uma. Para Beatriz e Gyanne, o aporte das políticas de assistência estudantil voltadas para o suporte financeiro dos estudantes cotistas da UFRJ não é suficiente e em suas narrativas elas compartilham sobre os auxílios não alcançarem a todos/as que necessitam deles.

Eu acho que acaba suprimindo, se eu puder chutar uma porcentagem... acho que nem 10% do que muitos estudantes precisam. [...] Quando a gente vai *pra* prática, como você falou, a gente não tem auxílio [financeiro]. Essa ausência de auxílio *pras* práticas complica demais a vida do estudante e você fica refém: como você termina a graduação de Pedagogia se você não fez prática? Você não vai terminar nunca, né?! *Pra* quem trabalha como CLT ou tem uma renda que não é uma renda fixa, fica rendido. Então assim: ou desiste do curso ou desiste. Então não supre, de maneira nenhuma, você tem que sempre buscar algo a mais. (Narrativa de Gyanne, 2024)

[...] é muito triste ler que alguns não conseguem a bolsa ou algo assim, bate um desespero tbm as vezes... ah, agora pensando bem... acho que o abalo emocional que me causa é ficar ansiosa, principalmente, em épocas de renovação de auxílio... nós nunca sabemos se vamos continuar na lista, se aquele período foi o último... isso me causa muita agitação, mesmo sabendo que fiz tudo o que podia fazer, sempre acho que algo pode me desclassificar [...] (Narrativa de Beatriz, 2024)

O quadro disponibilizado no portal da PR7 informa quantos estudantes estão sendo contemplados pelos programas de auxílio, entre os períodos letivos de 2023-2 e 2024-2, de forma atualizada, como mostro na imagem abaixo:

Números Totais	out/23	nov/23	dez/23	jan/24	fev/24	mar/24	abr/24	mai/24	jun/24	jul/24	ago/24
Alunos Matrícula Ativa (Graduação Presencial)				42.137	41.648	45.841	46.569	45.698	45.544	43.261	47.169
Ingresso Ampla Concorrência											
Ampla efetiva				21.775	21.497	23.774	24.129	23.630	23.531	22.322	24.620
Inscritos SiSu como Ação Afirmativa						55	69	68	67	66	84
Ingresso Ação Afirmativa											
Ação de Renda				10.550	10.446	11.323	11.576	11.371	11.342	10.746	11.475
Inscrito SiSu como Ação de Renda						307	314	318	318	315	464
Alunos Matrícula Ativa (Grad Pres) com algum auxílio PR7				6.485	5.875	5.823	5.840	5.802	5.796	5.700	5.988
Auxílios Vinculados à Resolução CONSUNI 02/2019											
Auxílio Permanência (alunos assistidos)	2.445	2.496	2.492	2.454	2.228	2.222	2.256	2.246	2.235	2.271	2.562
Auxílio Moradia - Financeiro	325	324	357	355	312	311	311	312	309	313	308
Auxílio Alimentação											
Macaé	231	231	282	283	263	259	258	255	254	249	245
Rio de Janeiro	3.330	2.743	3.166	3.205	2.898	2.873	2.871	2.858	2.852	2.852	3.130
Auxílio Educação Infantil	129	127	145	137	119	116	114	111	111	108	102
Auxílio Inclusão Digital	1.684	1.672	1.913	1.920	1.806	1.787	1.780	1.774	1.766	1.761	1.716
Auxílio Material Didático											
Auxílio Mensal	2.146	2.128	2.417	2.394	2.141	2.121	2.114	2.109	2.101	2.092	2.033
Auxílio Parcela Única			30								
Auxílio Transporte											
Auxílio Transporte Intermunicipal	1.614	1.605	1.849	1.828	1.665	1.648	1.647	1.640	1.635	1.630	1.577
Auxílio Transporte Macaé	293	290	335	335	317	313	311	308	306	300	294
Auxílio Transporte Caxias	69	67	81	79	77	77	77	76	75	75	68
Auxílio PCD	98	97	115	114	109	109	112	113	112	113	109

Imagem do quadro “PR7 em números”, disponibilizado no portal da Pró-Reitoria de Políticas Estudantis da UFRJ.

Como vemos nas informações disponibilizadas no quadro, até julho de 2024 ingressaram 10.746 estudantes por meio da ação afirmativa com renda. No entanto, neste mesmo mês, apenas 2.271 estudantes estavam sendo contemplados com o auxílio permanência. Essa informação nos mostra que a política de assistência estudantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro ainda não contempla todos os seus estudantes cotistas por renda, que têm direito ao auxílio permanência, o que se mostra perceptível e comentado pelos discentes nos cotidianos da universidade, como podemos ver a partir da fala de Gyanne e Beatriz.

Diante do cenário da universidade e do contexto das colegas, mesmo sendo contempladas por auxílios da PR7, Gyanne, Isabela e Beatriz precisaram buscar outras formas de suporte financeiro durante a graduação. O trabalho ou estágio remunerado acaba por ser uma faca de dois gumes: se apresenta como uma solução para que elas tenham condições de permanecer na universidade; mas, ao mesmo tempo, se apresenta como um desafio para persistir

na graduação. O cansaço físico e mental é inevitável e, considerando as demandas acadêmicas e uma universidade que não tem a devida estrutura e suporte para estudantes da classe trabalhadora, experienciar a UFRJ se torna ainda mais árduo.

Eu trabalho numa carga horária de oito horas diárias, 40 horas semanais, e para poder dar conta disso, eu faço acordo com meu trabalho. Então, são cinco anos de graduação fazendo acordos para poder dar conta, dar conta de estágio, dar conta de extensão, dar conta de eletivas, coisas que eu não fiz no início da graduação, nem no meio, e estou fazendo agora no final. [...] É tudo com muita dificuldade, não tem muitas oportunidades o estudante, principalmente o trabalhador. (Narrativa de Gyanne, 2024)

Eu sei que eu consegui administrar isso com as bolsas que eu ganhava. Porque a minha família não é extremamente pobre, mas a gente também não é classe média. Então essa política das bolsas deu bastante ajuda nesse percurso da universidade, até porque não é só passagem, né?! Era alimentação, era xerox... a gente faz muita coisa além de pagar passagem e comer na rua. Então eu me sinto muito beneficiada por essa política de auxílio estudantil. [...] Eu sou uma estudante que *pra* me manter na faculdade eu preciso de bolsas, do auxílio permanência, que eu ganho como cotista; e eu sou bolsista de um projeto de extensão também. Essa é a maneira que eu encontrei de me manter na faculdade sem estar trabalhando fora dela. Só que durante um tempo, do final de 2021 até metade de 2023 eu trabalhei numa escola privada e aí inclusive foi o motivo da minha graduação ter se estendido mais do que o tempo previsto, porque apesar da bolsa ser de grande ajuda, essa política de assistência estudantil dá uma assistência, mas as vezes não dá, a gente precisa que trabalhar. Eu passei quase 2 anos trabalhando numa escola privada e aí eu tive que atrasar porque era tudo muito longe: eu moro em São João de Meriti, a escola era no Camorim, perto da Curicica, em Jacarepaguá e o nosso campus é na Praia Vermelha. Então tudo muito longe um do outro e eu passava alguns dias na casa do meu tio, daí eu ia *pra* faculdade e depois ia pra casa e ficava nisso de... foi uma época muito cansativa e eu sinto que afetou meu rendimento na faculdade. (Narrativa de Isabela, 2024)

Estou no 7 período, hoje recebo auxílio permanência, auxílio transporte, alimentação e digital... mesmo com essa ajuda ainda sim tive que complementar com estágio não obrigatório desde o terceiro período, para conseguir ajudar em casa.... só que por fazer esse estágio escolhi não puxar nos períodos anteriores a disciplina de estágio obrigatório. (Narrativa de Beatriz, 2024)

Diferentemente das narrativas acima, Daniele nos conta que os auxílios da PR7 que recebeu durante a graduação foram suficientes para garantir sua permanência na universidade, tendo iniciado um estágio não obrigatório em busca de adquirir experiência profissional. Ainda que durante os primeiros meses da graduação ela não tenha recebido os auxílios, a família de Daniele conseguiu, mesmo que com muito sacrifício, arcar com as despesas geradas para que ela permanecesse no curso.

Eu não sentia a necessidade de ter que trabalhar, porque, por mais que meus pais estivessem fazendo um esforço, eles pensavam “ok, você está estudando, se esforçou pra caramba pra poder passar... foco no seu estudo”. Então, no início, eu não senti a necessidade de ter que trabalhar e conciliar trabalho com os estudos. Então eu tive esse privilégio, esse direito. Até o sétimo período, que eu decidi fazer um estágio remunerado por escolha minha, *pra* adquirir experiência. Então nunca sofri a pressão de ter que trabalhar. [...] No primeiro período eu não tive nenhuma bolsa. Foi totalmente

custeado pelos meus pais. E eu acho que, naquela época, acho que a passagem mensal, já era trezentos e poucos, acima de trezentos reais que dava. Eu lembro que teve uma conversa prévia aqui em casa sobre pagar passagem, porque, querendo ou não, é um dinheiro que fazia falta naquela época. Mas era aquilo: era sobre estar numa universidade pública, depois de dois anos fazendo o Enem, entendeu?! (Narrativa de Daniele)

Através das experiências de Daniele e Isabela podemos ver o quão diverso pode ser o contexto dos estudantes cotistas da UFRJ. Apesar de todos precisarem do suporte financeiro concedido por meio das políticas de assistência estudantil, haverá contextos em que as políticas irão suprir essas necessidades e, em outros, que seu aporte será insuficiente; ou que por um momento seja suficiente e, em outro, não seja mais. A questão a ser pensada é se há mais estudantes em que esse aporte financeiro se mostra insuficiente do que o contrário. Além disso, há outras demandas desafiadoras para além da necessidade de um suporte financeiro da universidade, que veremos a seguir.

3.3 DEMANDAS ACADÊMICAS: ESTUDAR E TRABALHAR, SAÚDE MENTAL E SENTIMENTO DE NÃO-PERTENCIMENTO

Estudar numa instituição de tanto prestígio, altamente referenciada e de qualidade como a Universidade Federal do Rio de Janeiro requer uma dedicação especial às demandas acadêmicas que emergem. Tal realidade é de completa ciência das estudantes que estão compartilhando suas narrativas aqui no presente trabalho. O que é levantado pelas futuras pedagogas é que essas demandas são mais pesadas para os estudantes cotistas, especialmente àqueles e àquelas que são trabalhadores. Assim como a universidade teve uma postura resistente quanto à adesão das cotas e um lento processo de democratização do acesso e permanência de grupos desfavorecidos à instituição, a universidade ainda possui uma postura resistente a flexibilizar certas questões que iriam promover maiores chances de permanência e/ou persistência nos cursos, especialmente no caso da Faculdade de Educação, no que tange o curso de Pedagogia. Os cursos de Pedagogia são os que possuem alunado mais pobre e, conseqüentemente, com mais dificuldades de acesso e permanência ao ensino superior (Honorato; Zucarelli & Vieira, 2018), tendo boa parte desses e dessas estudantes como trabalhadores. Levando em consideração que, contrariando o senso comum, a matrícula nas instituições federais de ensino superior de pessoas oriundas das classes menos favorecidas economicamente da sociedade é alta e só vem aumentando com o passar do tempo, seja na área da Educação — como nos cursos de Pedagogia —, seja nos outros cursos (Rodrigues; Honorato, 2019 p. 59), questionamos: não seria esse mais um motivo para repensarmos cada vez mais uma universidade que torne mais possível a permanência desses e dessas estudantes, que se mostram como maioria, no curso da Pedagogia da UFRJ?

Considerando que os cursos de licenciatura, como a Pedagogia, possuem demandas próprias como a realização dos estágios, Gyanne compartilhou em sua narrativa o quão difícil tem sido lidar com essas demandas enquanto uma estudante trabalhadora e periférica e as diversas manobras e malabarismos que ela realizou e realiza ainda para persistir no curso.

Eu comecei a fazer estágios em 2023.1, que foi quando eu consegui ver possibilidade de fazer o estágio e não ser mandada embora do meu trabalho. E aí conversei com o meu gestor, ele viu que era possível e me liberou para fazer meus estágios, principalmente em educação infantil, magistério que é de manhã, EJA [Educação de Jovens e Adultos] e gestão dá para fazer à noite, que foi o que eu fiz. Bem, até então eu já consegui fazer três estágios, eu fiz dois estágios em 2023.1 na correria, na ansiedade, na porradaria; e fiz um estágio em 2023.2. (Narrativa de Gyanne, 2024)

Em *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, Michel de Certeau (1998) nos diz que “O cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizadas*” (p.38), e os cotidianos em que Gyanne habita e constrói mostram sua reinvenção e não conformidade a partir dessas manobras de realizar acordos com seu gestor em seu trabalho, além de fazer acordos com professores e professoras na universidade. Ao fazer parte desses espaços onde o saber, fazer e ser obedecem a uma lógica hegemônica que, por diversas vezes, resultam em espaços excludentes a outros saberes, fazeres e ser, comumente subalternizados — principalmente no que tange a essas estudantes trabalhadoras—, Gyanne e muitas outras pessoas que cursam Pedagogia na UFRJ transgridem o sistema em que estão inseridas e que são esperadas a permanecer nele passivamente através da criação do que Certeau chamaria de *artes de fazer* ou que Rufino chamaria de *esculhambações* criando “[...] enfim, pequenas vitórias onde só se sentia derrota” (Soares, 2023, p. 218).

Além de estar constantemente agindo a partir da sapiência do *entre* (Rufino, 2019, p.12) reinventando formas de resilir e transgredir, é necessário estar preparada para as incertezas de conseguir vaga nas disciplinas, especialmente se tratando das disciplinas de Prática de Ensino (referente aos estágios obrigatórios).

Vou me atrasar para poder concluir agora nesse ano, porque eu queria fazer mais dois estágios agora, tinha conseguido fazer uma negociação, mas não consegui vaga na prática, então eu vou ter que renegociar o que eu já tinha negociado. (Narrativa de Gyanne, 2024)

Como Gyanne mesmo diz: depois de toda a movimentação de criar acordos em seu trabalho — o colocando em risco—, ela não conseguiu vaga na disciplina e teria que fazer todo esse esforço e contar com a aceitação de seu supervisor novamente. E caso ela não receba esse aval por parte de seus superiores, será mais um período na universidade; mais um período de sacrifícios e acordos; tendo mais uma vez sua conclusão postergada.

Entre os estudantes do curso de Pedagogia, muito se fala sobre o quanto pode ser difícil realizar todos os estágios obrigatórios, especialmente enquanto estudante trabalhador. Gyanne precisou realizar a manobra de negociar suas férias para manter o grande malabarismo de demandas — de trabalho, acadêmicas e de sua vida pessoal. Além dela, já conversei com outras colegas de curso que relataram a mim que também negociaram suas férias trabalhistas para realizar os estágios obrigatórios.

Eu negocie as férias, né? Os dias que eu ia *pra* escola, eram contados como meus dias de férias. [...] cem horas de prática e sessenta de aula: é *pra* quem? Porque se você parar *pra* pensar, você não precisa desse tempo todo na escola pra você vivenciar uma coisa

que você pode vivenciar as vezes em quarenta e cinco, sessenta horas. [...] é mais uma forma de excluir. Eu conheci uma menina que *tá* na Pedagogia tem sete anos. Ela não conseguiu fazer nenhum estágio. [...] O importante é você estar no chão da escola pública. Isso *pra* mim é importante, porque estar no chão da escola pública vai fazer diferença; porque quando eu *tô* no chão de uma escola privada, eu tenho todos os privilégios [recursos] de uma escola privada que a escola pública não tem. Mas cem horas? Não faz sentido. (Narrativa de Gyanne, 2024)

As discussões e opiniões acerca de um desejo pela flexibilização da carga horária das Práticas de Ensino são frequentes entre os estudantes da Pedagogia na UFRJ. Para compreender melhor as questões que atravessam a temática, entendo como necessário explicar alguns detalhes acerca do funcionamento e regras para a realização dos estágios obrigatórios a partir dos cursos de licenciatura de Pedagogia na UFRJ. Ao total, são componentes curriculares obrigatórios cinco disciplinas de Práticas que demandam carga horária de 100 horas de vivência em escolas públicas: a primeira, sendo parte da grade curricular do 5º período do curso, é a Prática de Ensino em Magistério em Disciplinas do Ensino Médio; em seguida, na grade curricular do 6º período, temos a Prática em Política e Administração Educacional, que vulgarmente, nós estudantes do curso, nos referimos como “prática de gestão”; na grade curricular do 7º período temos a Prática de Ensino em Educação Infantil; em seguida, no 8º período, a Prática de Ensino nas Séries iniciais do Ensino Fundamental; e por fim, na grade curricular do 9º período, temos a Prática de Ensino de Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos. Essas disciplinas possuem carga horária total de 160 horas, sendo 60h cumpridas nas aulas da própria disciplina e 100h que devem ser cumpridas como prática de estágio em escolas públicas. Os locais de estágio — com exceção da Prática em Política e Administração Educacional— são selecionados pelos docentes que ministram essas disciplinas a partir de escolas parceiras que possuem propostas pedagógicas que se alinham com que a Faculdade de Educação acredita e propaga. No entanto, a maioria das escolas selecionadas como possíveis locais de estágio obrigatório aos licenciandos de Pedagogia estão situadas nas zonas sul e central da cidade do Rio de Janeiro.

Alguns pensam como Gyanne, não veem a necessidade de uma carga horária tão extensa e que é tão árdua para estudantes que trabalham ou que realizam estágios não obrigatórios (remunerados). No entanto, o que torna custoso o cumprimento dos estágios obrigatórios não se restringe apenas a uma grande carga horária, mas também à falta de liberdade do estudante de não poder escolher seu local de estágio, para além das escolas selecionadas pelas professoras e/ou a lista comumente limitada de opções de escolas para estágio obrigatório. Isso não significa que as escolas listadas não atendam parte dos colegas, até mesmo aos que moram longe do *campus* — cotistas ou não—, mas que por trabalharem nas zonas sul ou central da cidade, se

beneficiam da proximidade dessas escolas e conseguem cumprir com as horas necessárias. Além disso, as poucas escolas que são ofertadas na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, não conseguem acolher todos os/as estudantes que gostariam ou precisariam estagiar nessa localidade. No entanto, quando se trata dos estágios obrigatórios na EJA, segmento esse que é ofertado mais comumente no turno da noite, é preciso levar em consideração a distância que será percorrida por essas e esses estudantes que moram distante. Esta é ainda pior, visto a situação de insegurança e violência urbana que vivemos na cidade do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense. Sendo uma dessas estudantes, morando em Santa Cruz, estudando na Urca e fazendo estágio remunerado em Botafogo, precisei escolher a escola que fosse possível de chegar a tempo e que fosse a mais perto possível da minha casa para que, na volta, eu não chegasse tão tarde, e buscando evitar os riscos do percurso. A escola que escolhi, dentre as disponibilizadas, se localiza entre os bairros Leblon e Gávea. Era a escola mais próxima, ou melhor, menos longe. Mesmo assim, eu chegava entre as 23h30 e meia noite. Isabela também nos conta que teve dificuldades em lidar com as demandas de estágio.

A gente vive fazendo malabarismo, de verdade, para conseguir lidar com todas as Práticas [de Ensino], com as horas absurdas de extensão, com uma grade que não é fácil, que você não consegue fazer em um período só... porque o nosso curso, falam que é de um período [turno] só, mas a gente não consegue [fazer], não tem como: se você puxa quatro matérias, você tem a sua hora de estágio pra fazer e você não consegue fazer em um dia só. Aí você vai falar sobre isso com a coordenação [de estágios], a coordenação diz que você tem que estudar no transporte público... então, assim, tem sido um malabarismo muito grande me manter na faculdade. (Narrativa de Isabela, 2024)

Assim como Isabela, Gyanne levanta em sua narrativa a questão do curso ser ofertado em três turnos — matutino, vespertino e noturno, mas que, na realidade, considerando a carga horária de extensão e das disciplinas de Prática de Ensino, precisarmos separar dois turnos para estudar, não se diferenciando muito de cursos que são em tempo integral.

E aí, começam minhas dificuldades na graduação quando eu me deparo que eu estou fazendo curso de pedagogia, que não é integral, e que teoricamente, ele seria um curso que estaria dentro das minhas possibilidades, mas com o decorrer dos períodos e com as demandas pessoais e de trabalho e da faculdade, eu fui vendo que o curso não era curso só matutino ou só vespertino ou só noturno. Ele era um curso que demandaria uma carga horária maior, o meu tempo, e eu me assustei. (Narrativa de Gyanne)

Pode ser que fosse óbvio para algumas pessoas do curso que seria preciso mais tempo de nossos dias para nos dedicarmos às atividades obrigatórias da graduação. No entanto, a partir da narrativa de Gyanne, podemos ver a necessidade de deixar essas demandas do curso mais

claras para aqueles e aquelas que estão pensando em ingressar nele. Em minha experiência, também houve certa surpresa quanto ao funcionamento dos estágios, pois após ter feito o ensino médio na modalidade do Curso Normal, pensei que assim como no Curso de Formação de Professores, os estágios fossem realizados no horário das disciplinas de Prática de Ensino.

Diante do funcionamento dos estágios obrigatórios da Pedagogia da UFRJ, parte das problemáticas emergem a partir da dificuldade que é para estudantes trabalhadores lidarem com as demandas acadêmicas obrigatórias e poderem experienciar a universidade e as diversas oportunidades que ela pode proporcionar.

O trabalho sendo algo indispensável para a sobrevivência e permanência desses e dessas estudantes, como já dito anteriormente, adiciona camadas às demandas já existentes, tornando-as mais complexas e difíceis de lidar. Parte dessas camadas são os malabarismos e manobras realizados para conseguirmos chegar no horário certo das aulas e estágios; não perder avaliações; realizar as disciplinas optativas — há uma carga horária obrigatória a se cumprir, além de ter tempo para realizar — com qualidade ou não— a leitura das bibliografias referências das disciplinas.

A rotina da aula para estágio foi bem cansativa, passei mal diversas vezes no caminho para a escola por conta da correria para chegar em um bom horário. [...] Muitas vezes me interessei por alguma disciplina optativa, mas olho o horário e desanimo, não gosto de chegar tarde em casa por conta da segurança ou melhor pela falta dela. Aqui as vezes tem confronto, então tudo tem que ser pensado em relação aos horários. (Narrativa de Beatriz, 2024)

Eu pensava no início da graduação “eu vou fazer uma eletiva que eu goste”. Por exemplo, eu queria muito fazer Intelectuais Negras. Todo mundo que fez falou que amou! Mas eu não consigo fazer [por conta do horário em que a eletiva é ofertada]. Então, uma eletiva que eu sei que eu posso me identificar de todas as formas possíveis, eu não consigo puxar. (Narrativa de Gyanne, 2024)

As disciplinas optativas — ou eletivas, como nós, estudantes, comumente chamamos— do curso de Pedagogia da UFRJ são oferecidas em sua maioria entre os horários das aulas obrigatórias. O horário das disciplinas obrigatórias do período matutino vai das 7h30 às 10h50. Já as disciplinas obrigatórias do vespertino, iniciam-se às 13h e terminam às 16h20. Quanto às disciplinas obrigatórias ofertadas no período noturno, seu horário é das 18h30 às 21h50. Considerando esses horários, as disciplinas optativas tendem a ocorrer das 11h e terminar às 13h; ou das 16h às 18h. Em alguns períodos, algumas delas são oferecidas em horários que coincidem com os horários das disciplinas obrigatórias, ocorrendo, por exemplo, das 9h às 13h, das 14h às 15h40 ou das 18h30 às 20h30. Diante dessa organização, torna-se um pouco mais difícil para estudantes cotistas e, em sua maioria, trabalhadores, conseguirem realizar as

disciplinas optativas. Isso porque, como aconteceu com Gyanne, os horários de trabalho dos/das estudantes quase nunca possibilitam realizar essas atividades entre os turnos e, ao realizarem nos horários que coincidem com os das disciplinas obrigatórias, torna-se necessário escolher entre cursar uma disciplina obrigatória naquele horário ou cursar uma disciplina eletiva. Além disso, a intenção das atividades optativas é justamente que possamos escolher e nos aprofundarmos em determinada temática, porém acaba que muitas vezes escolhemos o que é possível de acordo com nosso horário disponível, o que pode culminar em um estudo não tão proveitoso, visto não ser de real interesse da/do estudante.

Outro dilema enfrentado pelas colegas que compartilharam suas narrativas comigo, foi o de lidar com as demandas de leituras da bibliografia referência das disciplinas. Enquanto estudantes trabalhadoras, foi e é difícil não ser dominada pelo cansaço de trabalhar e estudar e ainda enfrentar as distâncias entre esses locais e, ainda assim, chegar em casa e ler dois, três textos com diversas páginas, às vezes sendo necessário ler mais de cem páginas para uma única aula que, na maior parte das vezes, não será possível abordar toda a literatura proposta em uma aula só.

Até hoje eu penso “Como que eu consegui?”. Eu sei que eu fiz as atividades, eu sei que eu fiz muitas coisas; mas quantas dessas coisas me transformaram verdadeiramente? Tem coisas que só foi; “tem que fazer? Então vamos fazer” e aí eu fui lá e fiz. Mas tiveram outras que me atravessaram, que me afetaram, que me emocionaram; professores que não passavam uma pilha de textos, mas que priorizou a qualidade dos textos e trabalho aquilo em quatro, cinco aulas, tipo “vamos extrair o máximo desse texto”. Mas teve professor que passava tipo, doze textos. Doze aulas, então doze textos. Mas qual deles a gente realmente se aprofundou? Nenhum! Então o programa tá lá: doze aulas, doze textos, doze produções. Mas não me atravessou de forma nenhuma. Não atingiu nada. (Narrativa de Gyanne, 2024)

Compreendo ser importante frisar que de forma alguma eu ou as colegas Gyanne, Isabela, Daniele e Beatriz entendemos que não deve haver leitura das literaturas acadêmicas — seria impossível obtermos uma educação de qualidade sem as leituras. O convite implícito realizado na narrativa de Gyanne é para que os professores e professoras possam refletir sobre priorizar qualidade acima de quantidade.

Lidar com todas essas exigências foi ainda mais custoso durante a pandemia do Covid-19. As professoras em formação Isabela e Gyanne relataram em suas narrativas como essa trajetória já custosa requisitou ainda mais da saúde mental e emocional delas.

O meu emocional que ficou assim “e se eu não der conta? E se o professor pedir mais do que ele tá dizendo no início da disciplina?”, porque isso acontece, né?! Não com muitos professores, mas já aconteceu com alguns que no início o programa [da disciplina] é uma coisa, mas depois no final muda a forma de avaliação. Então o

emocional ficou um pouco abalado; com medo de não dar conta. Eu tinha muito medo, Nathália... meu medo era sempre assim: “E se eu for mandada embora? Como eu vou me sustentar? Como que eu vou vir *pra* faculdade? E é isso. Você come na faculdade. Comer na faculdade, às vezes, o *bandejão* [restaurante universitário] não rolava, né? Eu demorei anos *pra* poder ir no *bandejão* porque meu horário nunca batia, então eu levava a minha marmita ou às vezes fazia lanche *pra* não abaixar a imunidade. Então era assim: “abala meu emocional, mas não abala meu corpo!”, no sentido de não me deixar ficar acamada e tal. Mas meu emocional ficou muito abalado e muitas vezes eu achei que não ia conseguir não. (Narrativa de Gyanne, 2024)

Eu me sinto muito mais ansiosa pós-universidade, mas eu acho que tem muito a ver com a época que a gente viveu a universidade, por ter vivido a universidade na pandemia. Mas eu sinto que se não fosse pela minha rede de apoio, eu com certeza teria dropado [desistido] a faculdade ou não estaria psicologicamente no lugar que eu estou hoje. (Narrativa de Isabela, 2024)

Apesar de termos estudado remotamente até início de 2022, a preocupação de Gyanne com a possibilidade de perder o emprego e não conseguir se manter mais na universidade se apresenta também entendendo a dificuldade de voltar ao mercado de trabalho no meio de uma pandemia, onde o movimento das empresas e escolas era o de demissão em massa e até mesmo, encerramento das atividades.

Gyanne nos traz também a preocupação em não adoecer em razão de seu emocional. Como separar mente e corpo? Diante de diversas preocupações e angústias acerca da incerteza da nossa renda familiar, da possibilidade de perdemos entes queridos e da autocobrança em produzir academicamente, foi muito difícil não fazer parte do grupo das pessoas afetadas psicologicamente pela pandemia e não ter a saúde física fragilizada. Daniele, no entanto, nos mostra que a realidade não foi a mesma para todos e todas. Ter uma alta demanda de atividades acadêmicas, em sua experiência, fez muito bem a ela.

Quando as aulas voltaram, quando o período remoto começou a acontecer, não foi difícil *pra* mim porque eu tinha acesso à internet, espaço *pra* estudar — não era o melhor espaço porque eu estava no quarto dos meus pais, mas era um espaço que eu tinha uma *estantezinha*, uma mesa. A internet não era a mais rápida do mundo, mas me atendeu, às vezes caía? Caía [a conexão da internet]. Mas nada que me impedisse de assistir às aulas, de participar dos eventos online e tal. Depois que passaram aqueles primeiros meses de dois mil e vinte, aí realmente foi bem difícil. Meu rosto começou a pipocar de espinha, foi aí que eu realmente me agarrei ao período remoto. Eu fui muito produtiva, de fato. Eu puxei cinco disciplinas; *tava* em dois projetos de extensão e eu *tava* num grupo de pesquisa... eu me atolei de coisas. *Pra* mim, isso funcionou, porque eu *tava* com a minha família. Meu pai voltou a trabalhar, mas era intercalado: trabalhava uma semana e não trabalhava na outra semana; a patroa dele pagava o *Uber* também, então ele ia e voltava de *Uber*. E, graças a Deus, aqui eu não perdi ninguém. Fiquei com muito medo, ansiosa e tal... mas não perdi ninguém próximo, ninguém adoeceu, ninguém teve que ser internado. Então eu só tinha mesmo que estudar. *Tava* tudo bem, então era me agarrar com a faculdade, estudar uma coisa que eu gostasse. (Narrativa de Daniele, 2024)

Possuir uma rede de apoio familiar e a ciência de que a família está segura faz muita diferença. Na minha experiência, também não perdi entes próximos a mim e pude ter o alívio de ter meus pais — que fazem parte do grupo considerado de risco pela idade e por doenças crônicas— em casa, além de meu pai ter tido seu emprego assegurado. No entanto, mesmo assim, o sentimento de ansiedade e medo me consumiu, o que dificultou lidar com os requerimentos acadêmicos. No entanto, nesse período esses sentimentos emergiram de outras questões pessoais.

Além do peso de lidar com essas demandas, as estudantes também relataram o impasse que vivem/viveram com professores e professoras que não conseguem ter um olhar para as subjetividades de seus estudantes, acabando por tornar o movimento de persistir no curso quase impraticável.

E tem uma coisa que aconteceu numa aula de uma professora [...] reclamar que os alunos chegavam na aula dela, assinavam a folha de chamada e depois, quando dava dez horas, ia embora, dez horas da manhã. Cara... professora, você não consegue compreender que nem todo aluno que é trabalhador vai estudar à noite? [...] a pessoa às vezes pode fazer negociações no trabalho e viver a faculdade em outro horário. Porque a ideia do professor da Faculdade de Educação dos alunos que estudam de manhã é “Esses alunos não trabalham”. Eles precisam estar aqui desde o horário que inicia até o final da aula. (Narrativa de Gyanne, 2024)

Eu sinto que da parte docente e da coordenação não tem essa compreensão e nem essa atenção mais detalhada para esse aluno que é cotista. Eu sinto que eles esperam que a gente tenha o mesmo rendimento da pessoa que mora em Botafogo, que mora na Barra da Tijuca, da pessoa que mora perto da faculdade que consegue acordar às sete da manhã e estar ali na faculdade sete e meia, oito horas [da manhã]. Eu sei que às vezes foge do nosso controle, o sistema é injusto; mas eu também sei que da parte docente, da parte de coordenação, direção da faculdade [de Educação] poderia ter um pouco mais de diálogo com esse aluno cotista. (Narrativa de Isabela, 2024)

Em minha narrativa, que abre esta monografia em sua introdução, exponho que parte da minha motivação de realizar uma pesquisa narrativa com vivências e experiências de estudantes cotistas do curso da Pedagogia na UFRJ é justamente por ter me deparado tantas vezes com discursos e comportamentos por parte de docentes que, intencionalmente ou não, invisibilizam nossas lutas e fomentam uma homogeneidade que não existe considerando as desigualdades educacionais e sociais que existem na sociedade brasileira. Assim como pontua Isabela, também compreendo que a reprodução desses discursos por vezes elitistas e meritocráticos parte do que Rufino (2019) entende como “[...] *modus* que vitaliza um espectro que opera na codificação de uma agenda política/educativa composta por repertórios de práticas produzidos e disseminados pelos colonizadores” (p. 74) que “[...] forjou mentalidades, linguagens, regulações, traumas, dispositivos de interação social e trocas simbólicas” (p. 75). Dessa forma, a realidade que se

estabelece é de uma constante luta pela transgressão dessas mentalidades que é possível observarmos através das mudanças que ocorreram com o passar dos anos no trato da universidade com seus estudantes. Contudo, é inegável que ainda estão enraizadas na universidade essas formas de pensar assentadas nessa perspectiva da história única (Adichie, 2019), do saber único, da possibilidade única.

Ao sermos atravessadas por essas falas e mentalidades, é gerado um certo afastamento entre nós e a universidade, juntamente com um sentimento de não-pertencimento àquele lugar. A baixa autoestima intelectual e o sentimento de perda de sentido de ser e estar naquele espaço é comum para aquelas e aqueles que vieram do ensino público básico, que advém das classes menos favorecidas e não-brancas.

É muito difícil frequentar a UFRJ, ainda que eu queira muito estar nesse ambiente, eu ainda não me sinto pertencente, mesmo no final da graduação, porque eu não consigo participar de todas as atividades que eu gostaria; eu não consigo fazer, por exemplo, uma eletiva que eu realmente queira fazer aquela eletiva, eu tenho que ter as possibilidades dentro do meu horário; do grupo de pesquisa. [...] E aí você entra e vai percebendo que a dificuldade começa no linguajar do professor. Aí você vai começar a buscar lá nos seus [livros] empoeirados o dicionário e vai começar a anotar. Foi isso que aconteceu comigo, eu comecei a anotar as palavras que eu via “isso eu não sei” e eu vou começar a ler o que significa. Então eu fui começar a entender os textos pesados. (Narrativa de Gyanne, 2024)

Então eu sinto que eu não vivenciei a UFRJ de forma ampla e eu sinto que, no início da faculdade eu tive muita dificuldade, sabe? Por ser aluna oriunda do ensino público, que eu estudei em uma escola estadual... foi muito difícil o final do meu ensino médio porque a escola já estava com falta de professor, já *tava* fechando o terceiro turno, que era o noturno; então a escola *tava* entrando em crise. No meu terceiro ano, dois ou três professores entraram em greve e ficaram quase três bimestres de greve e eu fiquei sem aula. Então eu não tinha professor de física, professor de sociologia, não tinha professor de filosofia... Então quando eu entrei na faculdade, eu fiquei assim “Meu Deus... o que eu *tô* fazendo aqui?”. Não é que eu não sabia de nada, só que eu não sabia de quase nada. No meu início aqui na faculdade eu lembro que eu jurava que eu ia ser reprovada em todas as disciplinas e que eu seria expulsa porque eu teria sido reprovada simultaneamente em cinco disciplinas. Daí foi muito difícil... até eu entender o que era a universidade, até eu entender como a universidade caminha... eu sinto que a UFRJ não te explica plenamente como a universidade vive, os professores entram [na sala] achando que a gente já sabe tudo, então... aquilo me deu um negócio, eu me sentia o cocô do cavalo do bandido. Eu tinha que sair muito cedo de casa e aí eu chegava na faculdade e via que não sabia de nada. (Narrativa de Isabela, 2024)

Durante os primeiros períodos do curso, também tive bastante dificuldade e inseguranças acerca do meu desempenho acadêmico. Observava vários colegas que vieram de escolas privadas mostrando haver conhecimento prévio acerca de certas temáticas e conceitos enquanto eu não havia nem sequer escutado falar em certos teóricos — especialmente nas disciplinas de Fundamentos da Educação como Filosofia e Sociologia da Educação.

A falta de domínio do vocabulário acadêmico e de conceitos prévios definitivamente nos afeta e nos causa esse sentimento de não merecer e pertencer àquele ambiente, mas Gyanne aponta como a representatividade dos nossos lá dentro alimenta a nossa vontade de persistir.

É muito louco pensar também, Nathália, que a gente que é preto, a gente sente na pele a exclusão até mesmo na forma de falar. [...] Eu me lembro do meu primeiro professor que me deu uma referência negra na UFRJ, foi o Ricardo [professor substituto de Fundamentos Sociológicos da Educação]. Depois, foi a Luciana [professora substituta de História da Educação]; depois, a Nastassja [professora do departamento de Fundamentos da Educação da FE]; depois, nessa ordem, veio a Rita [professora do departamento de Didática da FE]; depois veio a Ana Paula [professora do departamento de Didática e atual diretora da FE]. Daí você começa a pensar “caramba, tô começando a me enxergar aqui! Agora tô vendo palavras que estão no meu cotidiano! Agora posso me apresentar da forma que eu sou”, porque você fica com vergonha, você se cala.

A experiência de Gyanne relatada acima evidencia a importância desse encontro com docentes que estão no movimento de transgredir uma educação que reforça essa dinâmica colonizadora que valoriza um ser/saber/poder — branco, eurocêntrico e ocidentalizado — em detrimento de outros — daqueles historicamente marginalizados e colocados na posição de colonos. Em *Pedagogia das Encruzilhadas* (2019), Rufino ao propor um projeto compreendendo uma pedagogia a partir das representações de Exú e a compreensão de axé, nos apresenta dois conceitos que se mostram dimensões fundamentais: o *encante*, onde opera a vida num movimento contínuo e inacabável; e o *desencante*, onde opera a morte por meio do esquecimento (p. 68). A partir dessa compreensão, o autor enuncia que a colonialidade e seus efeitos “[...] compreende-se como um projeto de mortandade, calçado na produção do desvio existencial e da aniquilação de saberes” (p. 68) e, portanto, agindo principalmente através do esquecimento e descredibilidade daquelas e daqueles subordinados a esse sistema. Ao propor essa perspectiva pedagógica, Rufino intenta uma educação descolonial que não objetiva uma inversão de posições, mas sim a transgressão dessas mentalidades pautadas na dominação e hegemonia.

A partir do saber em encruzilhadas, a transgressão da colonização das mentalidades emerge como um ato de libertação, que produz o arrebatamento tanto dos marcados pela condição de subalternidade (colono) quanto dos montados pela condição de exploradores (colonizadores). [...] Assim, responde eticamente a todos envolvidos nessa trama, os envolve, os “emacumba” (encanta), os cruza e os lança a outros caminhos enquanto possibilidades para o tratamento da tragédia chamada colonialismo. (Rufino, 2019, p. 75)

Dessa forma, quando a universidade se movimenta em busca de reconhecer e valorizar as diferentes formas de ser, estar e saber no mundo e suas potências, ao mesmo tempo,

proporciona o acolhimento e, conseqüentemente, um senso de pertencimento aos indivíduos em que são historicamente invisibilizados.

É também através desses encontros e experiências tecidas nos cotidianos acadêmicos que nascem a resiliência e persistência das estudantes para se manterem até o fim da graduação.

3.4 COMO PERSISTIR DIANTE DESSES CENÁRIOS?

Diante de tantos entraves e atravessamentos, o que faz essas futuras pedagogas persistirem no curso e na universidade? Isso foi respondido pelas colegas de curso sem ao menos que as questionasse sobre o assunto. Ainda que a caminhada acadêmica dessas estudantes esteja sendo/tenha sido custosa, é inegável a elas o impacto e, consequentemente, as mudanças positivas que vivenciar a UFRJ pode proporcionar. Novas percepções de mundo e da vida além do amadurecimento profissional, acadêmico, político e pessoal são levadas em consideração quando Gyanne, Isabela, Daniele e Beatriz pensam nos motivos de não desistir. Gyanne, por exemplo, nos relata que permanecer no curso de Pedagogia e na UFRJ vai além de uma tentativa de mudança que busque uma ascensão financeira, que há outras possibilidades e oportunidades que essas experiências proporcionam que ela considera serem maiores e mais importantes.

Então, eu estou nesse espaço, nessas demandas de trabalho, de querer estar estudando, que é onde eu como eu vejo uma oportunidade de mudança de vida, né?! E é uma coisa que eu quero para continuar expandindo meu conhecimento, me formando como pessoa. Mas ainda assim é um espaço muito excludente. É uma luta para poder permanecer, mas eu estou chegando no final, vou chegar até lá [...] eu *tô* resistindo por algo muito maior, que eu não sei o que que é, mas às vezes não é um algo maior financeiro, mas um algo maior como percepção como pessoa; de entender que eu não estou limitada a um conjunto de favelas da Maré, existe um mundo lá fora. Ainda que aqui tenha muitas riquezas, mas existe um mundo para além da Maré. (Narrativa de Gyanne, 2024)

Além dela, Isabela e Daniele também expressaram esse impacto de viver a/na universidade, um *espaçotempo* que te proporciona conviver com pessoas dos mais diferentes contextos sociais, culturais, políticos e econômicos, mostrando que são experiências que podem possibilitar uma mudança até mesmo na forma em que se vestem.

[...] houve uma mudança na minha vida muito grande, muito grande. Todo meu núcleo familiar, de amigos, tudo era em São João. E em São João não tem nada. Não é falando mal não, é que não tem mesmo. Em Caxias tem coisa *pra* fazer, mas em São João não. Não tem um lugar *pra* andar de bicicleta, um parque igual o de Madureira, sabe? Então entrar na universidade foi tudo muito maravilhoso no início porque eu conheci pessoas muito diferentes... eu até mudei minha forma de me vestir. O choque cultural é muito grande. A universidade mudou muita coisa na minha vida, muita coisa mesmo. Até percepções sobre a educação. Teve uma aula, acho que foi no primeiro ou segundo período, que a gente discutia em sociologia o comentário de “ah, porque os estudantes não se interessam, fazem bagunça” e tinha toda uma bagagem por trás que fazia o aluno ser assim que eu não sabia sobre. Então muita coisa mudou, não só nessa parte pessoal, mas também de entender o mundo ao meu redor, que é a Pedagogia. O curso de Pedagogia na UFRJ faz com que a gente compreenda, faz a gente acessar, todo um

contexto, uma conjuntura histórico-social do Brasil *pra* pensar a educação. (Narrativa de Daniele, 2024)

Eu sinto que esse tempo na faculdade, vendo muita coisa, conhecendo pessoas *muuuuito* diferente de mim... porque na minha bolha social as pessoas são parecidas comigo, sabe? Eu me relaciono com pessoas que são da minha religião, me relaciono com pessoas que eu sou amiga desde a infância, então são pessoas que eu já conheço por mais que sejam pessoas diferentes de mim. A universidade me proporcionou conhecer pessoas muito diferentes de mim, que eu sei que eu não conheceria se não fosse pela universidade. Então eu acho que a universidade me deu esse senso do diferente e também me ajudou a falar em público, porque eu morria de medo, eu era apavorada pra falar em público. Eu acho que também o curso me fez desenvolver isso: a proatividade, a tomada de decisão, de tomar a frente das coisas. [...] eu sinto que a universidade me ajudou nisso, nesse senso de comunidade também, eu sinto que a gente faz tudo em comunidade na faculdade [...] me ajudou com resolução de conflitos. (Narrativa de Isabela, 2024)

Apesar de toda a dificuldade de ser e estar em uma das melhores universidades do país como estudante cotista, existem profissionais desses cotidianos que fazem o que podem com o que tem, considerando as mentalidades excludentes enraizadas em tudo que envolve a instituição.

Parte das experiências de Gyanne no curso da Pedagogia que contribuiu para a persistência e permanência no curso foi o movimento realizado por uma professora para que ela fosse integrada em um grupo de pesquisa e pudesse viver essa oportunidade que, apesar de não ser um requisito para concluir a graduação, é de riquíssima contribuição tanto para seu crescimento profissional quanto pessoal.

[...] por exemplo, eu fui encontrada pela professora e, graças a Deus, eu gosto muito do grupo, mas também não foi o grupo que eu me disponibilizei por livre e espontânea vontade, eu fui a uma atividade de uma disciplina, eu fui fazer uma pesquisa com essa professora e ela me convidou, ela falou: Gyanne, você tem que vir para o meu grupo de pesquisa, vem para cá! Eu: Sério, professora? Mas será que vai dar? É o grupo Coletivamente, que é com a Mônica Houri [Professora pertencente ao departamento de Didática da FE]. É um grupo que estuda sobre os coletivos da UFRJ. Então o coletivo de negros, de Mães, PCDs, e eu estou na pesquisa do coletivo negro. E aí, por que eu consegui ficar no grupo? Com bastante dificuldade, *tá*? Mas como eu consigo permanecer no grupo até hoje? O grupo, ele tem encontros remotos e presenciais. E aí foi a forma que eu consegui para poder participar do grupo de pesquisa. Mesmo com muitas dificuldades de território, porque por exemplo, eu moro na Maré, às vezes tem operação, não consigo participar. Ela entende que eu não consigo participar porque eu não tive internet, eu não tive como sair para poder estar presencial. E ela se movimentou muito para que eu continuasse no grupo de pesquisa e ela também percebeu o meu esforço. [...] E pensar que às vezes a gente vai pelo caminho, não pelo programa que vai te atravessar, mas por causa de *grana*, porque a gente precisa de *grana*... [...] a gente não tá criticando apenas o professor, mas o professor pode abrir um caminho, igual a Mônica. A Mônica abriu um caminho *pra* mim. Ela fez [uma reunião] experimental por causa da Gyanne. “Não, a gente vai colocar então a possibilidade de ser remoto os nossos encontros” e deu certo! Não deu certo só *pra* mim, deu certo pra uma outra pessoa que morava longe e não falou sobre as dificuldades, mas também foi contemplado. (Narrativa de Gyanne, 2024)

Por outro lado, Beatriz compartilhou em sua narrativa que a sua fé religiosa foi fundamental para que não desistisse, para que acreditasse que iria conseguir chegar no fim da graduação.

[...] creio que somente pela ajuda de Deus tenho conseguido permanecer lá, tanto por causas financeiras, emocionais e pelas disciplinas, muitas vezes pensei que não iria conseguir finalizar ou ser aprovada mas graças a Deus consegui [...] levo em meu coração as palavras do meu Senhor que diz: "não temas, eu estou aqui para ajudá-lo"... e assim tem sido... com esforço, com cansaços, mas lembro que na infância a faculdade era algo impossível pra mim e estar lá hoje é obra que só posso dizer que foi Deus. Sou muito grata pelos auxílios e eles realmente ajudam [...] (Narrativa de Beatriz, 2024)

As pedagogas em formação não sentem que as adversidades que se apresentaram durante suas trajetórias acadêmicas irão impactar de forma negativa em suas práticas no futuro, compreendendo que na maior parte do tempo, estar em sala de aula requer outros saberes para além daqueles construídos na graduação; saberes que são tecidos diariamente nos cotidianos escolares a partir daqueles e daquelas que engendram esses *espaçostempo*. Dessa forma, elas compartilham as contribuições que consideraram positivas em experienciar salas de aulas a partir dos estágios — sejam os obrigatórios ou os não obrigatórios — e trabalhos.

Às vezes eu penso “Que tipo de pedagoga eu vou ser?”. E aí eu olhando *pra* prática dos professores que atravessaram a minha vida de forma positiva, eu acho que eu não vou ter problema porque eu percebo que o estudo, a formação ela não se esgota. E o que eu não aprendi dentro da universidade, eu vou aprender de alguma outra forma, em algum momento. Nem que seja dentro da minha sala de aula, tendo as dificuldades ou a necessidade [de aprender] dentro da minha sala de aula. Então eu não acho que falte algo e que vá faltar algo. Eu acho que é isso: a gente precisa se desprender da ideia — isso aí eu fui construindo ao longo do tempo, claro — que a gente não sabe tudo e nem vai saber tudo. (Narrativa de Gyanne, 2024)

O tempo que eu trabalhei fora da universidade, foi um tempo de muito aprendizado. Eu vivi a escola, o chão da escola. Então ao mesmo tempo que academicamente eu não obtive todo aprendizado que eu queria, eu sinto que na prática eu sou mais segura. Mesmo que eu tenha que buscar um pouco mais na teoria depois, a prática que eu vivi nessa escola privada me acalmou um pouco desse medo de ser professora. Não que eu me sinta totalmente despreparada nessa questão teórica, dos saberes teóricos. Mas eu também valorizo os saberes práticos que eu adquiri durante o trabalho, durante as práticas [de Ensino] que, apesar de serem absolutamente grandes [carga horária], a gente acaba adquirindo esses saberes práticos. Eu não me sinto totalmente desamparada por conta desses saberes. (Narrativa de Isabela, 2024)

Desse modo, suas narrativas revelam que, esse caminho, embora árduo, tem mostrado que o conhecimento adquirido na UFRJ abre portas para a construção de novas realidades, reafirmando o papel fundamental da universidade pública na transformação social e demonstrando que a formação oferecida pela UFRJ poderia ser ainda mais potente se ao menos parte desses desafios enfrentados pelas estudantes cotistas fossem superados.

4. QUAL A IMPORTÂNCIA DOS/DAS ESTUDANTES COTISTAS DO CURSO DE PEDAGOGIA NA UFRJ?

A necessidade de refletir sobre políticas de assistência estudantil focadas na permanência de estudantes cotistas é urgente, mas o que esses e essas estudantes cotistas do curso de Pedagogia oferecem à universidade? Essa pergunta surgiu durante a apresentação da minha pesquisa em um evento acadêmico, quando uma professora participante me provocou a pensar além dos aspectos acadêmicos formais. Embora inicialmente eu não tivesse refletido profundamente sobre essa questão, essa provocação me levou a investigar como essas estudantes contribuem para a universidade e, em particular, para o curso de Pedagogia.

Ao buscar na literatura discussões que abordassem, ainda que de forma ampla, a importância da presença e contribuição dos estudantes cotistas nas universidades públicas, deparei-me com um debate relevante promovido pelo jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*, em parceria com a TV PUC e a Rede TVT, sobre o tema “*Favela e periferia na universidade*” (2023). Nesse programa, as pesquisadoras convidadas ao debate Taisa Falcão, historiadora e professora doutora pela UFRJ, e Adriana Castro, doutora em saúde coletiva e professora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), abordaram a transformação da universidade com a entrada de estudantes cotistas, em especial aqueles provenientes de favelas e periferias. Ao observarmos a UFRJ antes e depois da implementação da Lei de Cotas em 2012, percebemos mudanças significativas na estrutura da universidade, que historicamente era marcada por uma hegemonia branca e elitista. Com a ampliação do acesso para grupos sociais minorizados, especialmente os favelados e periféricos, houve um impacto direto na diversidade de autores e epistemologias abordadas nos cursos. Textos de autores e autoras negras, indígenas e de outras origens até então marginalizadas começaram a ganhar espaço nas ementas, o que enriqueceu o debate acadêmico e proporcionou uma nova perspectiva na construção do conhecimento.

Esses novos saberes, antes descredibilizados, passaram a compor a produção acadêmica, com o reconhecimento de intelectuais negros e indígenas que sempre fizeram parte da história, mas foram invisibilizados. A professora Adriana Castro exemplifica essa mudança:

A Universidade mudou, acho que ela é bem mais permeável. Temos hoje uma produção acadêmica que inclui literatura indígena, pesquisadores indígenas, pesquisadoras negras, principalmente mulheres negras, esse reconhecimento de pessoas que já estavam na nossa história, mas estavam invisibilizadas em todos os campos. (Castro, 2023)

Essa mudança estrutural também se reflete na organização de coletivos dentro da universidade, onde estudantes cotistas se unem para promover transformações. Embora a universidade nem sempre esteja preparada ou disposta a atender essas demandas, a pressão dos estudantes tem contribuído para uma reestruturação institucional.

Além disso, muitas dessas estudantes mantêm uma forte vinculação com seus territórios de origem, como as favelas e periferias. Ao retornarem a esses espaços, elas buscam aplicar os conhecimentos adquiridos para responder a questões urgentes em suas comunidades. Um exemplo disso são as experiências de Isabela e Gyanne, que se engajam/engajaram, respectivamente, em um projeto de pré-vestibular social na Baixada Fluminense e em um projeto social na Maré, além de Isabela já ter feito parte da gestão do CAME (2022-2023) e Gyanne fazer parte de um grupo de pesquisa acerca dos coletivos estudantis da UFRJ.

Eu já tô vivendo a parte educadora aqui num projeto social na Maré. Toda vez que eu vou *pro* projeto, eu fico assim... [expressão de felicidade] porque é um projeto que eu já tinha idealizado na minha cabeça e nunca tinha visto em lugar nenhum aqui na Maré. Aí um amigo, que é da área de Humanas, tinha um projeto com vestibular e abriu um projeto para crianças. Cara, eu me candidatei *pra* entrar como voluntária e acabou que esse projeto contou como hora de extensão pra mim na universidade; já cumpri as horas e ainda tô no projeto, porque é onde eu me encontro, sabe? (Narrativa de Gyanne, 2024)

Essa relação com o território também leva esses estudantes a se envolverem em ações políticas que buscam melhorar as condições das comunidades onde vivem.

No entanto, ainda há uma significativa ausência de professores universitários que compartilhem essas origens periféricas. Segundo Adriana Castro, muitos desses estudantes enfrentam barreiras quase intransponíveis para continuar seus estudos em nível de pós-graduação:

Estamos falando de pessoas que vão se formar na universidade para uma família e um território que perguntam: 'E agora? Como você vai sobreviver? No que vai trabalhar?' (Castro, 2023)

Ela também destaca a complexidade desse processo, que exige muito mais do que o simples ingresso na universidade. Para garantir a permanência e o sucesso desses estudantes ao longo de sua formação, são necessárias políticas robustas de sustentabilidade acadêmica:

Não basta ter um diploma universitário. Vai cada vez mais se exigindo competências, habilidades e tempo. Um tempo que, muitas vezes, esses estudantes não têm devido à falta de mobilidade urbana, conectividade ou recursos para garantir sua sobrevivência e a de suas famílias. (Castro, 2023)

Isso reflete na necessidade também dos/das estudantes pertencentes à classe trabalhadora de precisarem ter experiência prática na área antes de concluir a graduação, a fim de aumentar as possibilidades de contratação após a universidade, visto que precisam do suporte financeiro de um emprego. Tal questão foi levantada por Daniele, ao compreender que, mesmo que durante a graduação trabalhar não fosse uma obrigação, ela tem a compreensão de que seria urgente conseguir um emprego assim que encerrasse a graduação.

O estudante da classe trabalhadora ele quer, depois de formado, ter um espaço no mercado de trabalho. Então não dá *pra* ele viver no mundinho mágico de “vou me dedicar só à minha formação, à pesquisa.”. E eu não *tô* julgando quem tem esse conforto de realmente criar toda essa bagagem, de se formar com tranquilidade e se dedicar realmente aos estudos... mas *pra* quem vem da classe trabalhadora, cara... você tem que achar seu lugar no mundo, no mercado de trabalho. Você tem que construir sua network, tem que construir sua bagagem, suas referências no currículo, porque você passa por uma entrevista [e perguntam] “ah, você trabalhou onde?” [...] você tem que ter experiência, o mercado de trabalho vai te cobrar isso. E para as pessoas que vêm de uma realidade privilegiada, é até mais fácil arrumar emprego. Você manda o currículo para uma escola da Gávea, morando na Gávea... [...] “ah, você estudou aqui, vem trabalhar com a gente!” (Narrativa de Daniele, 2024)

Portanto, a presença de estudantes cotistas na UFRJ, especialmente no curso de Pedagogia, vai muito além da inclusão de pessoas de grupos minorizados no ensino superior. Eles e elas trazem novas perspectivas, enriquecem o debate acadêmico e contribuem para a transformação da universidade em um espaço mais democrático e plural, que reflete, de forma mais fiel, a diversidade social do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada e apresentada neste presente trabalho, podemos entender melhor o processo complexo e gradual da UFRJ de implementação das políticas de assistência aos estudantes ao longo das décadas. Embora o sistema tenha evoluído de maneira lenta, enfrentando desafios históricos e institucionais, a criação de órgãos como a Superintendência Geral de Políticas Estudantis (SuperEst) e a Pró-Reitoria de Políticas Estudantis (PR7) representou avanços significativos, especialmente com o aumento de recursos e a expansão das ações para além da assistência financeira. A ampliação das políticas, como a Resolução 02/2019, reflete uma mudança de foco, abordando não apenas o aspecto socioeconômico, mas também fatores como integração acadêmica, cultural e social, fundamentais para a permanência estudantil.

Além desses pontos, a partir dos estudos de Vincent Tinto analisados por Honorato e Borges (2023) em busca de entender quais ações as instituições de ensino superior devem promover para garantir a persistência de seus estudantes e analisando as ações promovidas pela UFRJ, pudemos ver que a universidade possui programas e projetos que intentam garantir a permanência de seu alunado indo além de questões socioeconômicas. No entanto, apesar de apresentar avanços, ainda enfrenta desafios quanto à divulgação e efetividade de suas ações de apoio, ressaltando a importância de um diálogo mais aberto e ativo entre a universidade e os alunos, especialmente em relação à escuta ativa de suas necessidades.

A partir da minha narrativa e das narrativas (re)compartilhadas por Gyanne, Isabela, Daniele e Beatriz enquanto estudantes cotistas do curso de Pedagogia na UFRJ, é possível compreendermos melhor como temos dado conta dessas demandas através de manobras e malabarismos que criamos nas frestas e lacunas que se abrem diante desses cenários e, conseqüentemente, a complexidade dos desafios que se interseccionam e se apresentam em nossas trajetórias de formação docente. Com o aporte das políticas de assistência estudantil se provando mais uma vez insuficiente para a maioria das colegas narradoras nesta pesquisa, as nossas experiências aqui narradas evidenciam quais desafios a Universidade Federal do Rio de Janeiro ainda possui no que tange a garantia da permanência/persistência de seus e suas estudantes, fundamentalmente cotistas do curso de Pedagogia, que é o enfoque que se propõe a pesquisa. Além de evidenciar tais desafios como o de acesso ao *campus* das estudantes que moram distante, do suporte financeiro oferecido pela universidade sendo insuficiente e ocasionando na necessidade de muitas colegas trabalharem; das demandas acadêmicas que partem de uma inflexibilidade das regras de funcionamento da instituição e de mentalidades

enraizadas de uma compreensão unicêntrica: do saber, poder, ser únicos; das demandas psicoemocionais que se agravam ao lidar com todas essas outras demandas, as narrativas expostas aqui contribuem também para pensarmos em como superarmos esses desafios.

A despeito das frestas geradas pela insuficiência do aporte das políticas de assistência e permanência estudantil da UFRJ, a pesquisa narrativa nos/dos/com os cotidianos com estudantes da Pedagogia da UFRJ também mostra como a Faculdade de Educação vem buscando transgredir desafios que impactam na persistência de estudantes cotistas como o sentimento de não-pertencimento, por meio da implementação e aproximação de saberes comumente desvalorizados e subalternizados pela Academia.

Considerando tais questões, a pesquisa narrativa evidencia que, enquanto narradoras dos cotidianos do curso da Pedagogia na UFRJ, Gyanne, Isabela, Daniele, Beatriz e eu nos apresentamos como produtoras de saberes além de evidenciarmos a importância e impacto dos/das estudantes cotistas no curso de Pedagogia da UFRJ na produção de conhecimento acadêmico, especialmente nas pesquisas em políticas de assistência e permanência estudantil com o intuito de uma universidade mais democrática, equitativa e de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma História Única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, N. Sobre o movimento das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

ALVES, Nilda. **Imagens das escolas: sobre redes de conhecimentos e currículos escolares**. Educar. Curitiba: Editora da UFPR, n. 17, 2001, p. 2.

ALVES, Nilda. **SOBRE MOVIMENTOS DAS PESQUISAS NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS**. Rio de Janeiro: TEIAS, ano 4, nº 7-8, 2003, p. 01.

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. Petrópolis: DP et Alii, 3. ed. 2008.

BERTI, A.; CARVALHO, R. M. Experiência. In: REIS, G. A.; OLIVEIRA, I. B.; BARONI, P. (orgs.). **Dicionário de pesquisa narrativa**. Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2022, p. 189-196.

BRASIL. **Lei Nº 14.914, de 3 de julho de 2024**. Institui a Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Brasília, DF: MEC.

BRASILEIROS **perdem quase metade do poder de compra nos últimos dez anos**. Cultura Uol, 23 de janeiro de 2024. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/63965_brasileiros-perdem-quase-metade-do-poder-de-compra-nos-ultimos-dez-anos.html Acesso em: 02 de novembro de 2024.

CASTRO, A. **Favela e periferia na universidade**. Le Monde Diplomatique Brasil, 06 de dezembro de 2023. 59min07s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5KrfxfVo4Xk&t=213s> Acesso em: 02 de novembro de 2024.

CEG. **Resolução Nº 01 de 13 de março de 2008**. Normas de concessão e renovação de AUXÍLIO AO ESTUDANTE. BUFRJ: nº 06.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 38.

CONCEIÇÃO, D. G.; RIBEIRO, S. O. Escutatória. In: REIS, G. A.; OLIVEIRA, I. B.; BARONI, P. (orgs.). **Dicionário de pesquisa narrativa**. Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2022, p. 179-187.

CONSUNI. **Resolução Nº 01 de 08 de março de 2018**. Altera o Estatuto da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Regime do Conselho universitário em conformidade com a criação da Pró-Reitoria de Políticas Estudantis. Disponível em: https://consuni.ufrrj.br/images/Resolucoes/Resolucao_n_01_de_2018_-_public_DOU.pdf Acesso em: 02 de novembro de 2024.

CONSUNI. **Resolução nº 02 de março de 2019.** Regulamenta a Política de Assistência Estudantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DIAS, Ana Flávia Merlim. **A política de assistência estudantil da UFRJ.** Rio de Janeiro, 2019.

FAPERJ. **Valores de Bolsas FAPERJ.** 2022. Disponível em: https://siteantigo.faperj.br/downloads/formularios/Valores_de_bolsas_auxilio_instalacao.pdf Acesso em: 02 de novembro de 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

G1. **Governo divulga reajuste em bolsas de pesquisa; veja novos valores.** Brasília: Globo, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/02/16/governo-divulga-reajuste-em-bolsas-de-pesquisa-nesta-quinta-valor-deve-subir-40percent-em-media.ghtml> Acesso em: 02 de novembro de 2024.

GARCIA, Thaís da Silva Reis. **Formação docente: Expectativas e Avaliações dos Licenciandos Concluintes da UFRJ.** Rio de Janeiro, 2022, p. 20.

HERINGER, R.; MACEDO, J. M.; HOURI, M. S.; SILVA, L. S. Avaliação das Políticas de Ação Afirmativa no Ensino Superior no Brasil: resultados e desafios futuros - O caso da UFRJ. In: HERINGER, Rosana; CARREIRA, Denise (Orgs.). **10 anos da Lei de Cotas: conquistas e perspectivas.** Rio de Janeiro, RJ: Faculdade de Educação UFRJ: Ação Educativa, 2022.

HERINGER, Rosana. PERMANÊNCIA ESTUDANTIL NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO BRASILEIRO: REFLEXÕES A PARTIR DE DEZ ANOS DE PESQUISAS. **Cadernos de Estudos Sociais**, [S. l.], v. 37, n. 2, 2022. DOI: 10.33148/CES(2143). Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/2143> Acesso em: 02 de novembro de 2024.

HONORATO, G. Investigando “permanência” no ensino superior: um estudo sobre cotistas do curso de pedagogia da UFRJ. In: HERINGER, R.; HONORATO, G. **Acesso e sucesso no ensino superior: uma sociologia dos estudantes.** Rio de Janeiro: 7letras, 2015.

HONORATO, G. de S.; BORGES, E. H. N. **Permanência na educação superior brasileira: contribuições de Vincent Tinto.** Linhas Críticas, v. 29, e46400, 2023. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc29202346400> Acesso em: 02 de novembro de 2024.

HONORATO, Gabriela; VIEIRA, André; ZUCCARELLI, Carolina. Expansão, diversificação e composição social da área de Educação no ensino superior brasileiro (1995-2015). In: HERINGER, R. (Org.). **Educação superior no Brasil contemporâneo: estudos sobre acesso, democratização e desigualdades.** Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da UFRJ, 2018. p. 31-85 (Coleção Cadernos do Lepas, Vol. 1).

MOURA, M. S. S.; GIANNELLA, V. **A ARTE DE ESCUTAR: NUANCES DE UM CAMPO DE PRÁTICAS E DE CONHECIMENTO.** Goiânia: Revista Terceiro Incluído, v. 6, n. 1, 2017, p. 9-24. DOI: 10.5216/teri.v6i1.40739. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teri/article/view/40739> Acesso em: 02 de novembro de 2024.

OLIVEIRA, I. B. **Estudos do cotidiano, pesquisa em educação e vida cotidiana: o desafio da coerência**. ETD - Educação Temática Digital, 9(esp.), 2008, p. 164-165. <https://nbnresolving.org/urn:nbn:de:0168-ssolar-72875> Acesso em: 02 de novembro de 2024.

REIS, G. A. **Pesquisa Narrativa como Possibilidade de Expansão do Presente**. Educação & Realidade, [S. l.], v. 48, 2023. DOI: 10.1590/2175-6236123291vs01. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/123291>. Acesso em: 02 de novembro de 2024.

REIS, G. A. Singularsocial. In: REIS, G. A.; OLIVEIRA, I. B.; BARONI, P. (orgs.). **Dicionário de pesquisa narrativa**. Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2022, p. 333-341.

RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 38.280, de 29 de janeiro de 2014**. Institui o PASSE LIVRE UNIVERSITÁRIO e amplia benefícios aos estudantes da Rede Pública de Ensino, alterando o Decreto nº32.842, de 1º de outubro de 2010, que institui o Bilhete Único Carioca. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4800832/4138119/DECRETO_38280_DE_29_DE_JANEIRO_DE_2014.pdf Acesso em: 02 de novembro de 2024.

RODRIGUES, M. G.; HONORATO, G. Expansão, diversificação e estratificação da área de Educação no Brasil: os cursos de Pedagogia em foco. In: HONORATO, G. (org.). **Avanços e desafios na democratização da educação superior no Brasil**. Cadernos do LEPES - Vol. 2. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da UFRJ, 2019.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 5ª ed, 2008.

SILVA, D. A. Política de cotas: representações e desafios à democratização do ensino superior. In: HONORATO, G. (org.). **Avanços e desafios na democratização da educação superior no Brasil**. Cadernos do LEPES - Vol. 2. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da UFRJ, 2019.

SCHMÖKEL, F.; MIRANDA, C. R.; COLVERO, R. B. Elitismo e democracia: uma exposição teórica. In: **III Seminário Internacional de Ciências Sociais – Ciência Política: Buscando o Sul**. UniPampa, 2014. Disponível em: <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/cienciapolitica/files/2014/06/Elitismo-e-democracia.pdf> Acesso em: 21 de novembro de 2024.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

SOARES, M. C. S. Homem ordinário. In: REIS, G. A.; OLIVEIRA, I. B.; BARONI, P. (orgs.). **Dicionário de pesquisa narrativa**. Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2022, p. 215-222.

UFRJ. **EDITAL DE SELEÇÃO Nº 351/2023 PROGRAMA DE AUXÍLIOS 2023-1**. Rio de Janeiro, 29 mar. 2023. Disponível em: https://politicaseestudantis.ufrj.br/images/DOCUMENTOS/2023/Edital_Auxilios_2023_1/Edit_al_Auxilios_351_2023_1.pdf Acesso em: 02 de novembro de 2024.

UFRJ. **Guia da PR-7 para o calouro. Pró-Reitoria de Políticas Estudantis.** 2023. Disponível em:

https://politicasestudantis.ufrj.br/images/DOCUMENTOS/2022/Diped/guia_da_pr7_para_o_calouro_vs2.pdf Acesso em: 02 de novembro de 2024.

YEDAIDE, M. M.; PORTA, L. Narrativa como forma de conhecer as experiências do mundo. In: REIS, G. A.; OLIVEIRA, I. B.; BARONI, P. (orgs.). **Dicionário de pesquisa narrativa.** Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2022, p. 241-248.

ANEXO I

TRANSCRIÇÃO DAS NARRATIVAS

- NARRATIVA DE GYANNE

Eu: Primeiro preciso que você se apresente com nome, idade, qual período, quando você entrou na faculdade... como foi esse início, a sua permanência... como é isso de você sair de casa e ir *pra* faculdade, essa mobilidade “casa x faculdade”, enfim: contando a sua história, a sua narrativa.

Gyanne: Então, meu nome é Gyanne, Gyanne Custódio. Eu tenho 30 anos. Eu entrei na faculdade em 2019.1. Atualmente, eu estou no décimo primeiro período, devido às dificuldades da graduação, teve pandemia, eu precisei atrasar um pouco da minha grade para poder dar conta, porque eu sou aluna e sou trabalhadora. Então, isso impacta diretamente na minha vida, no meu cotidiano. Eu trabalho desde os 17 anos e, ingressar na universidade sempre foi sonho, principalmente na UFRJ. Quando eu ingresso na UFRJ em 2019.1, eu entro como cotista, por escola pública e pela renda, mas não tenho a bolsa para todos os anos da universidade. Minha bolsa foi aquela de ano. E aí, dentro desse ano, fui recebendo a bolsa, que eu não lembro mais quanto era o valor, mas me ajudou com o início da graduação. E aí, começam minhas dificuldades na graduação quando eu me deparo que eu estou fazendo curso de pedagogia, que não é integral, e que teoricamente, ele seria um curso que estaria dentro das minhas possibilidades, mas com o decorrer dos períodos e com as demandas pessoais e de trabalho e da faculdade, eu fui vendo que o curso não era curso só matutino ou só vespertino ou só noturno. Ele era curso que demandaria uma carga horária maior, o meu tempo, e eu me assustei. Mas não desisti do curso, mas já pensei várias vezes em fazer isso. E aí, entra a pandemia, como eu falei anteriormente, entrou a pandemia, e aí eu preciso reduzir a quantidade de matérias para poder continuar tanto no curso e não atrapalhar meu trabalho.

Eu trabalho numa carga horária de oito horas diárias, 40 horas semanais, e para poder dar conta disso, eu faço acordo com meu trabalho. Então, são cinco anos de graduação fazendo acordos para poder dar conta, dar conta de estágio, dar conta de extensão, dar conta de eletivas, coisas que eu não fiz no início da graduação, nem no meio, e estou fazendo agora no final. Eu comecei a fazer estágios em 2023.1, que foi quando eu consegui ver possibilidade de fazer o estágio e não ser mandada embora do meu trabalho. E aí conversei com o meu gestor, ele viu

que era possível e me liberou para fazer meus estágios, principalmente em educação infantil, magistério que é de manhã, EJA e gestão dá para fazer à noite, que foi o que eu fiz. Bem, até então eu já consegui fazer três estágios, eu fiz dois estágios em 2023.1 na correria, na ansiedade, na porradaria; e fiz um estágio em 2023.2.

Vou me atrasar para poder concluir agora nesse ano, porque eu queria fazer mais dois estágios agora, tinha conseguido fazer uma negociação, mas não consegui vaga na prática, então eu vou ter que renegociar o que eu já tinha negociado.

A bolsa da faculdade, sendo ano, ela me ajudou a adquirir esse Notebook, que eu estou conversando com você agora. Foi uma ajuda, realmente. O dinheiro da bolsa me ajudava a complementar o valor das parcelas do Notebook. Ele tem que durar até o final dessa graduação, pelo amor de Deus (risos).

É muito difícil frequentar a UFRJ, ainda que eu quisesse muito estar nesse ambiente, eu ainda não me sinto pertencente, mesmo no final da graduação, porque eu não consigo participar de todas as atividades que eu gostaria; eu não consigo fazer, por exemplo, uma eletiva que eu realmente queira fazer aquela eletiva, eu tenho que ter as possibilidades dentro do meu horário; do grupo de pesquisa, por exemplo, eu fui encontrada pela professora e, graças a Deus, eu gosto muito do grupo, mas também não foi grupo que eu me disponibilizei por livre e espontânea vontade, eu fui numa atividade de uma disciplina, eu fui fazer uma pesquisa com essa professora e ela me convidou, ela falou: “Gyanne, você tem que vir para o meu grupo de pesquisa, vem para cá!” aí eu: “Sério, professora? Mas será que vai dar?”.

Eu: Qual é o grupo?

Gyanne: É o grupo Coletivamente, que é com a Mônica Houri. O grupo é grupo que estuda sobre os coletivos da UFRJ. Então o coletivo de negros, de Mães, PCDs, e eu estou na pesquisa do coletivo negro. E aí, por que eu consegui ficar no grupo? Com bastante dificuldade, *tá*? Mas como eu consigo permanecer no grupo até hoje? O grupo, ele tem encontros remotos e presenciais. E aí foi a forma que eu consegui para poder participar do grupo de pesquisa. Mesmo com muitas dificuldades de território, porque por exemplo, eu moro na Maré, às vezes tem operação, não consigo participar. Ela entende que eu não consigo participar porque eu não tive internet, eu não tive como sair para poder estar presencial. E ela se movimentou muito para que eu continuasse no grupo de pesquisa e ela também percebeu o meu esforço. Então, por isso que eu consigo estar no grupo até hoje, vou participar até na Jictac na semana que vem. Mas é isso, sabe? É tudo com muita dificuldade, não tem muitas oportunidades o estudante, principalmente

o trabalhador. Então, eu estou nesse espaço, nessas demandas de trabalho, de querer estar estudando, que é onde eu como eu vejo uma oportunidade de mudança de vida, né?! E é uma coisa que eu quero para continuar expandindo meu conhecimento, me formando como pessoa. Mas ainda assim é um espaço muito excludente. É uma luta para poder permanecer, mas eu estou chegando no final, vou chegar até lá, minha formatura está vindo aí, mesmo depois da formatura, eu vou ficar mais um período, mas estou conseguindo. Falei muito?

Eu: Não, imagina! Pode falar! Sobre a bolsa, o meu é o mesmo caso: eu entrei por cota de renda, escola pública e por cor também. Você também foram os três, né?!

Gyanne: Isso, isso.

Eu: E também a minha renda foi só até um salário e meio per capita, né?! E aí você acaba só recebendo um ano de bolsa. E eu também, comprei um notebook com a bolsa, que eu fui juntando. Mas a minha bolsa eu também usava, porque até o período passado eu estava morando em Santa Cruz agora, graças a Deus, eu *tô* morando um pouquinho mais perto, *tô* morando na zona norte, daí não preciso mais do trem. Mas morando em Santa Cruz o trem era crucial, né?! E a faculdade [bilhete único universitário] não cobre [a passagem de meios de transporte como trem e metrô]. Aí eu coloquei na monografia, porque a introdução dela é a narrativa da minha vivência, explicando até porque eu estou levantando esta questão. Porque eu vivi isso, né, de morar muito longe da faculdade. Mesmo que você não more tão longe assim, tem toda essa questão de literalmente, uma instabilidade, né?! De você não saber se vai poder sair de casa ou não; às vezes você já saiu de casa e começa uma operação, um conflito e você fica na rua, sem abrigo... ou até mesmo você *tá* na faculdade e começa um conflito onde você mora... e aí: como você volta pra casa? Tem isso, com certeza. Então essa questão da mobilidade, eu até falo: existem políticas de assistência estudantil para moradia, mas aí tem regras do tipo “você tem que morar a, no mínimo, sessenta quilômetros da faculdade”, mesmo que, no meu caso, eu levasse três horas *pra* chegar na faculdade, porque eu morava na outra ponta da cidade.

Sobre essa questão de emprego, né, eu não precisei necessariamente trabalhar, mas teve momentos que eu tive que buscar estágio remunerado para dar uma aliviada, porque realmente só meu pai [trabalhando] não estava dando conta...

Gyanne: e a passagem cara de trem, né?!

Eu: sim! E aqui em casa, estudava eu e Fernanda, nome da minha irmã, ela fez Letras-Francês, inclusive a colação [de grau] dela foi ontem. No caso ela ia *pro* fundão, né? E aí meu pai chegou a pagar duas passagens de trem, que ficava super caro.

Gyanne: Sobre a mobilidade, por exemplo, eu moro pertíssimo da faculdade comparando a você que morava em Santa Cruz, né?! Mas eu tinha que sair cedo ou então eu chegava muito atrasada na faculdade. O ônibus que eu tenho *pra* ir para a faculdade é o 483, só tenho esse ônibus [linha]. Se eu perder esse ônibus, eu tenho que fazer baldeação e aí eu levo 2h. Esse ônibus, se eu não me engano, *pra* sair daqui onde eu moro 5h da manhã e o último é 8h da manhã. É só nesse período, que é realmente nesse período *aonde* as empregadas domésticas, o pessoal da manutenção [de serviços] estão indo para [trabalhar na] zona sul. Esse é o horário desse ônibus está disponível, da passarela 10 [da Av. Brasil] em diante, *de* 5h às 8h [da manhã]. Perdeu esse horário, já era. Então eu tinha que sair de casa 6h15, 6h20 [da manhã] *pra* poder chegar [na faculdade] no horário de 7h30. Só que é isso, né?! Eu trabalho e o corpo cansa. Quando o corpo cansa, você perde a hora! Então várias vezes, ao invés de acordar 5h, acordei 15 [minutos] *pras* 6h, e agora? É aquela correria. Aí você mora dentro da favela, até você andar até a Av. Brasil já é quase uns 10 minutos, e aí algumas vezes eu chegava atrasada. Tinha professor que não queria, que não gostava que chegasse atrasada. Mas é isso. Eu nem falava a hora que eu acordava, mas falava “você sabe qual ônibus que eu pego? Eu pego o 483, ele vem lotado!”, às vezes o motorista nem parava.

Eu: muitas das vezes os professores nem sabem que ônibus é esse, né, você sabe disso!

Gyanne: isso aí! Às vezes eles nem sabem que ônibus é esse, que corta a cidade *pra* chegar na zona sul. Eu tenho RioCard da faculdade [bilhete único universitário]. Ele me dá possibilidade de 4 passagens.

Eu: ainda tem isso...

Gyanne: Aí eu pego um ônibus socada, apertadíssima... problema meu, né? você *tá* no seu carro, não tem nada a ver com isso... “Eu *tô* me esforçando muito para estar aqui, professor!” [ela diz]. Mas várias vezes, sabe, [fizeram] bico, piada... “ah, porque chegar atrasado perde o início da aula” [comentário de professores] ...

Eu: como se fosse uma coisa que você acordou e disse “hoje eu decidi acordar atrasada, sabe?! Porque eu moro nesses apartamentos ali da Lauro Muller [rua que dá para os fundos do campus Praia Vermelha] e aí escolhi chegar atrasada hoje”.

Gyanne: é! Pois é! Às vezes eu acordei no horário, cheguei no ponto no horário e o ônibus não passa, e aí? Que que eu faço? Vou voando? E a Av. Brasil é engarrafamento todos os dias: você pode sair cedo, você vai chegar tarde. Então é muito custo se sentir no lugar do outro e entender que aquele espaço é um espaço público, primeiro; eu não entrei pela janela, eu fiz uma prova, eu passei nessa prova... e esse lugar que eu estou ocupando é de direito meu porquê eu fui lá e fiz a prova! Então assim, até você pensar nisso, dói muito, porque você fica triste quando você perde uma prova, o horário da prova; quando você não consegue dar conta de tudo que você precisa dar conta porque você tem outras coisas te atravessando o tempo inteiro, sabe? Então os sentimentos que eu tenho da UFRJ, muitas vezes, é um sentimento de “caramba, cara... olha aonde eu cheguei! Mesmo com todas as dificuldades, mesmo com todas as palavras que poderiam me arrancar desse lugar eu *tô* resistindo, sabe? Eu *tô* resistindo por algo muito maior, que eu não sei o que que é, mas às vezes não é um algo maior financeiro, mas um algo maior como percepção como pessoa; de entender que eu não estou limitada a um conjunto de favelas da Maré, existe um mundo lá fora. Ainda que aqui tenha muitas riquezas, mas existe um mundo para além da Maré.

Eu: Sobre essa questão das passagens, né, outra coisa que eu levanto é que não dá conta, né?! Mesmo que você morasse ali perto, mesmo que você pegasse um ônibus, não dá conta de você fazer o estágio. A gente não recebe nenhum auxílio [passagem] *pra* fazer estágio [...] até disso eu me aproveitei do estágio remunerado que eu fazia: eu tentava conciliar as passagens que o estágio remunerado me dava para que, quando faltasse no RioCard [bilhete único universitário], eu poder usar pra fazer os estágios. Por exemplo, eu decidi fazer as Práticas [de Ensino] presencialmente, então esses últimos dois anos foram bem pesados *pra* mim. Eu até tentei fazer a Prática de Magistério online [durante o período remoto devido à pandemia do Covid-19], mas eu ficava sendo expulsa [pelo sistema de inscrição de disciplinas] das turmas [disciplinas] e *tava* todo mundo falando que *tava* sendo uma experiência ruim, aí eu deixei pra lá. Mas depois, eu pensei “caramba, isso vai fazer com que eu demore muito pra eu me formar”, então eu fui puxando [me inscrevendo nas disciplinas] conforme eu podia. Então esses últimos dois anos foram bem difíceis, porque eu estudava de manhã e fazia o estágio de tarde ou ao contrário; e fazia outra aula de noite ou fazia, no caso da EJA, o estágio de noite... E é aquilo, né?! Opção

de 5 escolas [para estagiar], a maioria na zona sul e você que se vire, né?! Sair da escola da EJA nove e meia, dez horas da noite... Ano passado, tinha dia que eu chegava em casa meia noite, meia noite e meia... O mais cedo que eu conseguia chegar em casa era... Nossa, chegar onze horas da noite era, tipo, “Nossa, cheguei muito cedo hoje”, mas eu normalmente chegava a partir de onze e meia para acordar quatro [da manhã]. Então eu entendo, assim, o quão difícil pode ser. É claro, eu acho que *pra* você foi mais difícil ainda, porque eu entendo que estudar e trabalhar CLT ou, enfim, com algum contrato de trabalho é muito mais difícil, especialmente se você trabalha oito horas [por dia], porque é isso que você falou: a faculdade não é um turno só, é impossível você fazer ela em um turno só. Porque mesmo que você puxe matéria num turno só, você precisa fazer as práticas, né?!

Eu queria te perguntar se você acha que as políticas de assistência estudantis que a gente tem hoje, se elas suprem as necessidades dos estudantes pra que eles se mantenham na faculdade... o que você acha?

Gyanne: Então... não suprem. Eu acho que acaba suprimindo, se eu puder chutar uma porcentagem... acho que nem 10% do que muitos estudantes precisam. Quando a gente vai *pra* prática, como você falou, a gente não tem auxílio [financeiro]. Essa ausência de auxílio *pras* práticas complica demais a vida do estudante e você fica refém: como você termina a graduação de Pedagogia se você não fez prática? Você não vai terminar nunca, né?! *Pra* quem trabalha como CLT ou tem uma renda que não é uma renda fixa, fica rendido. Então assim: ou desiste do curso ou desiste. Então não supre, de maneira nenhuma, você tem que sempre buscar algo a mais.

E eu penso que, o curso da Pedagogia *tá* alcançando mais pessoas, mas as bolsas não estão chegando às pessoas que estão chegando nesse curso. Então é também uma forma de excluir esses estudantes que estão se predispondo pra fazer um curso que é de Pedagogia, que não é menor que nenhum outro curso, e que é [relacionado com a] formação do cidadão para a sociedade. Então, olha que louco, né? Onde começa a nossa desvalorização. É muito louco pensar que você *tá* buscando algo que não está te valorizando, está te desvalorizando o tempo todo.

Eu: é... nos textos que eu tenho pegado *pra* usar como cabedal teórico na monografia [...] a Mônica Houri tem também um texto que ela participa e é exatamente isso que as pesquisas indicam: o acesso à universidade pública em geral, não só a UFRJ, foi realmente bastante

expandido, né, não somente para pessoas negras (pretas e pardas). Mas a permanência não mudou tanto.

Gyanne: é tipo assim: “eu estou te dando o acesso, você fica se você quiser!”.

Eu: exatamente! E a UFRJ é uma universidade excludente historicamente mesmo. Inclusive ela só aderiu às cotas quando virou uma lei, algo obrigatório mesmo. Nesses trabalhos que a Rosana Heringer e a Gabriela Honorato publicaram diz exatamente isso. Ao contrário da UERJ [Universidade Estadual do Rio de Janeiro], que adotou as cotas antes de ser lei.

Gyanne: E é muito louco pensar também, Nathália, que a gente que é preto, a gente sente na pele a exclusão até mesmo na forma de falar. Quando você acessa uma faculdade pública... Eu estudei a minha vida inteira [em instituições públicas], até a minha creche foi comunitária, mas você percebe que o seu repertório cultural não está nem a terça metade do que é a UFRJ. E aí você pensa: “caramba, cara. Será que eu fiz a parada certa?”, porque quando eu fiz o vestibular, eu passei pra UERJ e pra UFRJ, né?! Só que, cara, meu sonho era estudar na UFRJ! Não que eu não gostasse da UERJ, mas meu sonho era a UFRJ. E aí você entra e vai percebendo que a dificuldade começa no linguajar do professor. Aí você vai começar a buscar lá nos seus [livros] empoeirados o dicionário e vai começar a anotar. Foi isso que aconteceu comigo, eu comecei a anotar as palavras que eu via “isso eu não sei” e eu vou começar a ler o que significa. Então eu fui começar a entender os textos pesados. Eu me lembro do meu primeiro professor que me deu uma referência negra na UFRJ, foi o Ricardo [professor substituto de Fundamentos Sociológicos da Educação]. Depois, foi a Luciana [professora de História da Educação]; depois, a Nastassja [professora de Filosofia da Educação no Mundo Ocidental]; depois, nessa ordem, veio a Rita; depois veio a Ana Paula. Daí você começa a pensar “caramba, tô começando a me enxergar aqui! Agora tô vendo palavras que estão no meu cotidiano! Agora posso me apresentar da forma que eu sou”, porque você fica com vergonha, você se cala. Eu sou uma pessoa muito falante, então tinha aula de professor que eu falava muito e de outros professores que eu não falava nada! Que eu não me sentia confortável. E como você está num espaço público e não se sente confortável? Como você tem acesso a um espaço que você adquiriu a vaga — vamos dizer assim, apesar de não acreditar nisso — por mérito, e você não se sentir confortável?

Eu: eu até hoje, não vi tantas referências negras não. Eu tive professores que usaram referências negras, mas ainda acho que poderiam ter sido mais. Hoje eu vejo bastante no meu grupo de

pesquisa, né, porque a pesquisa narrativa busca justamente trazer à tona os conhecimentos que surgem desses espaços que são renegados, entendeu? Desses conhecimentos das brechas. Então ainda falta, realmente, muita coisa.

Gyanne: Falta. A Rita de Cássia, ela deu Didática, né? Eu *puxei* Didática com a Rita e eu me apaixonei por ela, porque as referências que ela trouxe *pra* aula eram referências negras e indígenas. Quando eu vi ela colocando no quadro e pedindo “dividam-se em grupos e pesquisem de acordo com essas referências”, e a gente foi pesquisando e apresentando, eu fui vendo que eram pessoas [pesquisadores] negras, indígenas, não tinha referência branca ali. Cara, maravilhoso! Porque aí é quando você se reconhece como pessoa! Você vê que sua história, a sua narrativa, ela também é importante! Então o que você falar, não vai ser apagado, vai ser valorizado, vai importar *pra* alguém. E ela falava, né, que é um processo que vai aos poucos. Você introduz uma coisa aqui, outra ali; os estudantes também vão trazendo suas demandas, porque nós podemos avaliar a disciplina e sugerir coisas.

Quando estávamos na pandemia, eu puxava cinco matérias e via quais eram as matérias mais “tranquilas”, com muitas aspas, *pra* poder continuar, então eu sempre eliminava duas, três. Aí no primeiro período de pandemia, eu só puxei três matérias. Aí depois eu só conseguia puxar duas. Duas! E as práticas ficando *pra* depois. Quando a gente voltou da pandemia... Nathália, eu puxei sete matérias. Eu ia *pra* faculdade de manhã e de noite — eu chegava atrasada, é lógico! —, desesperada! Eu chorava o caminho quase todo, mas eu ia e falava “eu vou conseguir!”. Ainda tive a infelicidade de reprovar em Didática da Matemática na pandemia. Então quando eu volto da pandemia, eu puxo Didática da Matemática de novo! [...] Aí na minha cabeça é: ou eu faço isso, ou todo mundo da turma que eu entrei vai sair e eu vou ficar aqui... até quando? Aí não reprovei nenhuma depois que voltamos da pandemia. Mas foi muito complicado. O [meu] corpo não *tava* aguentando. No final do período, não era mais a Gyanne indo, era só o corpo.

Eu: Queria que você falasse um pouco como você faz *pra* conciliar a sua saúde com a universidade, tanto física — porque o cansaço afeta o nosso físico no sentido de abaixar a imunidade, sentir dores no corpo — quanto psicológica, se você teve questões nesse sentido.

Gyanne: Então, eu não tive nenhuma questão psicológica porque na pandemia eu pensei “se eu morrer? Eu não vou levar nada!”, por isso eu diminuí minha carga de matérias. Quando eu volto e faço esse movimento de [estudar] de manhã e de noite, eu sinto muito no meu corpo. O meu

emocional que ficou assim “e se eu não der conta? E se o professor pedir mais do que ele tá dizendo no início da disciplina?”, porque isso acontece, né?! Não com muitos professores, mas já aconteceu com alguns que no início o programa [da disciplina] é uma coisa, mas depois no final muda a forma de avaliação. Então o emocional ficou um pouco abalado; com medo de não dar conta. Eu tinha muito medo, Nathália... meu medo era sempre assim: “E se eu for mandada embora? Como eu vou me sustentar? Como que eu vou vir *pra* faculdade? E é isso. Você come na faculdade. Comer na faculdade, às vezes, o *bandejão* [restaurante universitário] não rolava, né? Eu demorei anos pra poder ir *no* bandejão porque meu horário nunca batia, então eu levava a minha marmita ou às vezes fazia lanche pra não abaixar a imunidade. Então era assim: “abala meu emocional, mas não abala meu corpo!”, no sentido de não me deixar ficar acamada e tal. Mas meu emocional ficou muito abalado e muitas vezes eu achei que não ia conseguir não. Até hoje eu penso “Como que eu consegui?”. Eu sei que eu fiz as atividades, eu sei que eu fiz muitas coisas; mas quantas dessas coisas me transformaram verdadeiramente? Tem coisas que só foi; “tem que fazer? Então vamos fazer” e aí eu fui lá e fiz. Mas tiveram outras que me atravessaram, que me afetaram, que me emocionaram; professores que não passavam uma pilha de textos, mas que priorizou a qualidade dos textos e trabalho aquilo em quatro, cinco aulas, tipo “vamos extrair o máximo desse texto”. Mas teve professor que passava tipo, doze textos. Doze aulas, então doze textos. Mas qual deles a gente realmente se aprofundou? Nenhum! Então o programa tá lá: doze aulas, doze textos, doze produções. Mas não me atravessou de forma nenhuma. Não atingiu nada. Foi só o período.

[...] a gente que estuda Pedagogia, a gente estuda muita coisa da área da filosofia, da sociologia, e a gente vai vendo que, realmente, o nosso pensamento vai se construindo... às vezes vai ser naquela aula, mas em outras vai ser numa aula totalmente diferente, né?! Eu tive uma questão também que eu sinto até hoje, eu penso em como vou escrever a minha monografia, que eu não acho que eu escrevo bem. Mas o que é escrever bem? Estar dentro de um padrão é uma coisa, agora, escrever bem é algo subjetivo! Cada um produz de uma forma. Eu sempre falo assim, né, falo *pra* minha mãe: “mãe, quando eu for escrever minha monografia, vou escrever uma monografia gostosa de ler, eu quero que as pessoas sintam prazer no que eu vou escrever”. Quem tiver que ler a minha monografia *pra* fazer o seu TCC futuramente, eu quero que sintam prazer no que *ta* lendo, no que eu escrevi. Eu quero fazer isso! Mas caramba... o quanto que não ter um repertório — hoje a gente tem, né, cinco anos de faculdade, muitas coisas a gente leu. Agora, como ter uma escrita própria, que seja gostosa de ler e que não fuja do padrão? Porque eu acho que isso é tirado da gente dentro da universidade; ou então às vezes isso não é apresentado, porque você tem que escrever sempre dentro de um padrão, que você

acaba perdendo quem você é e você precisa se encontrar. Então *pra* escrever minha monografia, eu vou ter que me encontrar, porque eu não sei [escrever dessa forma]. Então você cai numa nóia... é muito louco! Então quando eu vejo um texto gostoso de ler eu penso “caramba, eu quero escrever assim”. Você começa a ler e não quer parar!

Eu tive várias questões com meu estágio de Educação Infantil porque como moradora da zona norte, cria de favela, eu queria viver a experiência do estágio de Educação Infantil dentro de um território de favela. Mas como as escolas estão limitadas dentro da perspectiva dos professores, eu fui fazer meu estágio no Complexo do Alemão. A localização da escola era como se fosse Olaria, mas era entre o Complexo do Alemão e da Penha; e quando tinha operação, impactava na escola. Então não estava dentro da favela, mas era caminho. E aí aconteceram algumas coisas comigo, tipo: eu fui *pra* escola, cheguei na porta da escola e *tava* tendo operação no Complexo da Penha e do Alemão e eu fiquei no meio de um tiroteio. E aí foi um desespero, sabe, fiquei desesperada... tentava falar com a minha mãe, tinha que sair de lá e conseguir chegar em casa. Nisso a minha professora não conseguiu fazer minha regência dentro do tempo pré-estabelecido, eu tive que voltar na escola depois que eu já tinha encerrado as minhas cem horas de estágio. Eu fui *na* escola um dia antes da minha regência, mas eu fiquei ansiosa, passei mal...[...] Porque eu já saí do meu estágio com as horas cumpridas e o que eu tinha planejado eu tive que mudar, porque a escola já *tava* vivendo uma outra coisa e eu não vou dar regência pra criança de um tema defasado; tenho que pensar um tema pra regência dentro da proposta pedagógica da escola. Aí por isso tive que ir um dia antes, *pra* poder planejar outra regência e isso me causou muita ansiedade. Por fim, consegui fazer a entrega da minha regência. Mas é isso: querendo estar na zona norte, eu sofri todos esses atravessamentos negativos no meu estágio.

Eu: E aí são mais coisas que você tem que negociar no seu trabalho, né? De ter que voltar na escola, e tal...

Gyanne: Exatamente. Eu negocie as férias, né? Os dias que eu ia *pra* escola, eram contados como meus dias de férias. [...] cem horas de prática e sessenta de aula: é *pra* quem? Porque se você parar *pra* pensar, você não precisa desse tempo todo na escola pra você vivenciar uma coisa que você pode vivenciar as vezes em quarenta e cinco, sessenta horas. [...] é mais uma forma de excluir. Eu conheci uma menina que *tá* na Pedagogia tem sete anos. Ela não conseguiu fazer nenhum estágio. [...] O importante é você estar no chão da escola pública. Isso *pra* mim é importante, porque estar no chão da escola pública vai fazer diferença; porque quando eu *tô* no

chão de uma escola privada, eu tenho todos os privilégios [recursos] de uma escola privada que a escola pública não tem. Mas cem horas? Não faz sentido.

Aí elas falam “As escolas que nós estamos colocando como possibilidade pra vocês são as escolas de qualidade”.

Eu: É! Aí eu perguntei “Então só essas são de qualidade, as outras da Rede [municipal] não são?” [...] Então só as da zona sul servem? Aí dizem “A gente procura escolas que tenham uma qualidade pedagógica, uma proposta pedagógica que se alinhe com que a Faculdade de Educação acredita” ... só [têm] essas? Nenhuma na zona norte, na zona oeste? Quando eu digo zona oeste, *tô* falando que nem na Barra [da Tijuca], nem Recreio tem.

Gyanne: Isso é muito louco porque, como você já sabe, eu moro na Maré. O que mais tem aqui é escola. E aí quando eu me pego puxando as Práticas e vendo a lista... me deu um negócio na cabeça que eu fiquei “ué, gente! Não tem escola na Maré?”; “Professora, eu moro na Maré, ali na Nova Holanda, ali tem escolas, escolas novas que fizeram e não sei o que... A senhora não tem nenhuma escola ali?”; “Não, as escolas são essas [que estão na lista]”. Nathália, sabe o que eu fiz? “Então *tá*. Zona sul eu não posso, tem alguma escola no Centro?” E foram nessas que eu fiz estágio. Saía do trabalho... porque eu optei por fazer perto do meu trabalho, né? Pensando no tempo e qualidade de vida. Se eu vou *pra* outro lugar, como é que eu faço? Mobilidade do Rio de Janeiro é horrível; e outra: eu preciso dormir e não vou perder minha noite de sono, me desculpa! Porque se me der um piripaque eu não vou levar UFRJ, não vou levar diploma, não vou levar nada! Mando meu e-mail lá “Professor, me perdoa, *tô* enviando hoje meu trabalho. Atenciosamente, Gyanne”. Se aceitar, bem. É um risco? É um risco. Mas a responsabilidade é minha? Até que ponto? Porque o professor pode ser flexível. Ele não corrige só o meu trabalho, então não tem por que não aceitar depois.

[...] Eu não vejo nenhuma eletiva sete horas da manhã. É tudo de dez e meia, dez e cinquenta ao meio-dia; de meio dia às duas [da tarde] ... É *pra* quem fazer? E quando tem a noite, não tem muitas possibilidades. Eu puxei uma agora de noite, eu espero ser surpreendida positivamente com todas as forças do meu ser, porque foi a única eletiva disponível na grade de seis e meia [da noite] na sexta-feira. Era essa que eu realmente queria? Não. Mas era a que tinha disponível que eu tinha horário *pra* fazer. Então eu vou ter que despençar depois do meu horário de trabalho para a UFRJ, seis e meia da noite numa sexta-feira porque era a única eletiva possível para minha grade. [...] eu espero, realmente, me identificar com o professor, me identificar com o programa do professor, porque se eu não fizer a eletiva eu também não me formo.

Eu pensava no início da graduação “eu vou fazer uma eletiva que eu goste”. Por exemplo, eu queria muito fazer Intelectuais Negras. Todo mundo que fez falou que amou! Mas eu não consigo fazer [por conta do horário em que a eletiva é ofertada]. Então, uma eletiva que eu sei que eu posso me identificar de todas as formas possíveis, eu não consigo puxar.

[...] E pensar que às vezes a gente vai pelo caminho, não pelo programa que vai te atravessar, mas por causa de *grana*, porque a gente precisa de grana... [...] a gente não *tá* criticando apenas o professor, mas o professor pode abrir um caminho, igual a Mônica. A Mônica abriu um caminho *pra* mim. Ela fez [uma reunião] experimental por causa da Gyanne. “Não, a gente vai colocar então a possibilidade de ser remoto os nossos encontros” e deu certo! Não deu certo só *pra* mim, deu certo *pra* uma outra pessoa que morava longe e não falou sobre as dificuldades, mas também foi contemplado.

[...] E tem uma coisa que aconteceu numa aula de uma professora [...] reclamar que os alunos chegavam na aula dela, assinavam a folha de chamada e depois, quando dava dez horas, ia embora, dez horas da manhã. Cara... professora, você não consegue compreender que nem todo aluno que é trabalhador vai estudar à noite? [...] a pessoa às vezes pode fazer negociações no trabalho e viver a faculdade em outro horário. Porque a ideia do professor da Faculdade de Educação dos alunos que estudam de manhã é “Esses alunos não trabalham”. Eles precisam estar aqui desde o horário que inicia até o final da aula.

Eu: E tem gente que trabalha literalmente de noite, em restaurantes, casas de eventos... e tem o estágio, né?

Gyanne: Exatamente. [...] eu levantei minha mão e falei “Professora, eu trabalho. Por isso às vezes eu saio dez, às vezes dez e quinze [da manhã], porque eu sabendo da demanda que eu tenho no trabalho e que a senhora já encerrou [a aula], mas tem que ir até dez e cinquenta [da manhã], eu vou ter que me retirar. Eu estive aqui e o que tinha que ser passado, já foi passado.”

Eu: Na pandemia, eu fiz uma disciplina [...] que morando em Santa Cruz, eu precisava parar a aula tipo, dez horas [da manhã], porque dez e quarenta no máximo do máximo eu já tinha que tá no trem *pra* eu chegar no estágio na Tijuca [...] e era meio-dia e meio que eu tinha que estar lá. Se eu não pegasse o trem até, no máximo, dez e quarenta, eu ia com certeza chegar atrasada lá. As pessoas que estavam lá [no estágio] de manhã precisavam que eu chegasse *pra* elas irem embora. Então mesmo que fosse um estágio — porque tem professores que também tem essa, né? Tipo “ah, é um estágio”, como se fosse simples, pudesse chegar atrasado. Aí ela não gostava

[que saísse da aula antes de terminar]. [...] como essa vivência do curso, que acaba sendo precarizada, né, porque a gente tem que fazer cansada, no automático; deixamos de fazer certa coisa para fazer outra [...] você sente que isso pode atravessar a sua prática como professora no futuro?

Gyanne: Eu sinto isso em partes. Às vezes eu penso “Que tipo de pedagoga eu vou ser?”. E aí eu olhando *pra* prática dos professores que atravessaram a minha vida de forma positiva, eu acho que eu não vou ter problema porque eu percebo que o estudo, a formação ela não se esgota. E o que eu não aprendi dentro da universidade, eu vou aprender de alguma outra forma, em algum momento. Nem que seja dentro da minha sala de aula, tendo as dificuldades ou a necessidade [de aprender] dentro da minha sala de aula. Então eu não acho que falte algo e que vá faltar algo. Eu acho que é isso: a gente precisa se desprender da ideia — isso aí eu fui construindo ao longo do tempo, claro— que a gente não sabe tudo e nem vai saber tudo. Às vezes a gente vai ter que se permitir e falar “Não sei” e vou ter que sentar *pra* estudar. E muitas vezes a gente vai precisar voltar *pra* universidade pra entender outros teóricos que a gente ainda não conheceu. Então dentro disso, eu penso que eu não vou ter questões de “estou esgotada, estou defasada. Eu vou me renovar”. No grupo de extensão que eu participei, do FEARJ, a gente falava muito sobre isso, né?! Da distância entre a escola e a universidade e quanto isso impacta de forma negativa, né?! Porque o professor da educação básica fica se sentindo menor do que o professor da faculdade porque ele produz textos, porque *tá* dentro da universidade. E é ao contrário! Todo professor universitário que não está no chão da escola básica, o que ele tem é passado. Porque todo dia os alunos têm algo *pra* ensinar pra gente. [...] se a gente se permitir ser afetado pelos nossos alunos, pelos alunos que vão estar dentro da nossa sala de aula, a gente vai ser os educadores mais potentes que tem nesse mundo. Então é isso que eu penso.

Eu já *tô* vivendo a parte educadora aqui num projeto social na Maré. Toda vez que eu vou *pro* projeto, eu fico assim... [expressão de felicidade] porque é um projeto que eu já tinha idealizado na minha cabeça e nunca tinha visto em lugar nenhum aqui na Maré. Aí um amigo, que é da área de Humanas, tinha um projeto com vestibular e abriu um projeto para crianças. Cara, eu me candidatei *pra* entrar como voluntária e acabou que esse projeto contou como hora de extensão pra mim na universidade; já cumpri as horas e ainda *tô* no projeto, porque é onde eu me encontro, sabe?

- NARRATIVA DE ISABELA

Eu: Eu quero primeiro que você se apresente, diga em qual período que você *tá*, o ano que você entrou... e contar um pouco da sua vivência, como a mobilidade da faculdade pra sua casa; que tipo de cota você se enquadra, a sua modalidade... daí qualquer coisa eu falo.

Isabela: Sou Isabela Salomão, eu *tô* no 11º período de pedagogia. eu entrei no 2019.1, então tecnicamente era *pra* eu estar formada há um ano, porém, a faculdade não é esse conto de fadas que a gente entra achando que é. Eu moro em São João de Meriti, na baixada fluminense, num bairro que faz divisa com outro município, que é Duque de Caxias. Então quase tudo que eu faço é em Caxias, muito mais que no município de São João. O meu ensino médio inteiro, até o fundamental 2 foi todo em Caxias, quando eu estudei *pro* vestibular eu estudei em Caxias também... tanto que a minha casa é mais próxima do centro de Caxias do que do centro de São João, mas eu resido atualmente em São João. Eu sou cotista de escola pública e de renda.

Eu sou uma estudante que *pra* me manter na faculdade eu preciso de bolsas, do auxílio permanência, que eu ganho como cotista; e eu sou bolsista de um projeto de extensão também. Essa é a maneira que eu encontrei de me manter na faculdade sem estar trabalhando fora dela. Só que durante um tempo, do final de 2021 até metade de 2023 eu trabalhei numa escola privada e aí inclusive foi o motivo da minha graduação ter se estendido mais do que o tempo previsto, porque apesar da bolsa ser de grande ajuda, essa política de assistência estudantil dá uma assistência, mas as vezes não dá, a gente precisa que trabalhar. Eu passei quase 2 anos trabalhando numa escola privada e aí eu tive que atrasar porque era tudo muito longe: eu moro em São João de Meriti, a escola era no Camorim, perto da Curicica, em Jacarepaguá e o nosso campus é na Praia Vermelha. Então tudo muito longe um do outro e eu passava alguns dias na casa do meu tio, daí eu ia *pra* faculdade e depois ia pra casa e ficava nisso de... foi uma época muito cansativa e eu sinto que afetou meu rendimento na faculdade. Apesar das notas em si não terem, tipo... eu não reprovei, eu não tirei nota baixa, nunca tirei uma nota que pudesse colocar minhas bolsas em risco, mas eu sinto que meu rendimento... meu aprendizado foi bastante prejudicado porque eu estava sempre cansada. Eu saía de casa na segunda-feira às quatro horas da manhã, e aí eu trabalhava segunda inteira, estudava terça, quarta e quinta... só que aí, nos horários da tarde, eu trabalhava... e na sexta eu

também trabalhava o dia inteiro. Junto disso, eu fazia extensão e nisso também, a pandemia não tinha acabado, então foi uma época cansativa. Mas é isso, a gente trabalha, a gente estuda e tem coisas *pra* fazer em casa, porque, sabe?! Não tem quem faça, a tarefa é dividida pelas pessoas dentro de casa... então esse período entre 21 [2021] e 23 [2023] foi muito cansativo, que eu sentia que meu rendimento caiu na faculdade, mas eu não podia... ia fazer o que? Largar o meu emprego? Na época não dava.

Eu sou uma estudante que se beneficia desse programa de assistência estudantil e eu acho que isso me permitiu chegar até o final da graduação, porque como eu moro fora do município do Rio, a passagem não é quatro e trinta [R\$4,30], a passagem é dez e sessenta [R\$10,60]. Então eu pegava o ônibus de dez e sessenta ou eu pegava um de cinco [R\$5] e um de oito [R\$8] então, de qualquer forma, a passagem dava mais de vinte reais, vinte e cinco reais no final do dia. Então além do percurso ser muito grande era muito dinheiro desembolsado *pra* pagar a passagem. Eu lembro de ter uma época que eu pagava mais de oitocentos, novecentos reais por mês em passagem. Eu sei que eu consegui administrar isso com as bolsas que eu ganhava. Porque a minha família não é extremamente pobre, mas a gente também não é classe média. Então essa política das bolsas deu bastante ajuda nesse percurso da universidade, até porque não é só passagem, né?! Era alimentação, era xerox... a gente faz muita coisa além de pagar passagem e comer na rua. Então eu me sinto muito beneficiada por essa política de auxílio estudantil. Uma das maiores dificuldades, também, que eu senti, foi essa questão da distância porque ou eu saio de casa quatro e meia da manhã ou eu chego em casa onze e quarenta, onze e cinquenta da noite. Quando eu pego matéria de manhã é isso: sair quatro e vinte, quatro e meia [da manhã]. E quando eu pego matéria à noite, *pra* tentar conciliar de alguma forma os estágios e as disciplinas, eu chego em casa onze e quarenta, e se alguma coisa der errado no transporte público, eu chego em casa mais de meia noite. E *pra* mim é muito difícil porque eu tenho muito medo de andar na rua sozinha, porque eu já estive em situações muito difíceis... uma foi no primeiro ano da faculdade, que onde eu moro... grande parte da baixada fluminense é tomada pelo tráfico e a rua em que eu moro, tem uma boca de fumo no final. Só que a minha casa está localizada numa parte que tem um trevo e a rua vai fazendo tipo um “Y”. Onde está a minha casa, dá *pra* ter visão das duas ruas, então os bandidos ficam no meu portão. Daí um dia eu fui sair pra faculdade, destranquei o portão e quando abri, tinha um cara com uma arma apontada, apontada pra minha cabeça! Aí eu fiquei assim, meio estatelada! Tipo, caraca!

Que que eu faço? Eu dou um grito? Se eu gritasse, ele podia se assustar e me dar um tiro. Daí eu fiquei parada aí ele “Ah, desculpa, pensei que era polícia” e eu falei “tá”. Daí eu tranquei o portão e saí *pra* ir pra faculdade. Eu funcionei no automático. Eu lembro que eu andei um pouco e comecei a chorar muito na rua, fui chorando até o ponto de ônibus. Daí eu entrei no ônibus e fui *pra* faculdade como se nada tivesse acontecido. Só que a partir disso eu tive muito medo de sair na rua.

Voltando da pandemia, em 2021, eu saí *pra* faculdade, eu fui assaltada na minha rua... só tinha eu na rua, não tinha ninguém e o cara não *tava* nem armado, mas o que eu ia fazer? Ele ia me atropelar com a moto dele! Daí eu voltei *pra* casa e depois conversei com a professora, expliquei minha situação e ela entendeu e tal. Mas essa questão de morar longe, é muito difícil, porque eu *tô* sempre saindo em horários extremos: ou muito cedo de manhã, ou muito tarde, à noite; e é sempre uma preocupação: quando eu chego tarde eu penso “caraca, será que tá tranquilo? Será que alguém vai poder me buscar na esquina?” e o transporte já começa a ser precário, porque o último ônibus que passa mais próximo da minha casa, sai da Central às dez e meia da noite. Só que aí, é isso: tem professor que não aceita que você saia cedo da aula. Tem professor que não aceita que você chegue atrasado na aula de sete e meia da manhã e ele, que mora na zona sul, consegue chegar na hora. Mas às vezes eu não consigo, tem vezes que eu saio cedo de casa e não consigo chegar na hora porque o ônibus, sei lá, quebrou. Eu acho que tem muito disso, de uma falta de compreensão... não *tô* falando que o professor tem que aceitar o aluno chegando atrasado todos os dias, mas cara, às vezes foge do controle: a gente se esforça pra chegar cedo, a gente se esforça pra estudar, pra fazer dar certo... A gente vive fazendo malabarismo, de verdade, para conseguir lidar com todas as Práticas [de Ensino], com as horas absurdas de extensão, com uma grade que não é fácil, que você não consegue fazer em um período só... porque o nosso curso, falam que é de um período [turno] só, mas a gente não consegue [fazer], não tem como: se você puxa quatro matérias, você tem a sua hora de estágio pra fazer e você não consegue fazer em um dia só. Aí você vai falar sobre isso com a coordenação [de estágios], a coordenação diz que você tem que estudar no transporte público... então, assim, tem sido um malabarismo muito grande me manter na faculdade. Eu sinto que da parte docente e da coordenação não tem essa compreensão e nem essa atenção mais detalhada para esse aluno que é cotista. Eu sinto que eles esperam que a gente tenha o mesmo rendimento da pessoa que mora em Botafogo, que mora na Barra da Tijuca, da pessoa que mora perto da faculdade que consegue acordar às sete da manhã e estar ali

na faculdade sete e meia, oito horas [da manhã]. Eu sei que às vezes foge do nosso controle, o sistema é injusto; mas eu também sei que da parte docente, da parte de coordenação, direção da faculdade [de Educação] poderia ter um pouco mais de diálogo com esse aluno cotista. A gente não é ouvido... quando as coisas acontecem, a gente não é ouvido. Eu sinto que a Faculdade de Educação parte muito desse princípio de: eu ganho isso aqui, eu que moro na baixada, a fulana que mora na zona oeste, e a outra que mora na zona sul, a gente ganha o mesmo quadrado e a gente vai ter o mesmo tempo de fazer esse quadrado virar uma bola e a gente não têm as ferramentas necessárias pra isso; a gente não têm esse auxílio, esse acompanhamento necessário, minimamente, no início da faculdade, quem dirá agora no final que a gente tá começando a entrar nesse mercado de trabalho.

Eu: Muitas coisas você já sabe: a gente compartilha dos mesmos problemas de morar longe. Agora, em fevereiro, eu me mudei *pra* zona norte, então melhorou mil vezes isso. Eu tô ansiosa pra começar as aulas e eu ver qual a sensação de não moram em *Tão Tão Distante* [referência à cidade do mundo fictício do filme Shrek]. Mas eu vou fazer as minhas últimas disciplinas, então acho que vai ser mais proveitoso futuramente quando eu fizer um mestrado, por exemplo. [...] Eu queria perguntar *pra* você como que foi ou é fazer as extensões, como você se sente com essa rotina de ter que conciliar suas coisas pessoais com as da faculdade, de ter estágio pra complementar a renda e tudo mais. Você sente que viveu a UFRJ de forma plena? Porque, no meu caso, eu não sinto. Eu perdi várias palestras por conta de horário, atividades de extensão... eu fiz todas no remoto porque era a oportunidade que eu vi de fazer tudo e que seria possível *pra* mim, né?!

Isabela: Cara, eu tenho certeza que eu não vivi a UFRJ plenamente. Por ser longe [...] porque, assim: a bolsa de extensão você tem que se dedicar, sei lá, vinte horas semanais *pra* você tá lá trabalhando e pra você ser extensionista bolsista. Então eu sinto que muita coisa eu não vivi. Nunca fui a muitos congressos... tinham coisas que eu assistia, porque eu preciso de hora complementar, mas nunca pelo prazer de vivenciar a universidade. Tipo, saída de campo: nunca vivi; visitar não sei o que lá: nunca vivi. Na viagem de Educação Popular e Movimentos Sociais [visita à escola do MST em São Paulo] eu não pude ir, porque, pô, eu ia chegar muito tarde, eu ia chegar em casa uma hora da manhã. Como eu ia chegar uma hora da manhã em casa? [devido à falta de transporte público

pra casa dela] então eu sinto que eu não vivenciei a UFRJ de forma ampla e eu sinto que, no início da faculdade eu tive muita dificuldade, sabe? Por ser aluna oriunda do ensino público, que eu estudei em uma escola estadual... foi muito difícil o final do meu ensino médio porque a escola já estava com falta de professor, já *tava* fechando o terceiro turno, que era o noturno; então a escola *tava* entrando em crise. No meu terceiro ano, dois ou três professores entraram em greve e ficaram quase três bimestres de greve e eu fiquei sem aula. Então eu não tinha professor de física, professor de sociologia, não tinha professor de filosofia... Então quando eu entrei na faculdade, eu fiquei assim “Meu Deus... o que eu *tô* fazendo aqui?”. Não é que eu não sabia de nada, só que eu não sabia de quase nada. E no meu início aqui na faculdade eu lembro que eu jurava que eu ia ser reprovada em todas as disciplinas e que eu seria expulsa porque eu teria sido reprovada simultaneamente em cinco disciplinas. Daí foi muito difícil... até eu entender o que era a universidade, até eu entender como a universidade caminha... eu sinto que a UFRJ não te explica plenamente como a universidade vive, os professores entram [na sala] achando que a gente já sabe tudo, então... aquilo me deu um negócio, eu me sentia o cocô do cavalo do bandido. Eu tinha que sair muito cedo de casa e aí eu chegava na faculdade e via que não sabia de nada. Eu só não saí da faculdade porque eu não tinha outra opção: ou eu ficava naquela faculdade... eu não tinha mais um ano pra tentar o Enem. Eu me formei no ensino médio em 2016 e só entrei [na UFRJ] em 2019. Então esses dois anos de 2017 e 2018 eu estudei. E eu ficava pensando “*tô* gastando o dinheiro da minha mãe”, porque eu estudava num pré-vestibular público, mas precisa do dinheiro pra passagem, tinha que ver comida... E aí eu pensava “ou eu entro na faculdade agora ou eu vou ter que arranjar um trabalho”. Daí quando eu entrei na faculdade e vi tudo isso eu fiquei tipo [fez cara de espanto]. Porque *pra* gente pobre, não tem opção de desistir. Não dá *pra* desistir e ficar às custas dos pais.

Eu sinto que principalmente nesse início da faculdade eu não vivi nada da UFRJ, de tudo que a UFRJ pode oferecer *pra* gente. Eu lembro de ficar muito noitada [preocupada] de tipo... eu abri mão de muita coisa *pra* permanecer na UFRJ, tipo, comemorar aniversário, sair... eu tenho a consciência de que, desde que eu entrei na faculdade, eu fui muito mais reclusa, porque eu sempre tive esse sentimento de que eu tenho que correr muito mais atrás do que outras pessoas pra poder, no mínimo, me nivelar pra poder conseguir entender o que o professor tá falando. Eu lembro que eu fiz uma amizade no começo da faculdade que ela estudava no CP2 [Colégio Pedro II] e ela

falando um monte de coisa que eu não entendia nada [risos]. Se eu falar que eu não sei, ela vai pensar que eu sou burra!

Cara, eu não sinto que a universidade tem esse lugar de escuta, não tem esse lugar de “ah, *tá* com essa dificuldade? Então vamos resolver”. Eu sei que é uma universidade muito grande, mas ao mesmo tempo tem coordenações específicas. Então com um trabalho separado, você consegue atender os seus alunos — na teoria. [...] Mas ao mesmo tempo que eu acho que a universidade me tornou ansiosa, eu acho que eu me sinto muito mais ansiosa pós universidade, mas eu acho que tem muito a ver com a época que a gente viveu a universidade, por ter vivido a universidade na pandemia. Mas eu sinto que se não fosse pela minha rede de apoio, eu com certeza teria dropado [desistido] a faculdade ou não estaria psicologicamente no lugar que eu estou hoje. Eu consegui amadurecer mais a minha cabeça. Eu sinto que esse tempo na faculdade, vendo muita coisa, conhecendo pessoas *muuuuito* diferente de mim... porque na minha bolha social as pessoas são parecidas comigo, sabe? Eu me relaciono com pessoas que são da minha religião, me relaciono com pessoas que eu sou amiga desde a infância, então são pessoas que eu já conheço por mais que sejam pessoas diferentes de mim. A universidade me proporcionou conhecer pessoas muito diferentes de mim, que eu sei que eu não conheceria se não fosse pela universidade. Então eu acho que a universidade me deu esse senso do diferente e também me ajudou a falar em público, porque eu morria de medo, eu era apavorada *pra* falar em público. Eu acho que também o curso me fez desenvolver isso: a proatividade, a tomada de decisão, de tomar a frente das coisas. [...] eu sinto que a universidade me ajudou nisso, nesse senso de comunidade também, eu sinto que a gente faz tudo em comunidade na faculdade [...] me ajudou com resolução de conflitos.

Eu sinto que todo esse tempo que eu perco no transporte, eu sempre penso que poderia ser um tempo que eu poderia estar estudando, poderia estar entendendo mais o que estou estudando. Eu sinto que eu não aprendi tudo que eu poderia aprender na faculdade e sinto sim que isso pode afetar a minha docência, que isso pode afetar a forma que eu trabalho e que eu vou ter que ficar, novamente, correndo atrás *pra tá* ambientada naquela coisa, mais do que outra pessoa que absorveu mais coisas que, no seu processo de aprendizagem ela não foi tão atravessada por dificuldades. E aí eu sinto que isso vai afetar, mas eu não me sinto mal por isso, porque não tem nada que eu possa fazer sobre isso. Eu não vou ficar me martirizando, me sentindo mal porque senão eu vou ficar a vida inteira nesse looping de “ah, eu poderia ter feito isso. Mas eu não fiz isso porque

estava fazendo outra coisa na faculdade; porque sou pobre”, sabe? Eu acho que isso não faria muito bem *pra* minha cabeça. Eu tenho consciência que meu processo de aprendizagem foi afetado, mas não há muito o que se fazer a respeito disso e o que eu posso fazer agora é o meu cem por cento. Se o meu cem por cento não é suficiente... não vou me martirizar por causa disso. Mas ao mesmo tempo, o tempo que eu trabalhei fora da universidade, foi um tempo de muito aprendizado. Eu vivi a escola, o chão da escola. Então ao mesmo tempo que academicamente eu não obtive todo aprendizado que eu queria, eu sinto que na prática eu sou mais segura. Mesmo que eu tenha que buscar um pouco mais na teoria depois, a prática que eu vivi nessa escola privada me acalmou um pouco desse medo de ser professora.

Eu: Então a sua percepção é que apesar de ter todas essas questões teóricas que a gente estuda, tem outros saberes que são inerentes à prática que aí só vivendo [para aprender], e aí você se sente mais segura, é isso?

Isabela: Isso. Não que eu me sinta totalmente despreparada nessa questão teórica, dos saberes teóricos. Mas eu também valorizo os saberes práticos que eu adquiri durante o trabalho, durante as práticas [de Ensino] que, apesar de serem absolutamente grandes [carga horária], a gente acaba adquirindo esses saberes práticos. Eu não me sinto totalmente desamparada por conta desses saberes.

Eu: Isso é muito legal porque, lá na pesquisa, no ConPAS, uma coisa que a gente põe muito em evidência é que a escola é uma produtora de saberes infinito, porque tem muito um preconceito, né, da universidade com a escola do tipo “eu sou professor da universidade então eu sei mais que você, que está na escola”, como se na escola eles não estivessem a todo momento construindo e transformando em novos saberes a partir dos que já existem.

- NARRATIVA DE DANIELE

Daniele: Eu entrei em 2019.1 e entrei pela cota de escola pública. Eu lembro que na época aquela coisa do Sisu de você colocar e esperar... enfim, eu vi que eu passaria tanto na UFRJ quanto pra Unirio, na ampla. Aí eu acho que no último dia, eu vi que se fosse pela ampla, eu não conseguiria entrar e aí eu me desesperei um pouquinho e fui pela cota de escola pública. Na época eu nem sabia como funcionava, qual era a diferença, eu só vi que, mudando ali no Sisu, eu poderia ficar dentro. Então assim, eu não tive nenhuma intenção, obviamente eu não tinha muita informação, né?! Aqui da minha família eu fui a primeira a passar *pra* uma universidade pública, então eu acho que assim, foi um pouco difícil de entender melhor o processo de chegar numa universidade, até o Enem... as estratégias de você usar o Sisu, essas coisas mais “básicas”, entre aspas. E aí eu entrei pela cota de escola pública, pela chamada regular e tal e aí comecei o primeiro período. Na época, pouco antes de começar de fato as aulas e tal, eu lembro que a gente *tava* vendo aqui em casa, eu com a minha mãe e com meu pai, como a gente faria esse processo de deslocamento, porque eu moro em São João de Meriti e, como a universidade fica em botafogo, né, Urca, botafogo, é um trajeto chato pra caramba de se fazer; é um trajeto muito longo, muito longe, de duas horas. E até então, eu nunca tinha feito esse trajeto sozinha pra uma outra cidade porque não tinha necessidade, eu sempre estudei aqui perto, em 15 minutos eu *tava* na escola, nunca precisei fazer um trajeto tão longo pra estudar. Então na época a gente *tava* vendo o transporte, se minha aula fosse sete e meia da manhã, que horas eu ia ter que sair de casa; e a questão do custo de passagem. No primeiro período eu não tive nenhuma bolsa. Foi totalmente custeado pelos meus pais. E eu acho que, naquela época, acho que a passagem mensal, já era trezentos e poucos, acima de trezentos reais que dava. Eu lembro que teve uma conversa prévia aqui em casa sobre pagar passagem, porque, querendo ou não, é um dinheiro que fazia falta naquela época. Mas era aquilo: era sobre estar numa universidade pública, depois de dois anos fazendo Enem, entendeu?! Depois do ensino médio eu tive que estudar de novo *pro* Enem pra conseguir dar conta de passar... e eu só consegui passar no Enem porque eu fiz o curso do Descomplica, então foi um ano inteiro estudando em casa, só focando nisso. Foi um ano de muito trabalho e esforço *pra* conseguir chegar lá, e quando eu cheguei lá precisou ter essa organização porque fica um pouco complicado, trezentos reais fazem muita diferença no bolso de uma família que tem seis pessoas. Como foi antes da pandemia e durante a pandemia as

coisas mudaram muito aqui em casa, era só meu pai que sustentava a casa inteira com seis pessoas. Então assim, eram trezentos e poucos por mês, era caro, mas deu certo. O primeiro período inteiro foi isso e aí eu pegava um ônibus, o metrô e depois outro ônibus quando chegava em botafogo. Então três transportes públicos *pra* chegar na aula sete e meia, oito horas, muitas vezes atrasada porque acontecia algum imprevisto.

Eu: você tem direito ao auxílio de transporte municipal, ao bilhete único universitário?

Daniele: Eu tenho o passe-livre universitário e aí depois que eu entrei, que eu passei, que comecei a entrar naqueles grupos, né, de calouros com veteranos e tal, que eu fui me inteirando do processo. Aí eles falaram que quem tinha a cota de escola pública era meio que automático, pegava uma declaração na faculdade... eu não lembro mais como era o processo, mas assim, eu lembro que foi um pouco mais fácil pra mim porque eu não tive que comprovar renda, enviar documentação que é um processo mais chato e tal... e aí eu consegui pegar o passe-livre, o qual eu acho que teve algumas regras aí que mudaram, mas no primeiro período eu consegui pegar meu passe livre, mas depois de um mês e meio de aula, por aí. Mas esse passe-livre aí, *pra* mim não fez muita diferença porque ele só funciona no município do Rio, né?! Daí eu pegava um ônibus em São João pra Pavuna; na Pavuna eu pego um metrô e esse passe-livre não serve *pra* nada no metrô e é onde a passagem realmente pegava. Porque hoje já *tá* um absurdo [o valor da passagem do metrô], antes já era um absurdo, já era caro. Então era ônibus e metrô e, nisso daí, já eram dez reais, ou até mais. Aqui em São João, o único ônibus intermunicipal que me dá o acesso à cidade do Rio de Janeiro, vai só até o Centro. Então eu pagaria, na época ele era uns nove reais, *pra* ir só até o Centro do Rio, provavelmente atrasada, porque ele ia demorar porque eu acho que ele ia pela avenida Brasil... então não ia me ajudar. O que me ajudava é o metrô, que já me deixava na zona sul, ia ser mais rápido, não pegava trânsito. Então eu chegava em Botafogo, aí usava o passe-livre *pra* pegar outro ônibus pra chegar na faculdade. Mas antes disso [de ter o passe-livre] eu ia a pé mesmo, uns quinze, vinte minutos. Mas era ruim: quando *tava* chovendo era ruim; quando *tava* calor pra caramba era ruim; e eu não sabia fazer o trajeto por dentro, acho que pela rua da passagem... então eu fazia por fora, onde tem aquela pista da avenida Pasteur, eu ia por ali. Mas aí foi isso, primeiro mês eu fazia isso, depois com o passe-livre não fez muita diferença, só quando teve essa questão de fazer estágio e fazer extensão, que aí eu me deslocava pelo Rio. Aí beleza, foi bom porque eu não precisava

tirar passagem do meu bolso. Até hoje é assim: eu vou pra UFRJ, aí uso ele depois do metrô, aí depois vou *pro* trabalho no Rio e uso ele de novo; aí tenho aula a noite, depois do trabalho, aí uso ele de novo. Mas mudou mesmo... acho que foi em setembro, com o auxílio de passagem intermunicipal. Só que eu lembro que ele *tava* previsto pra ser ainda no primeiro semestre de dois mil e dezenove, aí teve todo um atraso que a gente recebeu retroativo. Acho que foi em outubro, novembro... que a gente recebeu o retroativo, foi por aí. Eu lembro que na época a primeira coisa que eu fiz com o dinheiro foi comprar um computador, que eu tenho até hoje, porque eu não tinha computador aqui em casa. Eu fazia tudo por um computador muito velho, de 2012, todo *capenginha*... porque ele era muito ruim, daí a primeira coisa que fiz foi comprar um notebook, *pra* eu ter condições de estudar; conseguir ler minimamente um texto, porque até meu celular na época era horrível. Daí as coisas começaram a realmente melhorar, porque, assim, eu entrei por cota de escola pública, mas eu poderia ter entrado por renda também, mas eu lembro que na época eu não queria a parte burocrática, porque eu não lembro se *pra* trocar para cota de renda, eu teria que reunir a documentação correndo, não lembro. Aí imagina ter que imprimir documentação de seis pessoas? Daí eu preferi colocar só de escola pública, porque eu sempre estudei em escola pública, desde o CA [antiga classe alfabetizadora] até o ensino médio, três escolas municipais e uma estadual. Daí as coisas começaram a melhorar nessa questão de estudo e da culpa de tipo “ah estou dando gastos pra minha família” quando eu consegui o auxílio. Eu até consegui comprar o notebook à vista, porque acho que o retroativo foi tipo mil e setecentos, algo assim... e ainda consegui separar dinheiro *pra* passagem do mês.

Em dois mil e dezenove, eu peguei um projeto da Luciene sobre alfabetização, porque eu queria estudar mais sobre, sobre anos iniciais... aí eu *tava* no segundo período quando entrei no projeto como voluntária, porque era só pra estudar mesmo. Eu entrei assim quando começou o segundo período e acho que foi no finalzinho do segundo período, acho que era dezembro já... que a bolsa passou *pra* mim, que vagou e eu passei a ser bolsista. Então eu recebia o auxílio da passagem e a bolsa da extensão que me dava a possibilidade de fazer coisas básicas, tipo “ah, vou comprar um livro”; “vou comer um lanche”. Ainda tinha o *bandejão*, porque eu bandejava, né?! Não fazia marmita não. Eu bandejava, comia lá... não comia tudo que *tava* lá, mas comia. Aí eu tinha que ter os dois reais todos os dias *pra* almoçar, ainda tinha isso. Aí entrou a pandemia e eu parei de frequentar presencialmente a universidade, continuei recebendo as minhas bolsas... a de auxílio eu recebo até hoje. A [bolsa] acadêmica também, porque até hoje esse

projeto que eu fiquei, eu fiquei uns oito meses mais um ano como bolsista; depois eu emendei em algum projeto... acho que foi o PIBID, né? É, foi. Eu até tive que preencher um termo *pra* adiantar o desligamento da minha bolsa desse projeto porque eu ia receber a do PIBID no mês seguinte. Aí depois disso, eu emendei na monitoria do PIBID com a Residência [Pedagógica], que hoje eu sou monitora. E foi assim.

Aí eu fui pegando experiência no mundo acadêmico, por mais que eu tenha sentido muito na pele esse cansaço físico, emocional e tal, tudo naquela época — dois mil e dezenove, pelo menos —, era muito bonito *pra* mim, eu tinha uma visão um pouco mais romantizada. Nunca tinha pegado metrô, acho que só *pra* ir pra praia e era muito raro, também. Então era “ai, eu *tô* pegando metrô”, como se fosse legal, muito romantizado. Então houve uma mudança na minha vida muito grande, muito grande. Todo meu núcleo familiar, de amigos, tudo era em São João. E em São João não tem nada. Não é falando mal não, é que não tem mesmo. Em Caxias tem coisa *pra* fazer, mas em São João não. Não tem um lugar *pra* andar de bicicleta, um parque igual o de Madureira, sabe? Não tem nada, é ruim! Então entrar na universidade foi tudo muito maravilhoso no início porque eu conheci pessoas muito diferentes... eu até mudei minha forma de me vestir. O choque cultural é muito grande. A universidade mudou muita coisa na minha vida, muita coisa mesmo. Até percepções sobre a educação. Teve uma aula, acho que foi no primeiro ou segundo período, que a gente discutia em sociologia o comentário de “ah, porque os estudantes não se interessam, fazem bagunça” e tinha toda uma bagagem por trás que fazia o aluno ser assim que eu não sabia sobre. Então muita coisa mudou, não só nessa parte pessoal, mas também de entender o mundo ao meu redor, que é a Pedagogia. O curso de Pedagogia na UFRJ faz com que a gente compreenda, faz a gente acessar, todo um contexto, uma conjuntura histórico-social do Brasil *pra* pensar a educação. Então foi o que eu falei, naquela época eu romantizava muito porque, realmente, era legal! Eu só estudava, depois eu passei a ser bolsista de extensão, ia uma vez na semana numa escola, era mega divertido, legal. Até então eu era só estudante, durante um ano da minha vida eu fui só estudante, acadêmica, estudando muitas coisas novas. Eu lembro que na época a minha grande dificuldade era socializar. Levantar a mão na aula, dar uma opinião, apresentar trabalho então... era um terror. Eu não sentia a necessidade de ter que trabalhar, porque, por mais que meus pais estivessem fazendo um esforço, eles pensavam “ok, você está estudando, se esforçou *pra* caramba *pra* poder passar... foco no seu estudo”. Então, no início, eu não senti a necessidade de ter que trabalhar e conciliar trabalho com os estudos. Então eu tive esse

privilégio, esse direito. Até o sétimo período, que eu decidi fazer um estágio remunerado por escolha minha, *pra* adquirir experiência. Então nunca sofri a pressão de ter que trabalhar. Às vezes tinha pressão minha, nunca externa. Porque a gente que é da classe trabalhadora, não dá *pra* ficar só estudando que a gente fica “nossa, só estou estudando?”. *Pra* minha necessidade, [as políticas de assistência à permanência] deram conta. Naquela época, *pra* o que eu precisava, sim, que era o auxílio das passagens; me dar a garantia de ter acesso à universidade.

É todo um esforço monumental *pra* você ter que estudar, ter acesso à universidade, porque a universidade pública nunca vai estar aqui na baixada fluminense. Geograficamente, é elitismo puro. Quem tem acesso à essa universidade? Ela é *pra* quem? E eu falo da minha trajetória, mas tem gente que ainda faz um esforço muito mais absurdo. É surreal pensar nisso. Eu acho que isso também desgasta muito, porque foi o que eu falei: em dois mil e dezenove eu romantizava muito a faculdade, tirando esse aspecto que eu ainda tinha muita dificuldade de me comunicar em público. Isso melhorou na pandemia e com o PIBID, porque a gente tinha que se apresentar em vários eventos, então tive uma preparação. E o fato da gente se apresentar online, *pra* uma câmera, me ajudou. Hoje eu consigo falar em público, mas porque durante a pandemia eu tive toda essa formação com o PIBID. Eu fui criando algumas estratégias *pra* falar. Quando as aulas voltaram, quando o período remoto começou a acontecer, não foi difícil *pra* mim porque eu tinha acesso à internet, espaço *pra* estudar — não era o melhor espaço porque eu estava no quarto dos meus pais, mas era um espaço que eu tinha uma *estantezinha*, uma mesa. A internet não era a mais rápida do mundo, mas me atendeu, às vezes caía? Caía [a conexão da internet]. Mas nada que me impedisse de assistir às aulas, de participar dos eventos online e tal. Depois que passaram aqueles primeiros meses de dois mil e vinte, aí realmente foi bem difícil. Meu rosto começou a pipocar de espinha, foi aí que eu realmente me agarrei ao período remoto. Eu fui muito produtiva, de fato. Eu puxei cinco disciplinas; *tava* em dois projetos de extensão e eu *tava* num grupo de pesquisa... eu me atolei de coisas. *Pra* mim, isso funcionou, porque eu *tava* com a minha família. Meu pai voltou a trabalhar, mas era intercalado: trabalhava uma semana e não trabalhava na outra semana; a patroa dele pagava o *Uber* também, então ele ia e voltava de *Uber*. E, graças a Deus, aqui eu não perdi ninguém. Fiquei com muito medo, ansiosa e tal... mas não perdi ninguém próximo, ninguém adoeceu, ninguém teve que ser internado. Então eu só tinha mesmo que estudar. *Tava* tudo bem, então era me agarrar com a faculdade, estudar uma coisa que eu gostasse.

Muitos trabalhos que eu já fiz no metrô, leituras... sempre foi assim. Porque eu tenho duas horas de metrô por dia né, então sempre foi assim. Foi uma estratégia que eu adotei. Porque quando eu comecei a trabalhar no sétimo período, eu já tinha construído toda uma vivência acadêmica, isso é fato. Eu tive essa oportunidade de construir um currículo acadêmico, poder ter participado de vários eventos, de programas como o PIBID, eu consegui pegar as oportunidades que vieram até mim. Consegui driblar muitos desafios, barreiras, criar estratégias também... então eu consegui viver a academia de fato. Claro que a maior parte no período remoto, mas foi o que deu. E deu! De certa forma deu sim. Então quando eu quis trabalhar foi mais por essa necessidade de que alguma coisa faltava e seria importante complementar, e também porque eu queria o dinheiro para mim. Já *tava* com vinte e dois anos, também *tava* com essa carga de “ok, preciso realmente trabalhar... ninguém tá me cobrando pra trabalhar, ninguém tá me implorando pra trabalhar, mas eu quero trabalhar”. E também vai ser bom *pra* minha formação profissional, pro mercado de trabalho e também ver como é a realidade de uma escola privada, que é muito diferente das dos estágios [obrigatórios] e do curso de Pedagogia. Eu fui parar numa escola tradicional confessional que eu concordo muito, com algumas ressalvas, mas eu gosto muito de várias coisas do que eu vejo também. E *tá* tudo bem, cada um tem sua prática docente, né. Só que realmente eu senti o baque. Em 2022.1 e 2022.2 eu só consegui puxar três disciplinas e acho que 2023.1 também. 2023.2 acho que consegui puxar quatro... mas você vê? eu precisei reduzir as disciplinas porque eu não ia dar conta. O maior desafio que eu enfrentei durante a minha trajetória acadêmica foi morar longe da faculdade. Porque se eu morasse em Botafogo.... ah, minha filha...

- NARRATIVA DE BEATRIZ

Eu: [...] daí eu queria que você me contasse mais ou menos como é sua rotina: onde você mora, onde trabalha, como é acessar a universidade no sentido de mobilidade da sua casa pro campus... e como você tem vivido a UFRJ, como tem sido, se tem sido difícil ou não; e como você se sente em relação às políticas de assistência estudantil: se você sente que te atende ou não; se mesmo com todos os auxílios que você possa ter, se eles ainda assim não suprem as suas necessidades. Daí eu vou esperar suas respostas pra gente conversar um pouco, porque eu quero saber também sobre as suas vivências de estágio, se você consegue ou conseguiu fazer as extensões, se você já escutou coisas negativas ou insensíveis dos professores em relação aos alunos cotistas; enfim, todas essas questões. Você vai falando sobre sua trajetória na UFRJ e aí eu vou perguntando sobre o que for surgindo que seja interessante a gente falar sobre.

Beatriz: Bom, eu tenho 28 anos. Moro em São João de Meriti (baixada fluminense), especificamente na comunidade da Vila Ruth... normalmente pego três ônibus para chegar à faculdade, no início pega somente dois por ainda na época não ter conseguido fazer o bilhete universitário e nem receber auxílio transporte (hoje tenho os dois), nessa mesma época fiz apenas duas disciplinas por conta da falta do dinheiro. Moro com meus pais, e eles não trabalham, meu pai é pedreiro, mas é informal, então o trabalho é esporádico.

Estou no 7 período, hoje recebo auxílio permanência, auxílio transporte, alimentação e digital... mesmo com essa ajuda ainda sim tive que complementar com estágio não obrigatório desde o terceiro período, para conseguir ajudar em casa.... só que por fazer esse estágio escolhi não puxar nos períodos anteriores a disciplina de estágio obrigatório... não lembro de ter ouvido algo dos professores. A rotina da aula para estágio foi bem cansativa, passei mal diversas vezes no caminho para a escola por conta da correria para chegar em um bom horário. Recentemente saí do estágio remunerado para poder conseguir fazer as disciplinas atrasadas, mas me inscrevi em algo da faculdade para receber outra bolsa, mas não é algo certo de acontecer rs [risos]. Acordo às 4h para sair de casa às 4h40 e pegar o primeiro ônibus, acredito que esse horário é quase um padrão para quem mora mais distante, já ouvi de outros colegas que acordam no mesmo horário.

Eu: É osso mesmo! No meu caso, eu morei em Santa Cruz, na zona oeste (último bairro, inclusive) até o período passado, porque, graças a Deus, eu e minha família conseguimos nos mudar para a zona norte, que facilita *muuuuuuuuuita* coisa...

Mas eu acordava também às 3h50/4h...

Quando a aula terminava eu já ia direto para o bandejão e conseguir ficar entre os primeiros da fila *rs* [risos] depois do almoço corrido eu ia pegar o primeiro ônibus para Central, lá eu pegava o ônibus para a escola que fica no Bilac (Caxias), sentido bem oposto da minha casa *rs* [risos] ... quando saía de lá para voltar para casa precisava pegar dois ônibus, mas não fazia isso sempre... apenas nos dias em que estava muito cansada, então normalmente pegava apenas um e andava o resto do caminho. Chegava em casa quase 18h e dificilmente conseguia fazer alguma leitura proposta pelos professores, com muito esforço conseguia fazer os trabalhos, mas para conseguir eu tinha que ou faltar na aula ou no estágio para ter um dia livre.

Eu: De que forma você sente (caso você sinta) que essas experiências e vivências atravessam sua formação? De que forma você acha que as suas vivências (precisar atrasar disciplinas, morar longe etc.) afetam a sua formação como docente? Por exemplo, você acha que isso afeta sua preparação como professora? Você acha que isso contribua negativamente ou positivamente na sua formação?

Beatriz: Ah, sim! Com certeza prejudica, me sinto uma "farsa" *rsrs* [risos], por não me aprofundar nos assuntos, por falta de tempo e por causa do cansaço.

Eu: Eu compartilho do mesmo sentimento...

Beatriz: Sinto que apenas a experiência no estágio possa ter colaborado. Muitas vezes me interesse por alguma disciplina optativa, mas olho o horário e desanimo, não gosto de chegar tarde em casa por conta da segurança ou melhor pela falta dela. Aqui às vezes tem confronto, então tudo tem que ser pensado em relação aos horários.

Eu: Eu sinto também que não pude aproveitar tanto a experiência de ir a palestras, festas etc. Você sente isso?

Beatriz: Isso, isso mesmo... Sobre a pergunta se isso me afetou emocionalmente... eu acredito que não, lembro que no início, quando voltamos para o presencial, eu me sentia bem triste no trajeto *rs* [risos], mas acho que era mais por causa da "mudança", era algo novo *pra* mim. Hoje acredito que tenha "acostumado" *rs* [risos]. Bom, como você disse que isso não será julgado...então posso acrescentar que creio que somente pela ajuda de Deus tenho conseguido permanecer lá, tanto por causas financeiras, emocionais e pelas disciplinas, muitas vezes pensei que não iria conseguir finalizar ou ser aprovada, mas graças a Deus consegui. Levo em meu coração as palavras do meu Senhor que diz: "não temas, eu estou aqui para ajudá-lo"... e assim tem sido... com esforço, com cansaços, mas lembro que na infância a faculdade era algo impossível *pra* mim e estar lá hoje é obra que só posso dizer que foi Deus. Sou muito grata pelos auxílios e eles realmente ajudam e eu não consigo pensar qual seria a solução para que conseguissem ajudar ainda mais alunos, é muito triste ler que alguns não conseguem a bolsa ou algo assim, bate um desespero *tbm* [também] às vezes... ah, agora pensando bem... acho que o abalo emocional que me causa é ficar ansiosa, principalmente, em épocas de renovação de auxílio... nós nunca sabemos se vamos continuar na lista, se aquele período foi o último... isso me causa muita agitação, mesmo sabendo que fiz tudo o que podia fazer, sempre acho que algo pode me desclassificar *rs* [risos]. Antes era manter as 20h, fiquei com bastante medo porque eu queria continuar com o estágio remunerado, queria não, precisava *rs*... mas enviei mensagem pra eles e me explicaram sobre as 20h.

Eu: Oii, desculpe a demora! Essa semana tá corrida pra mim, acabei esquecendo de responder.

Sobre os auxílios da UFRJ, realmente, eles são essenciais!!! Me ajudou e me ajudam demais! Eu só penso que eles poderiam alcançar e suprir melhor os estudantes cotistas, sabe?

Eu vejo também que sua fé te ajuda muito a se manter firme e seguir em frente, isso é muito importante mesmo!!

E sobre esse sentimento de ansiedade: eu entendo! Ainda mais a UFRJ, como instituição pública, que precisa das verbas e muitas vezes não recebe, né?! Angustiante mesmo.

Beatriz, novamente te agradeço por ter disponibilizado seu tempo e sua caminhada na UFRJ! Ah, eu esqueci de perguntar: qual a sua modalidade de cota? tipo, escola pública, renda, por cor...

Beatriz: todos esses *rs...*

Eu: *ta* bem, obrigada!!!

ANEXO II



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NARRATIVA

Eu, GYANNE DA SILVA CUSTÓDIO, portadora da carteira de identidade nº 25.578.104-9, expedida pelo DETRAN, inscrita no CPF sob o nº 131.518.837-61 autorizo, de forma expressa, o uso de minha narrativa compartilhada em conversa via *GoogleMeet* e/ou *WhatsApp*, bem como meu nome, sem qualquer ônus, em favor de **Nathália Pereira dos Santos Cotrim**, portadora da carteira de identidade nº 29.156.750-1, expedido pelo DETRAN, inscrita no CPF sob o nº 170.662.517-09, para uso na monografia intitulada **NARRATIVAS SOBRE MANOBRAS E MALABARISMOS DE ESTUDANTES COTISTAS NA GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA NA UFRJ** que será publicada pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos à minha imagem, conexos ou a qualquer outro. A validade deste documento está sujeita a conferência da assinatura por meio do envio de cópia de documento de identificação ou firma reconhecida.

Rio de Janeiro, 04 de novembro de 2024.

Documento assinado digitalmente
gov.br GYANNE DA SILVA CUSTODIO
Data: 04/11/2024 20:57:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Gyanne da Silva Custódio

Documento assinado digitalmente
gov.br NATHALIA PEREIRA DOS SANTOS COTRIM
Data: 04/11/2024 20:51:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nathália Pereira dos Santos Cotrim



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NARRATIVA

Eu, ISABELA SALOMÃO RODRIGUES, portadora da carteira de identidade nº 27.131.619-2, expedida pelo DETRAN-RJ, inscrita no CPF sob o nº 164.476.967-05, autorizo, de forma expressa, o uso de minha narrativa compartilhada em conversa via *GoogleMeet* e/ou *WhatsApp*, bem como meu nome, sem qualquer ônus, em favor de **Nathália Pereira dos Santos Cotrim**, portadora da carteira de identidade nº 29.156.750-1, expedido pelo DETRAN-RJ, inscrita no CPF sob o nº 170.662.517-09, para uso na monografia intitulada **NARRATIVAS SOBRE MANOBRAS E MALABARISMOS DE ESTUDANTES COTISTAS NA GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA NA UFRJ** que será publicada pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos à minha imagem, conexos ou a qualquer outro. A validade deste documento está sujeita a conferência da assinatura por meio do envio de cópia de documento de identificação ou firma reconhecida.

Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2024.

Documento assinado digitalmente
gov.br ISABELA SALOMAO RODRIGUES
Data: 05/11/2024 10:44:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Isabela Salomão Rodrigues

Documento assinado digitalmente
gov.br NATHALIA PEREIRA DOS SANTOS COTRIM
Data: 06/11/2024 20:24:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nathália Pereira dos Santos Cotrim



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NARRATIVA

Eu, DANIELE SUEIRA DE LIRA, portadora da carteira de identidade nº 26.951.519-3, expedida pelo DETRAN, inscrita no CPF sob o nº 181.987.457-50, autorizo, de forma expressa, o uso de minha narrativa compartilhada em conversa via *GoogleMeet* e/ou *WhatsApp*, bem como meu nome, sem qualquer ônus, em favor de **Nathália Pereira dos Santos Cotrim**, portadora da carteira de identidade nº 29.156.750-1, expedido pelo DETRAN, inscrita no CPF sob o nº 170.662.517-09, para uso na monografia intitulada **NARRATIVAS SOBRE MANOBRAS E MALABARISMOS DE ESTUDANTES COTISTAS NA GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA NA UFRJ** que será publicada pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos à minha imagem, conexos ou a qualquer outro. A validade deste documento está sujeita a conferência da assinatura por meio do envio de cópia de documento de identificação ou firma reconhecida.

Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2024.

Daniela Sueira de Lira

Daniele Sueira De Lira

Documento assinado digitalmente
gov.br NATHALIA PEREIRA DOS SANTOS COTRIM
Data: 04/11/2024 20:56:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nathália Pereira dos Santos Cotrim



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NARRATIVA

Eu, BEATRIZ RODRIGUES MAGARÃO, portadora da carteira de identidade nº 27.077.102-5, expedida pelo DETRAN, inscrita no CPF sob o nº 167.212.377-17, autorizo, de forma expressa, o uso de minha narrativa compartilhada em conversa via *GoogleMeet* e/ou *WhatsApp*, bem como meu nome, sem qualquer ônus, em favor de **Nathália Pereira dos Santos Cotrim**, portadora da carteira de identidade nº 29.156.750-1, expedido pelo DETRAN, inscrita no CPF sob o nº 170.662.517-09, para uso na monografia intitulada **NARRATIVAS SOBRE MANOBRAS E MALABARISMOS DE ESTUDANTES COTISTAS NA GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA NA UFRJ** que será publicada pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos à minha imagem, conexos ou a qualquer outro. A validade deste documento está sujeita a conferência da assinatura por meio do envio de cópia de documento de identificação ou firma reconhecida.

Rio de Janeiro, 04 de novembro de 2024.

Beatriz Rodrigues Magarão

Beatriz Rodrigues Magarão

Documento assinado digitalmente
gov.br NATHALIA PEREIRA DOS SANTOS COTRIM
Data: 04/11/2024 20:56:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nathália Pereira dos Santos Cotrim